



Universidade de Aveiro
Ano 2020

**OLINDA
TAVARES
NORONHA**

**Interpretação e Envolvimento da Comunidade Local:
Sugestão de Experiências Turísticas para o Couto
Mineiro do Pejão**



Universidade de Aveiro
Ano 2021

**OLINDA TAVARES
NORONHA**

**Interpretação e Envolvimento da Comunidade Local:
Sugestão de Experiências Turísticas para o Couto
Mineiro do Pejão**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Elisabeth Kastenholtz, Professora Associada do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro e da Doutora Maria João Aibéo Carneiro, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho a todos os que me acompanharam nesta caminhada.

o júri

Presidente

Doutora Zélia Maria de Jesus Breda
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Vogais

Doutora Ana Maria Balbino Caldeira
Professora Auxiliar, Universidade de Coimbra

Doutora Elisabeth Kastenholz (Orientadora)
Professora Associada, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Um agradecimento especial à minha orientadora Elisabeth Kastholz e à minha coorientadora Maria João Carneiro, a quem agradeço a paciência e o apoio, assim como toda a coordenação ao longo desta dissertação. Agradeço à minha família o apoio incondicional e aos amigos o suporte e incentivo, agradeço a ambos, a compreensão da minha permanente ausência. Não menos importante, agradeço às minhas colegas de mestrado por toda a ajuda prestada.

palavras-chave

Turismo, turismo cultural, turismo mineiro, interpretação, envolvimento da comunidade, atividades turísticas, experiências cocriativa, Minas do Peirão.

resumo

A extração mineira marcou fortemente o século passado e, com o encerramento de várias minas ligadas a esta atividade, ficou ao abandono todo um legado patrimonial de valor singular, como é o caso das Minas do Peirão. O presente trabalho aborda a importância da atividade mineira na perspectiva do turismo e a transformação destes legados em atrações turísticas. É analisada, ao longo desta dissertação, bibliografia relacionada com o aproveitamento do património mineiro para o turismo, assim como com a gestão de visitantes, interpretação e envolvimento da comunidade em projetos turísticos, com maior ênfase para projetos turísticos que resultam de antigas explorações mineiras.

É também efetuado um estudo empírico que abrange dois casos em contexto real - Trêsminas, no Norte de Portugal, e Falu Gruva, na Suécia – em que se analisa o aproveitamento turístico destes complexos mineiros para o turismo. Por fim, são dadas sugestões de implementação de atividades turísticas no território do couto mineiro do Peirão, sendo estas sugestões elaboradas com base na revisão bibliográfica efetuada ao longo de toda a dissertação e dos casos estudados no âmbito do estudo empírico. São fornecidas linhas de orientação para o aproveitamento deste complexo mineiro, sobretudo no que se refere a técnicas de gestão de visitantes a implementar, incluindo estratégias a adotar para uma melhor interpretação do território e um maior envolvimento da comunidade.

keywords

Tourism, cultural tourism, mining tourism, interpretation, community involvement, tourist activities, co-creative experience, Minas do Peirão.

Abstract

Mining extraction has strongly marked the last century and, with the closure of several mines linked to this activity, a legacy of singular value, such as *Minas do Peirão*, was abandoned. The present work addresses the importance of mining activity in the perspective of tourism and the transformation of these legacies into tourist attractions. It is analyzed, throughout this dissertation, bibliography related to the use of the mining heritage for tourism, as well as to the management of visitors, interpretation, and community involvement in tourism projects, with greater emphasis on tourism projects that result from former mining operations.

An empirical study is also carried out covering two cases in a real context - *Trêsminas*, in the Northern Portugal, and *Falu Gruva*, in Sweden - in which the tourist exploitation of these mining complexes for tourism is analyzed. Finally, suggestions are given for implementation of tourist activities in the territory of *Couto Mineiro do Peirão*, being these suggestions elaborated based on the bibliographical review conducted throughout the dissertation and the cases studied in the scope of the empirical study. Guidelines are provided for the use of this mining complex, especially regarding visitor management techniques to be implemented, including strategies to be adopted for a better interpretation of the territory and greater community involvement.

Índice

Capítulo 1. Relevância e objetivos.....	1
1.1 - Relevância da dissertação	1
1.2 - Objetivos gerais e específicos	5
1.3 - Metodologia da dissertação.....	6
1.4 - Estrutura da dissertação	7
Capítulo 2. Contextualização e evolução do turismo mineiro	9
2.1 - Introdução	9
2.2 - Evolução do turismo cultural	9
2.2.1 - Conceptualização.....	9
2.2.2 - Percurso histórico.....	12
2.2.3 - Impactos no destino.....	14
2.3 - Turismo mineiro.....	16
2.3.1 - Turismo industrial	16
2.3.2. Turismo mineiro – uma tipologia de turismo industrial	18
2.4 - Oferta do turismo mineiro a nível internacional e nacional	20
2.5 - Conclusão	24
Capítulo 3. A interpretação e o envolvimento da comunidade como técnicas de gestão de visitantes no âmbito das minas	25
3.1- Introdução	25
3.2 - Gestão de visitantes – conceito e filosofia	26
3.3 - A interpretação como técnica da gestão de visitantes	33
3.4 - Técnicas utilizadas na interpretação	37
3.5 - Projetos de turismo mineiro e as técnicas de interpretação utilizadas.....	41
3.6 - O envolvimento da comunidade local como estratégia de gestão de visitantes em turismo mineiro	57
3.7 - Conclusão	62
Capítulo 4 – Metodologia.....	63
4.1- Introdução	63
4.2 - Escolha e justificação da metodologia	63
4.3 - Métodos da recolha de dados.....	64
4.3.1 - Estudos de caso.....	64
4.3.2 – Revisão de Literatura	65

4.3.3. - Análise Documental.....	66
4.3.4 - Observação participante.....	66
4.3.5 - Entrevista aos gestores das minas analisadas nos casos de estudo.....	67
4.3.6 - Entrevista aos vereadores do município de Castelo de Paiva.....	69
4.3.7 – Entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro.....	71
4.4 – Conclusão.....	72
Capítulo 5 – Análise de dados recolhidos sobre dois casos de turismo mineiro	73
5.1 - Introdução.....	73
5.2 - Estudo de caso de Falun Gruva.....	73
5.3 – Estudo de Caso do Complexo Mineiro de Trêsminas.....	83
5.3 - Análise e principais conclusões relativas aos dois casos de turismo mineiro	94
5.5 - Conclusão.....	98
Capítulo 6 – Análise do potencial das Minas do Pejão para um projeto de turismo mineiro.....	100
6.1 - Introdução - O Couto Mineiro do Pejão e o seu potencial.....	100
6.2 – Caracterização territorial.....	100
6.3 - Bacia Carbonífera do Douro – 300 milhões de anos de História.....	101
6.4 - Definição de couto mineiro.....	102
6.5 - A História das Minas do Pejão.....	105
6.5.1 – Contexto administrativo e económico.....	105
6.5.2 - Contexto social.....	108
6.6 - Análise de dados complementares.....	112
6.6.1 - Conteúdo das entrevistas das entidades locais.....	112
6.6.2 - Análise de conteúdo das entrevistas da comunidade local.....	115
6.6.3 - Observação participante.....	120
6.6.4 - Análise socioeconómica do concelho de Castelo de Paiva.....	124
6.7 - Análise SWOT.....	125
6.8 - Conclusão.....	126
Capítulo 7 – Sugestões de experiências interpretativas e envolvimento da comunidade para o couto mineiro do Pejão.....	128
7.1- Introdução.....	128

7.2 - Sugestões de implementação de experiências envolvendo interpretação para o Couto Mineiro do Pejão.....	128
7.3 - Envolvimento da Comunidade Local	140
7.4 - Conclusão	141
Capítulo 8 - Conclusão.....	142
8.1 - Principais conclusões.....	142
8.2 – Limitações, dificuldades e perspectivas de estudo futuras	148
Bibliografia.....	149
Apêndices	156
Apêndice 1 - Entrevista traduzida à gestora de Falu Gruva	156
Tradução do guião da entrevista	156
Apêndice 2 - Entrevista gestora de Trêsminas.....	164
Apêndice 3 - Respostas à entrevista dos vereadores do município de Castelo de Paiva	176
Vereadora do Turismo.....	176
Vereador da Cultura.....	179
Apêndice 4 - Respostas à entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro.....	183
Entrevistado 1	183
Entrevistado 2	185
Entrevistado 3	188
Entrevistado 4	191
Apêndice 5 – Hino dos Mineiros do Pejão.....	195
Apêndice 6 - Trilho do Mineiro	196

Índice de figuras

Figura 1- Turismo mineiro e a sua abrangência	20
Figura 2 – Mapa de minas inscritas como Património Mundial.....	20
Figura 3 - Mapa com a localização dos pontos de interesse geológicos e mineiros em Portugal registados no Roteiro de Minas.	23
Figura 4 – Estrutura representativa da gestão de visitantes	25
Figura 5- Gestão de visitantes e a sua abrangência	28
Figura 6 – Classificação das técnicas de gestão de visitantes	30
Figura 7 – Conteúdos de um plano de interpretação	36
Figura 8- Entrada do centro de visitantes da mina do Veloso	44
Figura 9- Entrada na galeria da Mina de Ouro do Veloso	44
Figura 10 - Interior da Mina de Wieliczka.....	47
Figura 11- Ilustração de visita em família à Mina de Wieliczka.....	47
Figura 12 – Crianças na visita do National Coal Mining Museum	50
Figura 13 Exterior do Coal Mining Museum	50
Figura 14 - Interior do Milos Mining Museum	52
Figura 15 - Exterior do Milos Mining Museum.	53
Figura 16 - Sovereign Hill.....	55
Figura 17 – Atividades com crianças em Sovereign Hill.....	56
Figura 18 - Visita às Minas de Brejuí	60
Figura 19 - Visita guiada por um Ex-mineiro a um grupo de crianças.....	60
Figura 20 - Visita guiada por um ex-mineiro	61
Figura 21 - Mapa da Suécia com a região de Dalarna a encarnado.....	74
Figura 22 - Mapa ilustrado com as atrações turísticas da região de Dalarna	74
Figura 23 - Vila Pouca de Aguiar no mapa de Portugal	84
Figura 24 - Mapa Delimitação do concelho de Vila Pouca de Aguiar	84
Figura 25 – Mapa de Castelo de Paiva no mapa de Portugal.....	101
Figura 26 - O Couto Mineiro do Pejão à escala nacional	103
Figura 27 – Mapa pormenorizado do couto mineiro do Pejão, com os pontos de exploração e as localidades	104
Figura 28 – Piscina de Germunde.....	121
Figura 29 – Bar da Piscina	122
Figura 30– Estruturas de suporte à exploração.....	122

Figura 31- Escritórios.....	123
Figura 32 – Casa para trabalhadores dos quadros técnicos	123
Figura 33 - 1º andar do Poço de Germunde, “Casa das Máquinas”	131
Figura 34 - 1º andar do Poço de Germunde – “Casa das Máquinas”, pormenor do mensário “O Pejão”	131
Figura 35 - Rés do chão do Poço de Germunde, apresentação do livro Carvão de Aço e exposição fotográfica do livro.....	132
Figura 36- Rés do chão do Poço de Germunde, apresentação do livro Carvão de Aço e exposição fotográfica do livro.....	132
Figura 37 – Cavalete do Fojo	133
Figura 38 – Grafiti de Santa Bárbara	134
Figura 39 – Grafiti de Santa Bárbara	135
Figura 40 – Grafiti do Mineiro	136
Figura 41 – Cavalete do Fojo	136
Figura 42 - Planta fornecida pela E.C.D aos mineiros para a construção das suas casas ..	139
Figura 43 - Imagem de uma casa de mineiro	139

Índice de tabelas

Tabela 1- Definições de turismo cultural	10
Tabela 2 - Pontos de interesse referenciados pelo Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico em Portugal.....	21
Tabela 3 - Conceituação de gestão de visitantes	27
Tabela 4 – Síntese de diversas estratégias físicas, reguladores e económicas	31
Tabela 5 – Opinião dos visitantes relativamente à Mina Du Veloso.....	45
Tabela 6 - Opinião dos visitantes relativamente à Mina de Wieliczka.....	48
Tabela 7 - Opinião dos visitantes relativamente às Minas de National Coal Mining.....	51
Tabela 8 – Opinião dos visitantes relativamente a Soverein Hill.....	56
Tabela 9 – Guião da entrevista	67
Tabela 10 - Guião da entrevista aos vereadores do município de Castelo de Paiva.....	70
Tabela 11 – Guião da entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro	71
Tabela 12 – Perfil da amostra das entidades locais	113
Tabela 13 – Perfil da amostra dos elementos da comunidade local	115
Tabela 14 – Análise do conteúdo das entrevistas da comunidade local	118
Tabela 15 – Dados populacionais do concelho de Castelo de Paiva	124
Tabela 16 – Análise SWOT do território e legado das Minas do Pejão	125

Capítulo 1. Relevância e objetivos

1.1 - Relevância da dissertação

Esta dissertação tem como tema central o Turismo Mineiro e a sua possível implementação no que, outrora, foram as Minas do Peirão. Pretende-se elaborar um conjunto de propostas de atividades interpretativas e de estratégias de envolvimento da comunidade a implementar no referido território. As razões que levam à escolha deste tema devem-se à sua relevância, relevância esta que se procura apresentar resumidamente em seguida nesta dissertação.

Embora a exploração mineira seja já conhecida desde a Idade dos Metais, a grande alteração e intensificação desta atividade acontece com a revolução industrial, ocorrida no século XVIII. Posteriormente, e devido às guerras mundiais ocorridas no século XX, a exploração mineira aumenta de forma nunca antes vista e atinge máximos históricos.

As proporções da referida exploração afetaram, não só a paisagem dos territórios onde ocorria, mas também as culturas, as pessoas, as crenças e grande parte do edificado, transformando de forma irreversível toda uma comunidade. A par desta transformação territorial, e atendendo a que esta indústria não tinha, à altura, preocupações ambientais, nem tão pouca noção dos efeitos nocivos para a saúde, fez com que a exploração mineira fosse ocorrendo normalmente (EDM, 2011).

Quando surgem as preocupações ambientais, surge, paralelamente, a consciência de a extração de minério não ser tão rentável como até então. Estes dois fatores aliados vão determinar o encerramento das minas a partir dos anos 70 do século XX. Este encerramento ocorreu à escala mundial sendo, conseqüentemente, as minas portuguesas afetadas também. Na viragem para o novo milénio, uma grande parte das minas mundiais já tinham conhecido o seu fim (EDM, 2011).

Com o encerramento da extração, o desemprego é a consequência mais visível após o fecho de uma mina, mas, para além disto, existem também consequências a nível social e emocional, efetivamente, devido a uma forte ligação entre as pessoas e a mina.

O que resta no local após o encerramento? Os denominados Legados Mineiros. Estes são constituídos pelos edifícios mineiros e todas as galerias que ficam ao abandono, assim como pelas marcas deixadas na paisagem. Apesar destes aspetos serem, de algum modo, o que de “negativo” sobra da exploração mineira, resta ainda uma comunidade com um legado cultural singular.

A preocupação com o legado das minas e o impacto que este tem, quer na paisagem, quer nas regiões e comunidades onde está inserido, vem sendo notória ao longo dos últimos 20 anos, quer a nível nacional, quer a nível internacional.

A nível internacional e, para além desta preocupação com os legados mineiros, tem sido atribuído valor cultural às mina e às suas comunidades, como pode ser comprovado pela crescente inscrição de minas e dos seus legados na lista de Património Mundial da UNESCO (UNESCO, 2020b). Esta importância está bem patente na definição dos objetivos que levam à inscrição de um património como sendo Património Mundial. A definição diz o seguinte: “O principal objetivo de uma inscrição na lista de Património Mundial é a salvaguarda e preservação do património natural e cultural de excepcional valor universal para as futuras gerações” (Comité do Património Mundial, 2002, p. 1). Em março de 2020 podiam-se encontrar 72 locais, pertencentes a antigas explorações mineiras, inscritos na lista da Património Mundial. Este dado mostra a importância que a exploração mineira e a cultura que ali se encontra, representam para a humanidade, e revela que a sua preservação é muito importante (UNESCO, 2020b).

Também se tem vindo a observar que, ao longo das últimas décadas, tem surgido uma crescente preocupação com o património intangível. Relativamente a este assunto, foi publicada pela UNESCO, em outubro de 2003, a ‘Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial’. As atas da convenção dizem o seguinte:

“Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de

continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana” (UNESCO World Heritage Committee, 2003).

Um Couto Mineiro não se limita ao edificado, ao que é tangível; é muito mais que isso, é constituído por um vasto conjunto de património imaterial, como se terá oportunidade de constatar mais à frente neste estudo e, por tudo isto, a importância reconhecida do imaterial, certifica o valor que este tema tem e também a importância da sua preservação.

A preocupação com os legados mineiros vem-se acentuando e em 2001, é publicado o decreto-lei nº 198-A/2001, onde consta a urgência em repor o equilíbrio ambiental de áreas sujeitas à atividade mineira, que expõe, especificamente, “*designadamente aquelas que hoje se encontram em estado de degradação e abandono, constitui um importante fundamento da presente iniciativa legislativa ... a fim de assegurar a preservação do património ambiental*” (Diário da República, 2001). Assim, a partir de outubro de 2005, a Empresa de Desenvolvimento Mineiro (EDM) procedeu à recuperação ambiental das áreas das antigas explorações mineiras abandonadas com vista à sua valorização ambiental, cultural e económica, atuando no âmbito da concessão que, para o efeito, lhe foi outorgada, na qualidade de representante do dono da obra, “o Estado Português” (EDM, 2011). Até setembro de 2011, segundo os dados apresentados pela EDM (2011), foram intervencionadas 175 das áreas mineiras inventariadas como degradadas. Após as intervenções de equilíbrio ambiental e de minimização de perigo, a opção mais usual tem sido a reutilização destes legados para fins turísticos, uma vez que o turismo representa um dos maiores sectores económicos e, embora tenha sido influenciado pelas recentes crises financeiras e mais recentemente, a nível regional e a nível global, pela pandemia do covid-19, o turismo tem mostrado uma tendência de crescimento contínuo na época que antecedeu a pandemia anteriormente referida. O turismo, nos primeiros 50 anos do século XX, cresceu para se tornar um dos maiores setores a nível mundial, representando, em 2019, 7% das exportações mundiais, gerando 1/11 postos de trabalho no mundo, e dando um contributo para o PIB mundial estimado em 10,2%, com previsões para os próximos dez anos de taxas de crescimento de 3,9% anualmente e, até 2030 (estimativas feitas anteriormente à pandemia do COVID-19), 1,8 mil milhões de visitantes estrangeiros, além de 5 a 6 mil milhões de turistas nacionais até 2030 (UNWTO, 2020).

De facto, o turismo moderno está intimamente ligado ao desenvolvimento e engloba um número crescente de novos destinos. Estas dinâmicas transformaram o turismo num motor fundamental para o progresso socioeconómico. Atualmente, o volume de negócios do turismo é igual, ou mesmo superior, ao das exportações de petróleo, produtos alimentares ou automóveis. O turismo tornou-se um dos principais intervenientes no comércio internacional e representa, ao mesmo tempo, uma das principais fontes de rendimento de muitos países em desenvolvimento (UNWTO, 2020).

Esta disseminação global do turismo produz benefícios económicos e de emprego em muitos sectores que se interligam. O contributo do turismo para o bem-estar económico depende da qualidade e das receitas da oferta turística (Cravidão, 2018). Assim, e como já referido anteriormente, a transformação para fins turísticos tem vindo a ser a opção mais frequente para os legados mineiros. São exemplos desta transformação os seguintes casos, podendo ser verificado pelo número de visitantes, que consta no Tripadvisor: Bonne Terre Mine, Missouri, EUA; Slate Caverns, Snowdonia País de Gales; Kolmanskop, Namíbia; Mina de sal Turda, Roménia; Mina de sal Wieliczka, Polónia; e Gold Reef City, Joanesburgo, África do Sul. Haverá, ao longo desta dissertação, oportunidade de analisar estes casos mais profundamente, dada a sua relevância para a mesma.

As Minas do Pejão são a imagem de como era a economia portuguesa na primeira metade do século passado, tendo por isso importância a nível nacional. Esta importância não era somente a nível económico, é também social, uma vez que a área territorial e a quantidade de pessoas que as Minas do Pejão abrangeram foram de uma enormidade singular, como se terá oportunidade de verificar com mais profundidade no sexto capítulo desta dissertação. Todas as comunidades que, de certa forma, são herdeiras de legados mineiros (quer as minas estejam ativas, quer já tenham terminado a sua extração) são os fiéis depositários de toda a história, tradição e costumes que são inerentes às comunidades mineiras, sendo assim, primordial, a inserção e envolvimento destas comunidades nos projetos de interpretação relacionados com as minas. As potencialidades turísticas que as Minas do Pejão possam apresentar ainda não foram profundamente abordadas, assim como a sua exploração para fins turísticos, que não é na atualidade muito referida, pese embora existam algumas iniciativas como percursos pedestres e exposições com a temática mineira, estas últimas não estão integradas num projeto comum estruturado.

A crescente preocupação, interesse e transformação das antigas minas em projetos com potencial turístico é relativamente recente e existe dificuldade em encontrar estudos aprofundados sobre a interpretação e envolvimento da comunidade ligada a minas. A investigação existente nesta área é bastante fragmentada, focando apenas ou fazendo referência a determinados aspetos específicos da interpretação (ex. Bernardi, Hansen, & Pashkevich, 2019), não fazendo uma análise abrangente de como se pode fazer a interpretação e envolver a comunidade local em projetos mineiros. Isto acontece, apesar de, como se poderá observar no capítulo três, existirem projetos turísticos ligados a minas muito bem consolidados e verdadeiros casos de sucesso. Embora esta lacuna de investigação dificulte a realização desta dissertação, também justifica, por outro lado, a importância de se fazer uma análise abrangente de como se pode realizar a interpretação e envolver a comunidade nos complexos mineiros.

1.2 - Objetivos gerais e específicos

Considerando as limitações da investigação anterior identificadas na secção 1.1, os objetivos gerais da presente dissertação são:

- ✓ Analisar estratégias de interpretação e de envolvimento da comunidade, utilizadas em legados mineiros;
- ✓ Identificar potenciais estratégias de interpretação e de envolvimento da comunidade a adotar nas Minas do Peirão.

No sentido de alcançar os objetivos gerais, foram identificados os seguintes objetivos específicos que se pretendem atingir através da análise bibliográfica e do estudo empírico.

Pretende-se, através da revisão bibliográfica, analisar:

- ✓ A evolução do turismo Mineiro a nível nacional e internacional;
- ✓ As razões da transformação de legados mineiros em projetos turísticos;
- ✓ A gestão de visitantes e as estratégias de interpretação usadas nos planos de gestão de projetos turísticos culturais/patrimoniais.
- ✓ As estratégias de interpretação utilizadas em minas a nível nacional e internacional;
- ✓ O modo de envolvimento das comunidades locais em projetos de turismo mineiro;

- ✓ E identificar de boas práticas e desafios de gestão de visitantes, estratégias de interpretação e envolvimento das comunidades em projetos turísticos associados ao património mineiro.

Pretende-se através do estudo empírico:

- ✓ Analisar dois projetos de turismo de minas: um internacional (Dalarna, na Suécia) e um nacional (Trêsminas, em Portugal), no sentido de compreender as técnicas de interpretação utilizadas e as estratégias adotadas para promover o envolvimento da comunidade local;
- ✓ Sugerir contributos para implementação de estratégias de interpretação e envolvimento da comunidade para o couto mineiro do Pejão, com base nas análises, bibliográficas e empíricas, prévias.

1.3 - Metodologia da dissertação

Para que se alcancem os objetivos atrás definidos, primeiramente será feita uma revisão da literatura sobre a evolução do turismo cultural, industrial e, posteriormente, do turismo mineiro, esta revisão tem como objetivo perceber o estado da arte desta temática, e será feita com base em algumas organizações culturais mundiais, como por exemplo a UNESCO e a Organização Mundial de Turismo, e também em artigos de alguns autores conceituados na temática, como por exemplo Richards (2018) e Frew (2000). Será também analisados a interpretação e envolvimento da comunidade local, bem como a sua aplicação a projetos turísticos mineiros a nível mundial.

Como metodologia para o estudo empírico sobre a interpretação e envolvimento da comunidade em projetos turísticos mineiros, entendeu-se que o melhor método seria o estudo de caso. Assim, pensou-se que seria mais adequado a realização de dois estudos de caso em dois projetos distintos - um nacional, o Complexo Mineiro Romano de Trêsminas -, e um projeto internacional – Falun Gruva, na Suécia. Nestes estudos de caso será realizada uma entrevista ao gestor do complexo turístico, onde os temas serão a interpretação e as estratégias para o envolvimento da comunidade utilizados nestes dois projetos. Será também aplicado o método de observação. Para a realização do estudo de caso referente ao couto mineiro do Pejão, será analisada a documentação e alguma bibliografia existente e também será aplicada uma entrevista às entidades locais, neste caso o vereador da cultura e a vereadora do turismo. Também serão aplicadas entrevistas

a alguns elementos da comunidade local do couto mineiro do Pejão para se perceber a percepção em relação a este legado que lhes pertence.

1.4 - Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em sete capítulos, onde serão abordadas as questões que se entendem serem fundamentais para que os objetivos da dissertação sejam atingidos.

Assim, no primeiro capítulo é abordada a relevância da dissertação, os objetivos que se pretendem atingir e é, também, explicada a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo será efetuada uma contextualização do turismo mineiro, assim como a sua evolução até aos dias de hoje. Em ambos os casos, será abordado o panorama nacional e internacional.

No terceiro capítulo, será analisada a relevância da interpretação e do envolvimento da comunidade no âmbito das minas, sendo feita uma pesquisa relativamente às características deste tipo de técnicas e ao modo como têm sido utilizadas. Neste contexto, serão analisados exemplos de casos reais de projetos turísticos mineiros onde foram implementadas técnicas de interpretação e onde tenham sido implementadas estratégias para fomentar a participação da comunidade local nestes projetos.

No quarto capítulo será descrita a metodologia do estudo empírico, tanto no que respeita à recolha de dados, bem como à análise de dados. sendo também feita uma análise dos dados obtidos neste estudo. Neste capítulo serão analisados e discutidos os dados recolhidos durante o estudo empírico relativos à temática central desta dissertação – a interpretação e envolvimento da comunidade na exploração turística das minas.

Analisar-se-ão, no quinto capítulo, os estudos de caso - Tresminas e Falu Gruva (o primeiro em Portugal e o último na Suécia) -, no sentido de compreender como a interpretação e o envolvimento da comunidade são implementados nos casos mencionados.

No sexto capítulo será analisado o caso que é o elemento de estudo principal desta dissertação, ou seja, é feita uma breve perspetiva histórica da exploração mineira no Pejão, assim como é realizada uma análise complementar, através de entrevistas às entidades locais e também a alguns elementos da comunidade local.

É no sétimo capítulo, e após a revisão bibliográfica, assim como análise aos dados do estudo empírico que se fazem algumas sugestões de estratégias e envolvimento da comunidade local a implementar no couto mineiro do Pejão.

Por fim, no oitavo capítulo, expõem-se as principais conclusões desta dissertação, assim como, as principais limitações sentidas ao longo de toda a dissertação, e onde se apresentam também perspectivas para estudos futuros.

Capítulo 2. Contextualização e evolução do turismo mineiro

2.1 - Introdução

Neste capítulo pretende-se abordar, embora de forma sintetizada, a evolução do turismo cultural, o seu início, os principais pontos de mudança e o seu estado atual. Pretende-se também verificar a origem do turismo mineiro e a sua situação atual, não descurando que este é um ramo do turismo industrial.

Por fim, procura-se fazer um ponto da situação relativamente ao turismo mineiro nacional e internacional, sobretudo no que diz respeito às inscrições na lista de Património Mundial da UNESCO e à lista do Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Geológico de Portugal.

2.2 - Evolução do turismo cultural

2.2.1 - Conceptualização

O hábito de viajar e o ato de desfrutar da viagem têm caracterizado a humanidade desde o início, quase como uma "herança biológica" gravada no espírito humano que atrai as pessoas para territórios novos e desconhecidos. O turismo pode ter significados diferentes, sendo experimentado com várias finalidades, como por exemplo escapar ao dia-a-dia, descansar, aprender e ter novas experiências, sendo consensual que o turismo significa um tempo extraordinário, no sentido de que é um tempo fora do normal (Cravidão, 2018). É a este motivo que se deve a tão longínqua atratividade desta atividade. Na última metade do século XX a atividade turística transforma-se e aumenta de uma forma ímpar. A par desta crescente procura turística, há também uma crescente tendência da procura de experiências mais individuais e mais exclusivas, principalmente no que diz respeito à história, ao património cultural, às tradições e aos usos e costumes. É esta tendência que faz o turismo cultural crescer de forma exponencial. Este crescimento é uma consequência derivada da tendencial procura de novas formas de turismo, alternativas ao turismo de sol e mar (Jelen, 2018). Pode-se, a título de exemplo, mencionar os dados da UNWTO (United Nations World Tourism Organization) para a procura de turismo cultural relativos ao ano de 2017, onde é referido que 40% dos visitantes são visitantes que procuram turismo cultural, abrangendo este tipo de turismo cerca de 530 milhões de pessoas (UNWTO, 2018).

O turismo cultural existe desde a Idade Média com o surgimento das primeiras peregrinações, como se pode constatar mais abaixo no texto. Contudo, é nas últimas duas décadas do séc. XX, por razões variadas, incluindo a transição de uma sociedade industrial para uma pós-industrial, ligada à transformação da economia, desenvolvimento de novas tecnologias e a mudança na estrutura do emprego, que o turismo cultural se expande a nível global (Jelen, 2018). Para Richards (2018) o turismo cultural tem apresentado um crescimento considerável ao longo das últimas décadas. Este autor afirma que este crescimento se deve a uma curiosidade e desejo de conhecer novas culturas, e que, para a obtenção deste conhecimento, o melhor meio é através do património e das vivências.

A United Nations World Tourism Organization (UNWTO) refere que o turismo cultural incorpora a história natural, património da humanidade, artes, filosofia e instituições culturais (UNWTO, 2020). Jelen complementa dizendo que “O Turismo Cultural é uma maneira de garantir que o património seja preservado para um público mais amplo e para as gerações futuras” (Jelen, 2018. p.94)

A definição do conceito de turismo cultural tem sido debatida ao longo dos últimos trinta anos por vários académicos, não sendo algo consensual nem de fácil explicação.

No tabela 1, são apresentadas as mais representativas definições de turismo cultural.

Tabela 1- Definições de turismo cultural

Wood (1984)	“Os exemplos de situações onde o papel da cultura é contextual, onde a sua função é formar o turista numa situação geral e sem uma perspetiva particular de uma identidade cultural específica”.
Smith (1992)	“Abarca o pitoresco ou a cor, os vestígios de uma vida em processo de extinção que permanece na memória humana com as suas casas antiquadas, os seus telhados artesanais, os seus carros...o seu artesanato e trabalhos manuais alheios a todas as técnicas industriais”
Silberberg (1995)	“Aqueles deslocamentos realizados fora do lugar habitual de residência cuja motivação principal ou parcial é o interesse nos aspetos históricos, científicos ou de estilos de vida oferecidos por uma comunidade, região, grupo ou instituição”.
Richards (1996)	“O modo como os turistas – aquelas pessoas que viajam fora dos seus locais de residência – consomem a cultura”.

McIntosh e Goeldner (1999)	“Todos os aspetos do turismo através dos quais os viajantes aprendem sobre a história e o património de outros ou sobre os seus atuais estilos de vida e formas de pensar”.
Prentice (2001)	“Turismo construído, oferecido e consumido explícita ou implicitamente como uma apreciação cultural, quer como experiência quer como um ganho de conhecimento”.
McKercher e Du Cros (2002)	“O turismo cultural é definido como uma forma de turismo que se baseia nos bens culturais de um destino e os transforma em produtos que podem ser consumidos por turistas”.
Beni (2003)	“A afluência de turistas a núcleos recetores que oferecem como produto essencial o legado histórico do Homem em distintas épocas, representando a partir do património e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte”.
Smith (2003)	“O turismo cultural é o envolvimento passivo, ativo e interativo com as culturas e comunidades, através do qual o visitante ganha novas experiências de carácter educativo, criativo e divertido”.
Craik (2003)	“Excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos seus povos, estilos de vida, património e artes, representantes genuínos dessas culturas e dos seus contextos históricos”.
Petroman et al (2013)	“Refere-se às formas de arte (cultura) na área urbana e rural de uma região ou país, e define-se como um movimento de pessoas para as atrações culturais longe do seu local de residência habitual com o objetivo de assimilar informações e experiências culturais”.
Marujo et al (2013)	“O turismo cultural caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer e vivenciar lugares onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada sociedade”.
UNWTO (2017)	“Um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir as atrações / produtos culturais tangíveis e intangíveis num destino turístico. Essas atrações / produtos estão relacionados com um conjunto de características materiais, intelectuais, espirituais e emocionais distintas de uma sociedade que engloba artes e arquitetura, património histórico e cultural, património culinário, literatura, música, indústrias criativas e as culturas vivas com os seus estilos de vida, valores, sistemas, crenças e tradições” ¹

Fonte: Marujo et al. (2013), Petroman et al. (2013), Richards (2003) e UNWTO (2017).

Conforme se pode verificar pela tabela acima, a definição de turismo cultural foi sendo aprofundada e, por vezes, alterada, ao longo do tempo. De forma muito sucinta, pode-se observar que, se nas primeiras definições se aborda uma componente mais relacionada com património material, como monumentos, ruínas, artesanato, numa fase mais recente

¹Esta definição de turismo cultural foi adotada na 22ª sessão da assembleia geral realizada em Chengdu, China, em 2017.

já se vê que também engloba o património imaterial como a comunidade, as tradições e as vivências.

Através da análise das diversas definições apresentadas na tabela 1, pode-se concluir que o turismo cultural abrange a cultura material e imaterial de um povo, região ou até mesmo país. A intenção principal do visitante pode ser mesmo o fator cultural, como a visita a um monumento, conhecer uma tradição festiva, ou vivenciar a “vida” de uma cidade, ou então este fator pode não ser o fator determinante para a visita, contudo, terá contacto com a cultura do local visitado, quanto mais não seja se fizer uma refeição de gastronomia local, ou pelo simples facto de contactar com a comunidade local (onde vai detetar uma pronúncia diferente, por exemplo), vivenciando, mesmo que sem intenção, uma experiência cultural. Portanto, considera-se que o turismo cultural acaba sempre por acontecer numa visita, o que pode distinguir se é turismo cultural ou não, é a intenção com que o visitante a faz, se premeditadamente para consumo de cultura, ou se esse consumo é uma consequência inevitável de uma visita.

2.2.2 - Percurso histórico

A procura por cultura ou experiências mais ligadas ao património e à religião surge na Idade Média, como já havia sido mencionado no texto. Nessa época, as viagens estavam geralmente relacionadas com a peregrinação e eram impulsionadas principalmente por um objetivo de redenção através do sofrimento e da autorreflexão. Foi a partir do século XVI que visitar novos territórios tomou uma dimensão educativa por excelência. Entre o século XVII e o XIX, a prática do *Grand Tour* espalhou-se entre os aristocratas europeus, que costumavam viajar para fora da sua terra natal numa viagem organizada, com objetivos de desenvolvimento educacional, cultural e pessoal (Hibbert, 1987). A Itália era o destino preferencial devido à sua forte componente cultural, fruto da herança grega e romana. No início do século XIX, e com a revolução industrial em pleno andamento, a melhoria geral das condições de vida e o desenvolvimento de meios de transporte e comunicação, fazem com que "fazer uma excursão" deixasse de ser uma regalia das classes abastadas, tornando-se uma tendência social, mesmo que continuasse fortemente ligada às elites. A palavra "turista", que foi originalmente usada para indicar aqueles que foram numa excursão para se tornarem cultos, começou a utilizar-se para se referir a qualquer pessoa que viajasse por prazer, numa viagem coerente e orientada com objetivos, independentemente da sua origem social (Cravidão, 2018).

A partir da II Guerra Mundial, e com uma grande parte do território europeu destruído, viajar era uma forma de ajudar economias em baixa; assim, nas décadas de 60 e 70 do século passado, o consumo de viagens culturais mantém uma tendência de aumento. Nos anos 80, o forte consumo de “cultura” e a procura de destinos que oferecessem este tipo de experiências, leva mesmo a que este turismo fosse rotulado, nascendo assim o termo “turismo cultural”, sendo visto, por aquela altura, como um nicho de mercado em forte crescimento (Richards, 2018b).

No início da década de 90, a Organização Mundial de Turismo, estimou que este novo mercado abrangia cerca de 37% de todo o consumo turístico, o segmento de clientes de turismo cultural altera-se, deixando de ser um segmento centrado mais nas elites e passando agora a abarcar as massas e também a nível académico o turismo cultural começa a suscitar interesse (Richards, 2018b). Ainda nos anos 90, o turismo cultural também se começa a segmentar em pequenos nichos de turismo, tais como o turismo patrimonial, o turismo criativo e, como se verá mais abaixo no texto, o turismo industrial (Richards, 2018b).

O turismo, como forma privilegiada de aceder a novas culturas, assim como de entrar em contacto com o património, é olhado como uma forma de refinamento e enriquecimento do carácter pessoal. Este entendimento de turismo marcou fortemente o modelo de civilização na Europa (Marujo, 2015). Para Kohler (2019), nos últimos anos a literatura tem feito um esforço para estudar e criar tipologias de turistas culturais. Isto deve-se ao tamanho expressivo e à homogeneidade de turistas que procuram esta tipologia de turismo. Contudo, os estudos estão ainda numa fase embrionária (Kohler, 2019). Num documento de Julião (2013) surge, a propósito das tipologias do turista cultural, uma sintetização das conclusões a que alguns autores (Richards, du Cros, Silberberg) chegaram, tendo todos como ponto comum a motivação. Este aspeto sugere que o sucesso da experiência do turista cultural vai depender da forma como se consegue dar resposta e satisfazer a motivação e expectativas que o turista tem quando visita a atração. Nas classificações apresentadas por estes autores os turistas são, portanto, classificados, de uma forma geral, pelo nível de motivação que apresentam, embora, como nos diz du Cros (2002), existam turistas que “ocasionalmente” contactam com uma atração cultural e têm uma experiência profunda, apesar de não ter existido pré-disposição para a visita (Julião, 2013).

Anteriormente, o turismo cultural baseava-se no físico, naquilo que era tangível, ou seja, nos vestígios arqueológicos ou monumentos de civilizações e culturas já desaparecidas. Hoje em dia o turismo cultural não se limita somente ao tangível, mas abrange também o intangível, tal como o *lifestyle* de uma cidade. Richards (2018a) dá-nos o exemplo da cidade de Barcelona como sendo uma cidade criativa, contemporânea, com uma atmosfera cosmopolita, com história, e também com património, e é talvez por esta mistura de cultura que atrai milhares de visitantes que consomem turismo cultural. A procura de experiências diferentes caracteriza os visitantes da atualidade. Desta forma, existem experiências co-criativas que são fundamentais para o sucesso da visita a atrações culturais, uma vez que a criatividade e inovação são fatores que transformam a experiência que o visitante vive. Apelando à ativação de todos os sentidos do visitante, a experiência torna-se mais intensa e imersiva, de modo a que o visitante possa participar de forma ativa. Ao contrário do que era habitual no século passado, o visitante passa a fazer parte da experiência, ao invés de ser um mero observador. Os visitantes que procuram atrações culturais, normalmente, têm motivações elevadas para o fazer. Como se verificou anteriormente nesta dissertação, procuram conhecimento e contacto com algo que os transcende. Portanto, quanto mais imersiva for a experiência, mais satisfação trará ao visitante. Também o staff das atrações é fundamental, pois deve estar bem preparado e ter um bom conhecimento da atração para que possa transmitir ao visitante, o conhecimento que este procura (Kastenholz et al., 2019).

Um preconceito que esteve ao longo dos anos associado ao turismo cultural é o de que era quase em exclusivo das elites e também de pessoas de meia idade. Hoje em dia esta tendência está completamente ultrapassada, atualmente o turismo cultural atrai muitos jovens e, segundo um estudo do Special Interest Group Cultural Tourism Research está intimamente ligado à existência de uma maior percentagem de jovens com cursos superiores (Richards, 2018a).

2.2.3 - Impactos no destino

A importância do território cultural e das relações que consegue fomentar no visitante acrescentam grande significado à viagem. A singularidade, identidade, autenticidade e sustentabilidade tornam-se especialmente significativas e tornam o turismo cultural abrangente em várias linhas de ação, obriga os residentes locais a prestar atenção aos seus

recursos, como apoio estratégico à identidade e à singularidade. Envolve um esforço por se promover o envolvimento das indústrias locais, com modelos criativos e distintos de atividades de entretenimento turístico, procurando valorizar os seus ativos tangíveis e intangíveis. Assim, o património tornou-se em muitos locais o principal agente de modernização do turismo (Marujo, 2015).

Do ponto de vista territorial, o turismo cultural não só estimula os países e as regiões a protegerem as culturas das suas comunidades, como também desempenha um papel crucial na reabilitação das identidades culturais locais, contribuindo para a sua difusão mundial. O turismo cultural pode ser um estímulo para revalorizar, afirmar e recuperar os elementos culturais que caracterizam e identificam cada comunidade perante um mundo globalizado (Toselli, 2006, citado em Marujo, 2015). Singularizando uma comunidade, atenua qualquer intenção de globalização, pois é esta singularidade o seu ponto de atração principal. A própria identidade cultural sai fortalecida, e há uma tomada de consciência em relação ao seu património, tanto tangível como intangível, e à proteção deste, compreendendo que este é o legado que distingue e afirma a individualidade de uma comunidade, região ou país (Marujo, 2015).

O que se vai observando de forma crescente, é que o turismo cultural se vai tornando um protagonista essencial no setor do turismo, principalmente em territórios com património tangível e intangível muito peculiar. Nos meios rurais, e até mesmo nas grandes cidades, observa-se o património cultural a ser enaltecido, sendo cada vez mais realçadas a história, as tradições e a gastronomia. Do ponto de vista económico, o turismo cultural é pivô de criação de pequenas e médias empresas, promove a criação de empregos que transformam a economia, sendo sobretudo um motor de desenvolvimento em povoações mais pequenas (Marujo, 2015).

A cocriação em contexto de turismo cultural traz benefícios económicos para os habitantes locais e para a localidade onde este tipo de turismo é desenvolvido (Carvalho et al., 2016) sendo o turismo cultural geralmente visto como um turismo mais apelativo, marcante e memorável (Elisabeth Kastenholtz et al., 2019), ter uma oferta diversificada com um mix de produtos turísticos é benéfico, no sentido em que se atrai e satisfaz um número mais alargado de visitantes, alarga-se também o número de parceiros que se envolvem na criação destas ofertas, enriquecendo a economia das localidades onde a

atividade turística se desenvolve. O produto deve ser único, com diversas ofertas integradas (Elisabeth Kastenholz et al., 2018).

Aliada a este género de produtos, a integração dos turistas em atividades onde se sintam parte da comunidade, onde possam participar ativamente, fazer parte da coprodução de produtos e de experiências, torna o destino mais atrativo (Duxbury et al., 2019). Este conceito é designado por turismo criativo. Richards e Raymond (2000) definem o turismo criativo como um turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através da participação ativa em cursos e experiências de aprendizagem próprias do destino de férias onde se realizam, ou seja, o turismo criativo faz com que os visitantes desenvolvam as suas capacidades artísticas e se envolvam mais intimamente com o local e com a comunidade que visitam ou onde passam férias. Este tipo de desenvolvimento traz mais valias para a comunidade local, potencia a proteção e conservação dos recursos patrimoniais e fomenta o turismo sustentável da região (Carvalho et al., 2016).

2.3 - Turismo mineiro

2.3.1 - Turismo industrial

É exatamente no contexto do turismo cultural e do seu desenvolvimento que surge o turismo industrial, sendo nesta tipologia de turismo que se inserem as experiências turísticas em minas. O turismo industrial é decorrente do surgimento da arqueologia industrial.

Até meados do século XIX, a arqueologia dedicava-se, na sua grande maioria, ao estudo das épocas clássicas, somente a partir da referida data se começa a estender a outras épocas da História, surgindo assim a arqueologia industrial. José Amado Mendes (1991) considera que “por arqueologia industrial pode entender-se o estudo das transformações técnicas e dos materiais [e equipamentos] relativos à industrialização” (Mendes, 1991, p. 115). O mesmo autor afirma ainda que “as últimas tendências da arqueologia industrial são tanto de tipo histórico-científico como antropológico: quer dizer, as fábricas e as minas devem ser consideradas como lugares de trabalho e não só como objetos

arquitetónicos ou equipamentos técnicos; as pontes e os faróis devem ser vistos como componentes relevantes da rede de transportes e de organização das comunicações e não unicamente como obras de engenharia e de desenho” (Mendes, 1991, p. 116).

Com a sucessiva valorização da temática industrial acaba por surgir o turismo associado à arqueologia industrial. Segundo Frew (2000)

(...) turismo industrial consiste na realização de visitas por parte de turistas a unidades industriais operacionais, cuja atividade principal não é dirigida à prática do turismo. Um dos principais objetivos da prática do turismo industrial é proporcionar aos visitantes uma experiência diferenciadora.

Otgaard (2010), por seu lado, diz que:

(...) o turismo industrial envolve visitas a locais que permitem aos visitantes aprender sobre as atividades económicas do passado, do presente e do futuro.

Por seu turno, Abad (2004) define o turismo industrial como sendo

(...) um turismo que permite conhecer todo o passado fabril e valorizar a sucessão das várias mudanças técnicas e produtivas. É um turismo muito específico que procura conhecer coisas diferentes, centrando-se tanto nos vestígios de séculos passados como em visitas a indústrias no ativo, nas quais se explica o processo produtivo de determinado produto.

É assim possível perceber que existem várias e diferentes definições para turismo industrial, coincidindo estas definições apenas no aspeto de que a experiência que se pode obter neste turismo está de algum modo ligada aos engenhos e processos industriais, estando também fortemente relacionada com valores culturais, paisagísticos e comunitários, resultado da industrialização de uma determinada área.

Embora Frew (2000) afirme que a principal atividade dos espaços visitados não é o turismo, em muitas das indústrias que fecharam, por motivos diversos, a solução encontrada para esse património é, a par da conservação, o turismo industrial. Como diz Abad (2004), a reutilização do património industrial para fins turísticos é cada vez mais

frequente em países desenvolvidos, segundo este autor, esta reutilização iniciou-se primeiramente no Norte da Europa e passa pela criação de museus, centros interpretativos, rotas turísticas com caráter industrial, passando todos estes exemplos por complexos industriais desativados.

Portanto, o turismo industrial tanto pode ser feito com visitas a fábricas no ativo, onde se vê a realização de determinado produto em toda a sua linha de produção, como pode ser feito em complexos industriais já desativados que, na atualidade, servem somente para fins turísticos. Como refere Otgaar (2010), o turismo industrial visa aprender sobre as atividades económicas do passado, do presente e do futuro.

2.3.2. Turismo mineiro – uma tipologia de turismo industrial

Parte da industrialização que ocorre entre finais do século XIX e inícios do século XX, é o franco crescimento da indústria mineira, indústria esta que, como vimos, por razões económicas e ecológicas, vê a sua atividade a ser reduzida e, em grande parte das minas, mesmo finalizada. O turismo mineiro é um dos ramos do turismo industrial, pois está dentro da temática industrial e, historicamente, ligado à industrialização. O uso de áreas industriais para fins turísticos começou no Reino Unido, país onde também se iniciou a revolução industrial que, gradualmente, foi-se alastrando a outras áreas (Bernardi et al., 2019).

Tal como outros elementos do turismo industrial, a indústria mineira tem fortes impactos na paisagem, alterando efetivamente uma região. Tem estruturas, tais como cavaletes, galerias, poços, caminhos-de ferro e tem um património cultural imaterial que, por norma, existe em comunidades onde existiu uma grande indústria, seja uma mina de carvão, como no caso do Pejão, ou uma indústria de porcelana, como por exemplo a Vista Alegre. Estas unidades podem estar encerradas, ou então no ativo, como nos dois exemplos referidos, em que as Minas no Pejão encerraram em 1994 e a Cerâmica da Vista Alegre se mantém ativa (Soares, 2016).

A aposta no turismo tem sido uma opção frequente como forma de reabilitar as zonas onde outrora existiu exploração de minério, quer para reabilitar o edificado, como para impulsionar a economia local. Este turismo, o turismo mineiro, é visto como uma forma

de complementar o turismo de uma região ou como forma de desenvolver áreas abandonadas que anteriormente eram industriais. Cada vez mais, no mundo inteiro, as minas estão a ser transformadas em atrações turísticas. Como já referido anteriormente, os países em desenvolvimento têm transformado os legados industriais para fins turísticos. Na Europa, a Suécia é um dos países que tem vindo a recuperar o legado mineiro, especialmente para fins turísticos e atividades de lazer, assim como a dotar de valor e de novos usos, áreas que, se assim não fosse, estariam votadas ao abandono. Neste contexto, tem sido frequentemente referido que, nestes territórios onde há uma transformação da mina em atração turística, ocorre a substituição de um sistema de produção económico por outro, mas tendo como ponto central o mesmo recurso, ou seja, a mina (Rózycki & Dryglas, 2017). Pretende-se que estas transformações para fins turísticos suscitem interesse nos vários parceiros e também nos novos visitantes (Bernardi et al., 2019).

A indústria mineira exhibe valores históricos e culturais ligados às habilidades dos nossos antepassados e à vida das comunidades mineiras, tais como as suas tradições, hábitos e religiões. Os mineiros trouxeram conhecimentos e habilidades específicas para as regiões, mas também, em muitos casos, trouxeram a sua própria cultura, tradição e religião.

No entanto, o turismo mineiro é muito mais do que somente a atividade mineira em si. Através de um estudo realizado a estudantes polacos que já tinham visitado minas, pretendeu-se perceber que tipos de turismo estes estudantes associavam ao turismo mineiro, para além da atividade mineira em si. Foi possível perceber que estes estudantes associavam ao turismo mineiro mais de 50 especificidades de turismo (Figura 1), tais como: Turismo Cultural, Turismo de Aventura, Trekking, Geoturismo, Turismo Industrial, Turismo de Minas e Turismo Religioso (Rózycki & Dryglas, 2017).

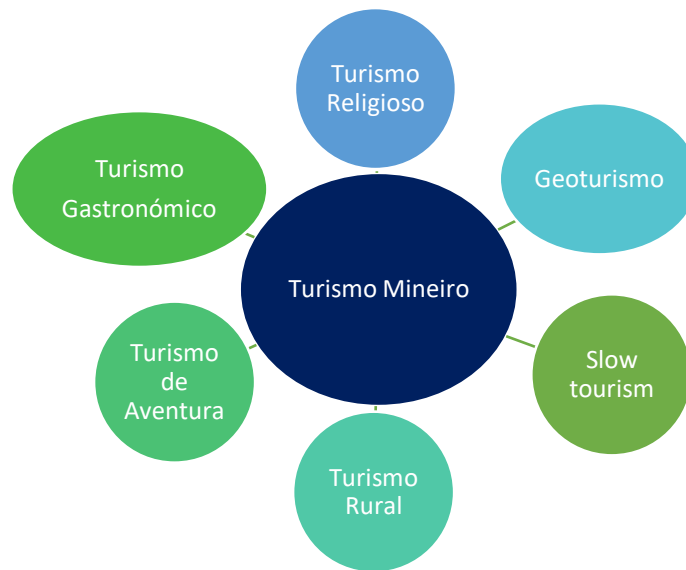


Figura 1- Turismo mineiro e a sua abrangência

Fonte: Elaboração própria baseada em Rózycki e Dryglas (2017)

2.4 - Oferta do turismo mineiro a nível internacional e nacional

A nível internacional observa-se cada vez mais a transformação de minas em projetos turísticos. Como já mencionado anteriormente, há 72 locais ligados a minas inscritos na lista de Património Mundial, dispersos por todo o globo, com principal incidência no continente europeu, como se pode observar na Figura 2.



Fonte: UNESCO (2020)

Figura 2 – Mapa de minas inscritas como Património Mundial

Wieliczka Salt Mine (Polónia), Mining Area of the Great Copper Mountain in Falun (Suécia), Centro Histórico de Ouro Preto (Brasil), Cornwall and West Devon Mining Landscape (Reino Unido), Sewell Mining Town (Chile) e Major Mining Sites of Wallonia (Bélgica) são alguns dos exemplos consagrados na referida lista. Na secção 3.4 serão abordados alguns dos aproveitamentos turísticos feitos por algumas das minas anteriormente referidas. Existem minas não inscritas nesta lista que são também relevantes em termos de importância no estudo de projetos turísticos mineiros. Ao longo dos últimos anos, observa-se uma tendência crescente para o reconhecimento da importância das minas e, conseqüentemente, da importância da sua preservação, com o surgimento de variadíssimos projetos turísticos ligados às minas, (UNESCO, 2020).

Em Portugal, pode-se dizer que há uma tendência crescente para o reconhecimento da importância do turismo mineiro sendo, no entanto, este crescimento bastante lento, uma vez que existem poucos complexos mineiros transformados em projetos turísticos (EDM, 2011).

Existe a plataforma Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico em Portugal, que tem como objetivo “dar visibilidade a um conjunto de iniciativas que se encontram já em desenvolvimento”. Estão registados nesse roteiro cerca de 41 pontos de interesse, como se pode ver na tabela 2, divididos nas categorias de museus, minas, interesse geológico e outros. Existem ainda cinco rotas associadas a estes pontos, sendo elas a Rota do Volfrâmio, Geoparques em Portugal, Rota da Faixa Piritosa Ibérica, Rota romana do ouro no Norte de Portugal e a Rota das Geodescobertas na área metropolitana do Porto (Roteiro de minas, 2020).

Tabela 2 - Pontos de interesse referenciados pelo Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico em Portugal

Ponto de Interesse	Concelho	Categoria
Arouca Geopark	Arouca	Interesse geológico
Centro de Ciência Viva de Estremoz	Estremoz	Museus
Centro de Ciência Viva do Alviela	Alcanena	Museus
Centro de Interpretação Científico–Ambiental das Grutas da Moeda	Batalha	Museus

Complexo Mineiro Romano de TrêsMinas	Vila Pouca de Aguiar	Minas
Ecomuseu de Barroso Centro Interpretativo das Minas da Borralha	Montalegre	Minas
Ecomuseu Salinas de Rio Maior	Rio Maior	Interesse geológico
Estrela Geopark	Guarda	Interesse geológico
Geopark Naturtejo, Geoparque Mundial da UNESCO	Castelo Branco	Interesse geológico
Geoparque Açores	Horta	Interesse geológico
Geoparque Litoral de Viana do Castelo	Viana do Castelo	Interesse geológico
Grutas de Lapa	Torres Novas	Interesse geológico
Loja de cristais das Minas da Panasqueira	Covilhã	Outros
Minas de São Domingos	Mértola	Minas
Mina do Lousal	Grândola	Minas
Minas de Aljustrel	Aljustrel	Minas
Minas de Argozelo	Vimioso	Minas
Minas de Castromil	Paredes	Minas
Museu da Lousa	Valongo	Museus
Museu de Pedra do Marco de Canaveses	Marco de Canaveses	Museus
Museu da Pedra do Município de Museus de Cantanhede	Cantanhede	Museus
Museu de Geologia da UTAD	Vila Real	Museus
Museu de jazigos Minerais Portugueses	Matosinhos	Museus
Museu do Canteiro	Castelo Branco	Museus
Museu do Cimento da Fábrica Maceira-Liz	Leiria	Museus
Museu do Ferro e da Região de Moncorvo	Torre de Moncorvo	Museus
Museu do ISEP	Porto	Museus
Museu do Mármore de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Museus
Museu do quartzo- centro de Interpretação Galopim de carvalho	Viseu	Museus
Museu do Volfrâmio de Cerva	Ribeira de Pena	Museus
Museu FEUP	Porto	Outros
Museu Geológico	Lisboa	Museus
Museu Mineiro de São Pedro da Coba	Gondomar	Museus
Museu Nacional de História Natural e da Ciência	Lisboa	Museus

Museus de Geociência do IST	Lisboa	Museus
Parque Arqueológico do Vale do Terva	Boticas	Minas
Parque Paleozoico de Valongo	Valongo	Interesse geológico
Passeio Geológico da Foz do Douro	Porto	Interesse geológico
Rota do Mármore	Vila Viçosa	Interesse geológico
Terras de Cavaleiros Geoparque Mundial da UNESCO	Macedo de Cavaleiros	Interesse geológico
Trilho Geológico	Beja	Interesse geológico

Fonte: EDM e DGEG (2020)

Os 41 pontos identificados estão localizados em diversas regiões de Portugal, como se pode ver na figura 3.

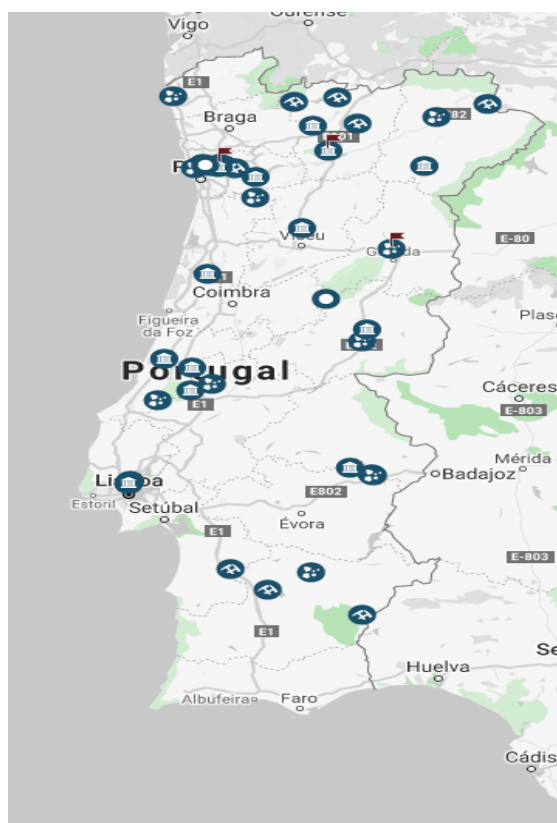


Figura 3 - Mapa com a localização dos pontos de interesse geológicos e mineiros em Portugal registados no Roteiro de Minas.

Fonte: EDM e DGEG (2020)

2.5 - Conclusão

Em resumo, pode-se verificar, neste capítulo, que o turismo cultural existe e é praticado há séculos, sendo, talvez, uma das primeiras formas de turismo que existiu. Conseguiu-se perceber a trajetória e crescimento do turismo cultural, assim como a conceptualização por parte de alguns académicos deste tipo de turismo, onde se percebe que não é de todo um conceito fácil de definir nem de explicar, contudo é consensual a relevante proteção e preservação das atrações que integram esta tipologia de turismo.

Devido às mudanças que se assistem durante o século XX, mais precisamente a mudança para indústrias mais tecnológicas e ecológicas, faz com que as indústrias que não se conseguem adaptar a estes novos tempos fechem portas, com os encerramentos destas indústrias, sobram os seus legados materiais e imateriais. São estes legados que vêm sendo transformados em produtos turísticos, fazendo nascer o turismo industrial.

Entre todo o património industrial que pode ser aproveitado para fins turísticos está o património das indústrias extrativas, mais conhecidas como indústrias mineiras. Este legado está, também, cada vez mais a ser aproveitado para fins turísticos, dando origem ao que alguns designam como turismo mineiro. É no norte da Europa que este turismo inicia e que mais se desenvolveu, embora, mesmo que lentamente, já se comece a perceber e a ter consciência relativamente à necessidade de preservação destes legados um pouco por todo o mundo (Bernardi et al., 2019).

Assim, e resumidamente, é possível observar a antiguidade, o percurso e o crescimento do turismo cultural, tendo evoluído de um turismo cultural muito focado em património histórico edificado, para um turismo cultural que integra, cada vez mais, aspetos de ‘estilo de vida’, da cultura imaterial e vernacular dos locais visitados. Assim, surgem outros tipos de turismo, como por exemplo o turismo industrial que, por sua vez, está subdividido em outros produtos turísticos, nomeadamente o turismo mineiro que é o objeto de estudo desta dissertação.

Capítulo 3. A interpretação e o envolvimento da comunidade como técnicas de gestão de visitantes no âmbito das minas

3.1- Introdução

Neste capítulo falar-se-á na gestão de visitantes, começando pela sua conceptualização, ou seja, pelo modo como foi definida ao longo do tempo por vários autores. Falar-se-á na sua filosofia e objetivos, na necessidade da realização de um plano e na definição de medidas e estratégias a serem adotadas pelo gestor para uma melhor gestão de visitantes. As formas de comunicar com os mesmos de modo a transmitir o significado da atração cultural visitada, apoiar e envolver os visitantes na exploração, compreensão e interpretação do património.

Será analisado através da bibliografia existente, as medidas de interpretação adotadas em áreas mineiras, que se transformaram em projetos turísticos, assim como o envolvimento da comunidade. Por fim, analisar-se-á, em casos reais, quais as medidas adotadas para a interpretação do património e, também, o que os visitantes dizem sobre esses projetos que visitaram.

Na Figura 4 apresentam-se os aspetos que serão abordados neste capítulo, ou seja, a gestão de visitantes, medidas de interpretação e, por fim, o papel da comunidade local como complemento valioso das medidas de interpretação.



Figura 4 – Estrutura representativa da gestão de visitantes

Fonte: Elaboração própria

3.2 - Gestão de visitantes – conceito e filosofia

O crescimento turístico em áreas sensíveis atraiu a atenção para que se precavesse a proteção destas mesmas áreas, que são normalmente locais únicos e perecíveis, o que faz com que haja a necessidade de proteger estes locais, havendo uma necessidade de gerir as visitas aí realizadas (Kuo, 2002).

A gestão de visitantes, no que ao campo da gestão diz respeito, insere-se na gestão de operações, servindo também a gestão estratégica, no sentido da necessidade de planeamento. A gestão de visitantes, enquanto conceito, apresenta uma evolução de estudos e definições, que se foram propagando ao longo dos tempos. Inicialmente, e com o impacto da globalização, houve a necessidade de criar uma estratégia de gestão de visitantes nas áreas naturais. Mais tarde, alargada a outras áreas, esta estratégia serviria para gerir o nível de utilização de cada área. Há também, atualmente, a preocupação em gerir a procura de um destino de forma sustentável, com o intuito de atrair os visitantes certos, ou seja, de não procurar atrair visitantes em quantidade, mas sim aqueles que mais valorizam o destino e o podem beneficiar mais, utilizando para tal estratégias de marketing diferenciadas e adaptadas para este efeito (Kastenholz, 2004).

Tabela 3 - Conceituação de gestão de visitantes

Autor	Definição
Hammit e Cole (1987)	“As técnicas de gestão de visitantes lidam com o número, tipo e comportamento dos utilizadores com vista não só a reduzir efetivamente os impactos, mas também a maximizar a satisfação dos visitantes, o que deve representar uma preocupação essencial dos gestores”
Grant, 1994 (citado por Kuo, 2002)	“Um processo contínuo que concilie necessidades potencialmente contrárias do visitante, do local que o recebe e da comunidade local.”
Hall e McArthur (1998)	“A gestão de visitantes é definida como “a forma de gerir os visitantes que maximiza a qualidade da experiência do visitante enquanto assiste à prossecução dos objetivos globais de uma área”
Feilden e Jokilehto (1998)	“As técnicas de gestão de visitantes permitem assegurar que o pesado número de visitantes não obste à fruição do sítio, não impeça a sua adequada apreciação, nem cause malefícios físicos aos recursos históricos. Estas técnicas podem reduzir também custos de manutenção e aumentar as receitas”
(Kuo, 2002)	“A gestão de visitantes inclui o desenvolvimento e implementação de regras e regulamentos à atividade do visitante, que dá um conjunto de diretrizes ao visitante. Por outro lado, deve também tornar a visita agradável e aprazível de forma a que o visitante aprecie o local”

Fonte: Hammitt & Cole, 1987, Feilden & Jokilehto, 1998, Hall e McArthur, (1998)
Kuo (2002).

A necessidade da gestão de visitantes nas áreas do património mundial, surge mais tarde, por volta dos finais da década de 90 do século passado. Em 1999, o ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) através da Carta Internacional do Turismo Cultural, aponta como um importante desafio para os gestores, a proteção, conservação, interpretação e apresentação do património e da diversidade cultural, devido ao forte impacto implícito no fenómeno da globalização, como já anteriormente havia sido referido. Surge, neste documento, um alerta para a ameaça que as práticas turísticas mal geridas podem representar para a integridade deste património (ICOMOS, 1999). Este alerta, por parte do ICOMOS, vai de encontro ao já proferido por diversos autores, ou seja, que a potencialização da experiência do visitante deve estar em equilíbrio com o

local, de modo a não serem destruídos recursos (Kuo, 2002), assim como, em sintonia com a comunidade recetora, ou seja, em suma, a gestão de visitantes resulta no equilíbrio entre a comunidade recetora, o local e o visitante (Grant , 1994).



Figura 5- Gestão de visitantes e a sua abrangência

Fonte: Elaboração própria

A potencialização da experiência do visitante e a sustentabilidade de um destino turístico são inseparáveis na gestão de visitantes. As consequências de uma má gestão destes recursos passam, em casos extremos, pela destruição das características que os tornavam tão apelativos do ponto de vista turístico. Esta teoria é, inclusive, defendida por Hall e McArthur (1998) e Garrod (2008), embora estes autores defendam que a relação entre o visitante e o património é necessária, na medida em que o visitante contribui (economicamente) para que o património possa ser preservado, e em que o visitante precisa que este seja gerido para poder experienciá-lo ao máximo. Garrod (2008) alerta, ainda, que mesmo atrações construídas com o propósito primário de atrair visitantes podem registar impactos negativos decorrentes do excesso ou má gestão da procura.

Como já referido, a questão principal da gestão de visitantes é o equilíbrio entre a procura e a capacidade máxima que a atração consegue suportar de modo a otimizar a visita. Posto isto, o gestor não se deve só concentrar no recurso, mas também no visitante, sendo este o principal desafio do gestor de um local cultural ou natural. Quanto à capacidade de

carga, esta é muito variável, pois enquanto que numa área natural, o número poderá ser mais flexível, num museu o número terá de ser mais rígido (Cooper et al., 1998).

Para os autores acima citados, esta filosofia de gestão de visitantes assente no equilíbrio entre o visitante, o recurso e a comunidade local, procura uma forma de planeamento positivo. Assim, Kuo (2002) cita Inskip (1991) sugerindo que a gestão de visitantes deve cumprir alguns pressupostos de forma a atingir os objetivos em relação aos visitantes, enumerando esses pressupostos:

1. O visitante deve ter uma ampla oportunidade para aproveitar, apreciar e compreender os recursos da atração.
2. O recurso não deve estar demasiado congestionado, de forma a que o visitante possa ter uma visita ampla e sem que esse congestionamento provoque irritação.
3. O visitante não deve ser um agente de degradação do recurso, quer este seja natural ou cultural.
4. A comunidade local não deve ser impedida de disfrutar e visitar a atração.

Kuo 2002, diz ainda que a gestão de visitantes deve ter como objetivo eliminar o uso indevido do recurso por parte do visitante, assim como fazer o visitante compreender a necessidade de preservação do recurso.

Existem ainda outros objetivos nos quais assenta a filosofia da gestão de visitantes. Em 2002, Kuo, enumerou aqueles que são os principais:

- ✓ a sensibilização do visitante para o conhecimento e conservação dos valores culturais, históricos e naturais do destino;
- ✓ a indução de responsabilidade cívica e de sentimento de pertença;
- ✓ o encorajamento para a adoção de comportamentos respeitadores da cultura e da natureza locais;
- ✓ a minimização dos impactos negativos resultantes das atividades dos visitantes;
- ✓ o aumento da probabilidade de repetição da visita;
- ✓ a dispersão dos visitantes no tempo e no espaço;
- ✓ o redirecionamento das visitas, ou redução da estadia, em áreas mais sensíveis;
- ✓ a promoção da visita a áreas menos procuradas;
- ✓ o encorajamento de visitas em épocas de menor procura, reduzindo os efeitos da sazonalidade, em particular, a circulação de veículos e pessoas e a poluição sonora;

✓ e o estímulo à realização de maiores despesas nos destinos.

Existem várias técnicas utilizadas na gestão de visitantes, sendo a interpretação uma delas. Contudo, desta falar-se-á mais abaixo, pois tem uma importância elevada nesta dissertação. Na tabela 4 estão enumeradas e resumidamente explicadas as técnicas mais usadas pelos gestores de espaços culturais. Contudo, antes da explicação de cada técnica, convém clarificar que as técnicas de interpretação se dividem em duas categorias: estratégias **duras** e estratégias **suaves** (Figura 6).

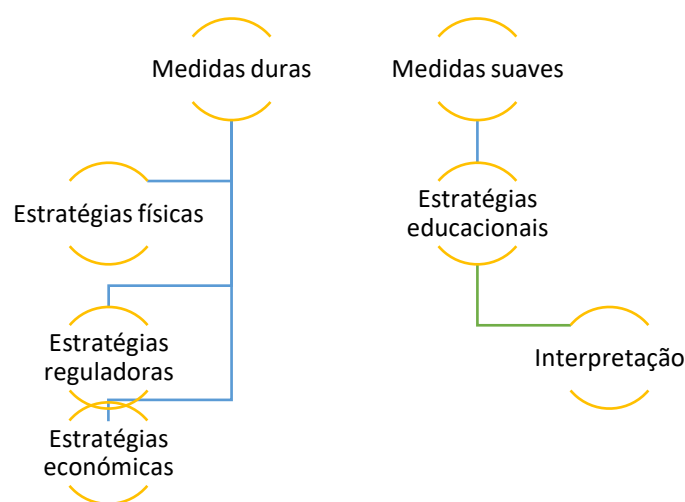


Figura 6 – Classificação das técnicas de gestão de visitantes

Fonte: Elaboração própria baseado em Durão (2009).

Optou-se por usar o esquema elaborado por Durão (2009), pois entende-se que, para este estudo, é a forma mais clara de inserir a interpretação no tipo de medida, como também, a forma mais perceptível, a nível visual, de associação das estratégias ao tipo de medida a que normalmente correspondem.

Assim, e para interpretar o modelo acima apresentado, inicia-se a definição de estratégias que se inserem nas medidas duras. Estas estratégias foram compiladas por Kuo (2002), assim como por outros autores, mas só serão referidas algumas das estratégias aplicadas, pois é mesmo a título de exemplo que aqui se colocam.

Tabela 4 – Síntese de diversas estratégias físicas, reguladoras e económicas

Estratégias Físicas
Limitar o espaço disponível para estacionamento e outros equipamentos de apoio, de forma a reduzir o número de visitantes (Kuo, 2002).
Proceder ao encerramento, temporário ou permanente, do local, impedindo o acesso do público (Cooper et al., 1998; Kuo, 2002).
Reproduzir o recurso para que o original não seja visitado (Kuo, 2002).
Estratégias Reguladoras
A restrição de acesso a determinadas áreas da atracção, por norma, as mais suscetíveis de se deteriorarem devido à forte presença humana (Cooper et al., 1998; Eagles et al., 2002; Hall & McArthur, 1998; McGregor, 1999)
A gestão da disponibilização de parques de estacionamento para redireccionar os visitantes para locais menos sensíveis (Cooper et al., 1998).
A restrição da duração da visita e da experiência (definindo os comportamentos permitidos) (Caulton, 1998; Cooper et al., 1998; Eagles et al., 2002; Feilden & Jokilehto, 2005; Kuo, 2002)
A gestão do tamanho dos grupos, ou seja, do número máximo de visitantes que podem circular numa determinada área em simultâneo (Eagles et al., 2002; Feilden & Jokilehto, 2005; Garrod, 2008; Hall & McArthur, 1998; McGregor, 1999)
Estratégias Económicas
A aplicação de multas para comportamentos indesejáveis (Kuo, 2002).
A cobrança de preços mais elevados de entrada e de serviços na época alta (Kuo, 2002).
Medidas de acordo como o perfil do visitante pretendido, diminuindo o número de visitas por parte das famílias, aumentando a participação de séniores, aumentando a importância da nostalgia enquanto motivação de visita. (Garrod & Fyall, 2000).
A diferenciação de preços de acordo com a duração da estada, tamanho do grupo ou combinação de vários critérios em simultâneo (Garrod, 2008).

Fonte: Durão (2009).

Como se pode ver na tabela 4, de forma resumida, a aplicação de estratégias físicas é muito comum, mas apresenta como principal inconveniente o facto de poder

comprometer seriamente a autenticidade dos locais e a experiência do visitante, por alterar a natureza dos recursos (Durão, 2009). Quanto às estratégias reguladoras, são medidas que permitem tornar a atração mais operacional, quer a nível de tráfego automóvel, quer a nível de visitantes. A obediência a regras afasta os visitantes mais suscetíveis de ter comportamentos inadequados, atraindo, por outro lado, aqueles que respeitam o local que estão a visitar. Por fim, as estratégias económicas são mais comuns em atrações de carácter mais recreativo e com procura mais sazonal (Durão, 2009). Ao mesmo tempo, podem ser usadas como forma de atrair o visitante adequado. Por exemplo, as galerias de arte têm normalmente um acesso com um custo mais elevado, pelo que somente o visitante que realmente quer ver a galeria, pagará o custo da entrada, afastando, desde logo, visitantes que poderiam não ter um comportamento adequado.

Relativamente às **estratégias suaves**, como já referido, serão abordadas de forma mais incisiva as técnicas de interpretação, mas existem algumas medidas já adotadas, por exemplo em relação às filas de espera, que também fazem parte das estratégias suaves, e que têm vindo a mostrar resultados bastante benéficos. Pode-se referir o caso da Galeria Uffizi, em Florença, em que o visitante ao comprar o seu bilhete, tem desde logo acesso à informação de quanto tempo deverá demorar para poder entrar na galeria, evitando, deste modo, a permanência na fila que, por vezes, poderia demorar até três horas, o que levava muitos visitantes a desistirem, assim, os visitantes poderão fazer outras atividades enquanto aguardam para entrar na galeria (Ferreira, 2018).

Outra medida, e atualmente das mais usuais, é o marketing, normalmente de forma muito apelativa, mostrando o que de melhor a atração tem para oferecer, isto é, mostrado os aspetos positivos. A promoção pode ser moldada de acordo com o que os gestores pretendem focar enquanto atração. Por exemplo, se pretendem atrair para um fenómeno natural, como as tulipas em Amesterdão, o vídeo promocional irá ser feito de forma intencional para atrair os visitantes nas épocas pretendidas.

Para um gestor é extremamente importante definir as linhas que irá seguir na gestão do sítio. É, por isso, importante seguir os passos que foram sendo enumerados acima no texto e ver quais as melhores formas e o que melhor se adapta ao local que vai ser gerido, sendo a gestão de visitantes vital para o sucesso ou fracasso de uma atração.

3.3 - A interpretação como técnica da gestão de visitantes

Com o desenvolvimento da gestão de visitantes, como foi possível observar na secção anterior, a forma como esta gestão é moldada vai depender muito do tipo de estratégias adotadas (duras ou suaves), assim como das medidas implementadas pelos gestores. A interpretação é uma das medidas mais utilizadas dentro das estratégias suaves. É também a medida que foi decidido adotar nesta dissertação e, por esse motivo, será abordada de seguida.

A interpretação em turismo abrange muitas áreas e muitas técnicas. É a arte de contar uma boa história, é o poder mais lato da comunicação que abre a porta para uma boa relação entre o visitante, a atração turística e a comunidade local. Contudo, atualmente, delinear um projeto interpretativo onde haja o equilíbrio entre a experiência do visitante, a conservação do património e o interesse daqueles que vivem no local, não é uma tarefa fácil (De Ascaniis et al., 2018).

A interpretação, enquanto técnica, ganhou particular relevância nos anos 80 nos Estados Unidos. Inicialmente, começou a ser aplicada em áreas naturais, uma vez que, em meados dos anos 80 constataram que os visitantes começaram a ter mais interesse em saber mais sobre estas áreas, ao invés de somente observá-las, como acontecia anteriormente. Assim, e em resposta a este interesse, os operadores turísticos e os gestores do património começaram a adicionar conhecimento e a enriquecer a experiência da visita e acabaram por constatar que o visitante estava disposto a pagar por este “extra” (Kuo, 2002).

A interpretação foi posteriormente entendida como fulcral e implementada em museus, sítios arqueológicos, galerias, zoos, parques nacionais e jardins. Atualmente, e sendo que a interpretação é vista como algo elementar, é também aplicada em parques temáticos, recintos urbanos e lojas vinícolas (Moscardo & Ballantyne, 2014).

Freeman Tilden que é unanimemente considerado pioneiro da conceptualização de interpretação, disse, em 1977, que esta é “uma atividade educativa que procura revelar significados e relações através do uso de objetos originais, de experiências pessoais e diretas, e de meios ilustrativos, não se limitando à simples transmissão factual”.

Tilden (1977) definiu ainda os princípios pelos quais os programas de interpretação se devem guiar:

- ✓ Será inútil qualquer forma de interpretação que não relacione, de algum modo, o que se exhibe ou explica com parte da personalidade ou da experiência do visitante;
- ✓ Informação, por si só, não é interpretação.
- ✓ Interpretação é uma arte que combina várias artes
- ✓ Interpretação é provocação, não intrusão;
- ✓ A interpretação deve contemplar o presente como um todo e não como uma parte, tal como se deve dirigir ao homem em toda a sua existência, e não a um período temporal;
- ✓ Não sendo uma diluição do que é apresentado a adultos, a interpretação para crianças requer uma abordagem e um programa específicos

Posteriormente a esta primeira definição, vários foram os autores que adicionaram algo à mesma, existindo várias adaptações de forma a ser mais facilmente entendida e utilizada, sendo um destes casos, como refere Kuo (2002), o da Interpretation Australia Association (1995), que fez a sua própria adaptação à definição de Tilden, dizendo que [interpretação] é uma forma de comunicar ideias e sentimentos que contribuem para que as pessoas se conheçam melhor a elas próprias e ao seu meio.

Uma abordagem diferente acerca do conceito de interpretação, vem por parte dos autores Moscardo e Ballantyne (2014), que dizem que, para se definir ou descrever interpretação, existem duas abordagens. A primeira é listar as formas de interpretação e, quanto a este primeiro pressuposto, referem-se a áudio-guias, centro interpretativos, panfletos entre outras. Quanto à segunda categoria, dizem que há que identificar o foco dos objetivos da interpretação, que pode ser prioritariamente o visitante ou a gestão do próprio património cultural, incluindo a sua preservação. Assim, a primeira categoria tem um sentido mais físico e prático, enquanto a segunda categoria tem um sentido mais filosófico.

Posto isto, há um entendimento mais ou menos comum, de que a interpretação deverá ser um processo onde se possa contar a história do local e em que esta história possa transmitir sensações e estabelecer relações positivas entre o visitante e o local. Estas relações e sensações deverão levar o visitante a ter uma experiência mais prazerosa e uma compreensão mais profunda, de modo a que o respeito pelo local visitado nasça de forma natural, promovendo assim a proteção e a sustentabilidade (económica e ecológica) do recurso por parte do visitante. Para a comunidade recetora, ou seja, a comunidade local,

deve promover-se o conhecimento e o orgulho na sua história, de modo a que também a possam contar e repassar às gerações futuras.

A interpretação tem um papel determinante na construção de uma experiência memorável. Oferece aos visitantes acesso mental e físico ao recurso, e oferece a visita com a história e o significado daquilo que se está a visitar (Moscardo & Ballantyne, 2014).

Como visto no texto acima, a interpretação é uma componente essencial na experiência do visitante. Existem diversas técnicas de interpretação, tais como mapas turísticos, placas indicativas, áudio-guias entre outros.

É muito importante a forma como a interpretação é implementada, principalmente em locais históricos ou locais como os que temos vindo a falar. Em contextos de turismo mineiro é de extremo valor enriquecer o recurso com técnicas de interpretação e também com o envolvimento da comunidade local, que será abordado mais à frente. A essência do património só pode ser apreendida se for interpretada de maneira adequada (Jelen, 2018).

Para Hall e McArthur (1998), existem três elementos chave para uma boa implementação de um plano interpretativo.

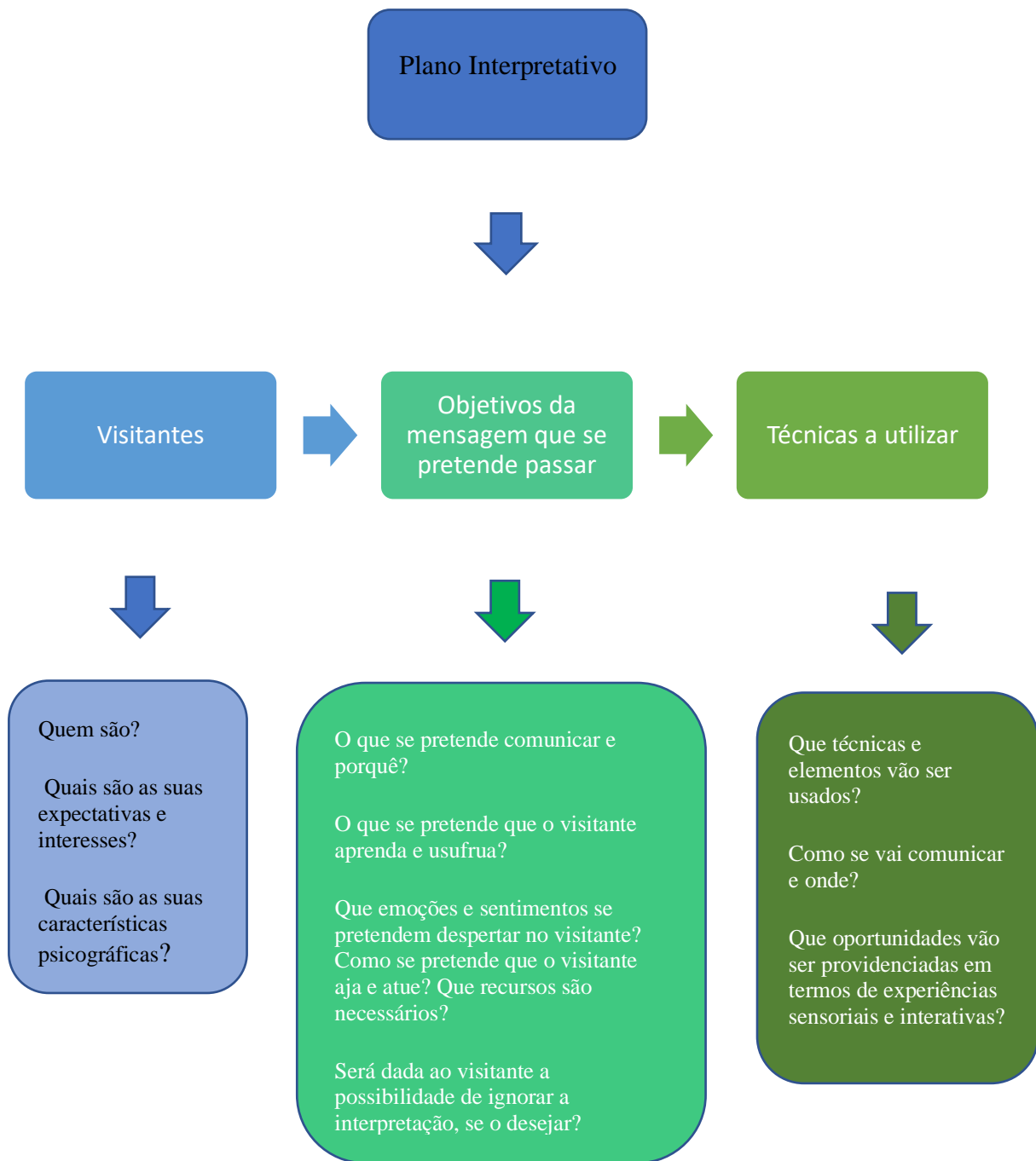


Figura 7 – Conteúdos de um plano de interpretação

Fonte: Durão (2009)

Assim, para um bom plano interpretativo, devem ser dadas respostas às questões colocadas no organograma acima.

3.4 - Técnicas utilizadas na interpretação

São várias as técnicas utilizadas na interpretação, e neste trabalho, será feita uma pequena apresentação de algumas delas, sendo que a que será mais profundamente abordada será o envolvimento da comunidade local, embora todas as outras vão ser tidas em conta para as sugestões a fornecer para o Couto Mineiro do Pejão.

Visitas guiadas

- É a mais antiga técnica de interpretação e das mais apreciadas pelos visitantes (Ambrose & Paine, 2005);
- Na opinião de alguns autores é extremamente eficaz para que o visitante entenda a importância da preservação da atração, embora essa eficácia dependa sempre das competências e experiência do guia (Miranda, 1998; Ambrose & Paine, 2005);
- Esta medida permite o esclarecimento de dúvidas por parte do visitante (Miranda, 1998);
- Tem tendência a provocar o desejo de aprendizagem por parte do visitante (Ambrose & Paine, 2005; Miranda, 1998).

Painéis interpretativos e placas de identificação

- Os painéis interpretativos e as placas de identificação são classificados como meios de interpretação não pessoais (Binks et al., 1998) ou não verbais (Hall & McArthur, 1998);
- Apesar de autores como Binks et al. (1988) ou Miranda (1998) considerarem os meios pessoais como os mais eficazes do ponto de vista comunicacional, estes meios contribuem para melhorar a qualidade da interpretação e da experiência do visitante, substituindo os meios pessoais quando estes não estão disponíveis (Durão, 2009);

Códigos de conduta

- Os códigos de conduta são uma ferramenta de gestão de visitantes "soft" que pretende educar os turistas e influenciar o seu comportamento e reduzir, com isto, os impactos negativos do turismo (Cole, 2006);

- Existem também vários tipos de códigos de conduta, os deontológicos, que enunciam um conjunto de regras e comportamentos, e os teológicos, que explicam também o objetivo das regras enunciadas;
- Os objetivos dos códigos de conduta são criar consciência no turista relativamente à necessidade de um comportamento adequado, tornar as populações residentes conscientes da necessidade de proteção ambiental e encorajar a cooperação entre as agências governamentais, comunidades residentes, indústrias e ONGs (Fennell, 2006).

Centros de visitantes

- Um centro de visitantes tem como principal objetivo proporcionar ao visitante a maior diversidade possível de meios interpretativos (Binks et al., 1998; Hall & McArthur, 1998; 1996; Beeho & Pretince, 1997; Cooper et al., 1998; Eagles et al., 2002);
- Este pode ser um espaço permanente ou temporário, localizado na atração ou fora desta, embora num local próximo e, normalmente, é de acesso gratuito (Durão, 2009);
- Uma característica comum a vários centros é o facto de constituírem um espaço para exposições, normalmente, temporárias, e de disponibilizarem dispositivos audiovisuais ou interativos, que apelem aos vários sentidos do visitante (Hall & McArthur, 1998);
- Numa perspetiva mais extrema, no caso particular do património mais frágil e sensível a impactos, o centro de visitantes pode conter todos os meios interpretativos, eliminando qualquer interação com o património (Hall & McArthur, 1998), como por exemplo nas grutas de pinturas rupestres de Lascaux, França, em que só o centro de visitantes é acessível devido à extrema sensibilidade da atração que são as Grutas de Lascaux que, com o fluxo de visitantes, acabariam por desaparecer.

Ações de educação ambiental e patrimonial

- Aparentemente espontâneas e informais, conversas e debates podem ser usados para fazer a introdução de um determinado tema, objeto ou experiência, acabando por despertar grande atenção por parte do visitante. Este é um meio muito pessoal, dotado de grande flexibilidade de adaptação às circunstâncias, em particular ao intérprete, e ao local onde decorre e à própria audiência (Hall & McArthur, 1996 e 1998);

- Em alguns casos, esta iniciativa pode não ser realizada com a participação direta do staff da atração, mas através do convite a indivíduos da comunidade local que, de alguma forma, estejam ligados à atração e possam contar as suas experiências (Hall & McArthur, 1998);
- Esta técnica pode ser utilizada fora da atração, sobretudo quando são atrações que procuram atualizar as informações dadas ao público, e que, por investigações ou pesquisas como acontece, por exemplo, em estações arqueológicas, com o aparecimento de novas descobertas, é necessário atualizar as informações que anteriormente eram dadas. Para além do público, estes debates podem incluir grupos locais que possam exercer alguma influência sobre a atração (Hall & McArthur, 1998). Por exemplo, nas comunidades mineiras, a comunidade local tem um conhecimento muito profundo sobre a mina e toda a vivência em volta da mesma.

Recriações

- São interpretações que podem decorrer num ambiente histórico ou não (Robertshaw, 2006) que representam atividades do quotidiano ou tradições do passado (Miranda, 1998) e contextualizam objetos, locais e acontecimentos no tempo (Robertshaw, 2006). O interesse destas práticas é, essencialmente, educacional, devendo, por isso, basear-se em factos históricos (Binks et al., 1998; Robertshaw, 2006) e ser o mais realistas possível (Binks et al., 1998);
- Esta técnica é muito comum em vários países, como Ambrose e Paine (2006) referem, recorrendo ao exemplo dos Estados Unidos, onde a Guerra Civil Americana representa, em muitos museus, uma forma de “dar vida à História” (Durão, 2009);
- Binks et al. (1988), referem que, devido ao custo elevado que estas técnica têm, são normalmente usadas em eventos especiais ou em datas festivas;
- Durante a última década viu-se aumentar consideravelmente a aplicação desta técnica de recriações históricas. As mais usuais são as *feiras medievais*, mas também as recriações de algumas batalhas, como as *Linhas de Torres*, em Torres Vedras.

Tecnologias

Áudio-guias

- Os áudio-guias são atualmente utilizados em quase todas as atrações turísticas, principalmente nas ligadas ao património;
- A interpretação é feita através de um dispositivo móvel que permite ao visitante fazer a sua visita de forma autónoma e no tempo que desejar (Hall & McArthur, 1998);
- O percurso é adaptado e o áudio-guia programado com uma série sequencial. Normalmente existem números associados e cada paragem está associada a um número e à respetiva descrição. Normalmente os áudio-guias guiam o visitante durante um determinado tempo, mas têm paragens para que o visitante possa fazer uma pausa e apreciar o que está á sua volta (Hall & McArthur, 1998). Esta característica é bastante importante, pois, como refere Timothy (2011), a interpretação deve refletir as múltiplas dimensões da paisagem dos sítios onde o património está localizado.

A autora desta dissertação já pode constatar a utilidade dos áudio-guias por experiência própria pois, numa visita ao primeiro Estádio Olímpico em Atenas, onde como acontece em muitos locais, seria muito difícil encontrar um guia que fizesse a visita em português, com a utilização do áudio-guia programado para a língua portuguesa, foi possível entender muito melhor aquilo que se estava a ver. Neste caso, confirma-se o que Hall e McArthur afirmam, pois existiam paragens para que o visitante pudesse apreciar a plenitude do local onde estava, com a indicação para parar, observar e respirar.

Multimédia

- Como o nome indica, multimédia é quando é utilizado mais do que um média, ou seja, pode ser por exemplo um filme, que tem imagem e som (Hall & McArthur, 1998);
- Esta utilização, normalmente é muito apelativa, pois como apela a vários sentidos fixa a atenção dos visitantes, sendo este meio bastante prático por poder ser adaptado ao tamanho dos grupos de visita;

- Nesta categoria de multimédia, viu-se nos últimos anos uma explosão de aplicações para utilização turística como aplicações para telemóvel, realidade aumentada, experiências 3D, entre outras coisas;
- Relativamente à utilização em sítios de património, e na perspetiva de Bath (2006), a tecnologia pode ser usada até mesmo para substituir a visita física ou, pelo menos, para reduzir o impacto que os visitantes podem causar na atração. Nos dias de hoje é possível visitar virtualmente património muito sensível que, com visitas físicas, estaria em risco elevado - fala-se das grutas de Lascaux -, onde já é possível fazer uma visita virtual, o mesmo acontecendo com variados museus do mundo, como é o caso do Louvre.

Através da descrição sobre as técnicas feita acima, pode-se constatar que, em grande parte, estas técnicas permitem e são utilizadas para a criação de experiências cocriativas, o que corrobora a importância que estas experiências têm atualmente. Nas técnicas descritas acima consegue-se perceber a abrangência das dimensões abarcadas pelas experiências cocriativas. Por exemplo, nas recriações, há o apelo à participação física do visitante, tornando a experiência imersiva e sensorial. Nas visitas guiadas, há também a personalização, uma vez que o guia irá sempre adaptar-se em função do grupo que está a guiar. Desta forma, a atração é valorizada e o visitante pode ficar com uma experiência memorável (Kastenholz et al., 2019).

Não foram abordadas aqui todas as técnicas de interpretação, foram sim, as mais usadas e, por isso mesmo, as mais estudadas, existindo para além destas algumas mais. Estas que aqui foram abordadas foram escolhidas por se entender que, para esta dissertação, são as que melhor se adaptam.

3.5 - Projetos de turismo mineiro e as técnicas de interpretação utilizadas

Uma das perguntas sobre a interpretação em minas é o que interpretar e como?! Existem já algumas atividades ligadas às minas, sendo as mais comuns, as visitas a galerias, as exposições com a temática mineira e os museus mineiros.

O património mineiro é diferente do património mais comum, está ligado a uma atividade suja, barulhenta e com muito perigo, sendo por vezes estas características que atraem os

visitantes. Existem (poucas) minas em funcionamento onde é possível fazer uma visita guiada, como é o caso da empresa Coal Safari que faz este tipo de visita às minas de carvão na República Checa, em que o objetivo é proporcionar ao visitante uma experiência próxima e direta das técnicas e do trabalho mineiro. Ou seja, aqui o visitante vive uma experiência imersiva, sendo todos os seus cinco sentidos estimulados na visita, despoletando reações tais como a reação ao ruído e os cheiros, podendo desta forma sentir o que o trabalhador sente.

Uma outra forma bastante autêntica de interpretar a atividade mineira chama-se “*last day exhibits*”, onde os visitantes irão encontrar as instalações como se os trabalhadores da mina tivessem acabado de sair. Aqui, há o apelo aos sentidos do visitante, pois nestas experiências até o cheiro se mantém característico. Desta forma, são criadas experiências sensoriais e cognitivas. Este tipo de experiência pode ser vivida numas antigas minas de carvão em Ostrava, também na República Checa (Sacks, 2018).

Foi na Grã-Bretanha que foram pela primeira vez utilizados mineiros como guias turísticos; aqui a história é contada na primeira pessoa e há uma verdadeira interação do visitante com um mineiro. Esta técnica traz aproximação e empatia ao visitante, além de que o mineiro, além de ter trabalhado na mina, também faz parte da comunidade local, o que acrescenta um manancial de informação enorme. Esta experiência pode ser vivida na mina de carvão de Cardiff que fica no País de Gales (Cardiff caerdydd, 2020).

As minas não são somente um conjunto de edifícios, são caracterizadas pela natureza envolvente e por um contexto social muito forte, marcado pela religiosidade e superstição. Estes são motivos que merecem atenção e também preservação, para que sejam transmitidos às gerações futuras (Jelen, 2018).

Planear a interpretação patrimonial para estes casos é mais complexo do que para um sítio de património comum. A questão educacional é muito importante, assim como o papel das autoridades e da comunidade local, pois a interpretação transmite contextos e faz a ligação à história, cria memórias e potencia emoções ao visitante; só assim este pode entender o valor do património e a importância do que visitou (Jelen, 2018).

Como se observou anteriormente, a interpretação é fundamental para o sucesso de um projeto turístico, e o caso do património mineiro não é exceção. São várias as técnicas de

interpretação que podem ser utilizadas para tornar um local atrativo, provocando, ao mesmo tempo, respeito e apreciação pela atração, bem como a satisfação dos visitantes, o que poderá contribuir para uma vontade de preservação do local.

De seguida, procura-se analisar o modo como as técnicas de interpretação referidas na secção anterior, têm sido utilizadas em projetos turísticos mineiros. Estes projetos foram escolhidos com base numa pesquisa sobre turismo em minas num *website* de reservas em turismo, que também inclui avaliações feitas por viajantes, Tripadvisor, sendo os projetos analisados aqueles que tiveram uma melhor avaliação nessa pesquisa. A análise é feita, sobretudo, com base nos *websites* das diversas minas.

Também se analisa, através do mesmo site, quais as experiências a que os visitantes dão mais pontuação e que correspondem, por isso, às experiências que eles(as) mais apreciam.

Minas du Veloso – Ouro Preto – Brasil

As Minas du Veloso ficam a 2km do centro da cidade de Ouro Preto, situam-se no Estado de Minas Gerais no Brasil, e só pela simples toponímia, quer da cidade, quer do estado a que pertencem, é perceptível que a mineração dominou e teve muito impacto nesta área. Na atualidade, são oferecidas várias atrações turísticas em que o tema central é a mineração do ouro.

Nas Minas du Veloso o centro de atendimento aos visitantes é um edifício característico da época da extração do ouro naquela mina e, no seu interior, existe uma loja de artesanato onde os produtos são feitos por artesãos locais (ver figura 9). Os funcionários deste centro de atendimento dão já algumas indicações e informações sobre a visita que se irá seguir. A visita inicia-se no pátio que se situa nas traseiras deste edifício, onde se entra na galeria da mina. É também neste pátio que são indicadas normas de segurança e fornecidos os capacetes para a visita (Gê Azevedo, 2017).

Nas Minas du Veloso existem visitas guiadas à galeria das minas (ver figura 10), que são sempre efetuadas por um guia. Ao longo da visita o guia vai falando sobre a história da mina, realçando o facto da extração ser feita por escravos negros, ligando assim a mina à história da escravatura no Brasil. Menciona também elementos mais técnicos sobre como era efetuada a exploração mineira e sobre a importância do volume de ouro extraído para o crescimento económico daquela região, mostrando assim a estreita ligação da história da mina à história da cidade (Gê Azevedo, 2017).



Figura 8- Entrada do centro de visitantes da mina do Veloso
Fonte: Teixeira (2015)



Figura 9- Entrada na galeria da Mina de Ouro do Veloso
Fonte: Teixeira (2015)

Tabela 5 – Opinião dos visitantes relativamente à Mina Du Veloso

Atração	Opinião	Fonte
Minas du Veloso – Ouro Preto – Brasil	<i>A Mina du Veloso é um resgate da história que está por trás de todo encanto do ouro explorado em terras mineiras através de uma abordagem sobre a exploração de trabalho escravo e o uso de técnicas e conhecimento específico vindos com os africanos. Além das condições desumanas de trabalho. A história da mina, em ótimo estado para visita, e o excelente guia Dudu tornam essa visita obrigatória em Ouro Preto.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g303389-d7655323-Reviews-Mina_Du_Veloso-Ouro_Preto_State_of_Minhas_Gerais.html#REVIEWS
	<i>O guia que nos recebeu era muito bem preparado, nos deu uma aula sobre a história da cidade e como se deu a extração do ouro. O passeio pela mina é muito bom, e por um valor bem acessível.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g303389-d7655323-Reviews-Mina_Du_Veloso-Ouro_Preto_State_of_Minhas_Gerais.html#REVIEWS

Pelos comentários neste site de avaliação de experiências vê-se que os visitantes da Mina du Veloso referem a ótima competência do guia que faz a visita, assim como a abordagem histórica que é feita. Referem o ótimo estado de conservação da mina e salientam a menção ao trabalho escravo. Este aspeto é bastante importante dada a história do Brasil e a íntima ligação que muitos brasileiros têm com a escravatura, mesmo para quem não tenha esta ligação, o tema é sempre muito procurado e suscita muito interesse.

Minas de Sal de Wieliczka – Polónia

As Minas de Wieliczka localizam-se na Polónia, a 17 Km de Cracóvia. Estas minas são mundialmente conhecidas e atraem milhares de visitantes todos os anos, sendo fácil comprovar esta afirmação, pois, numa breve pesquisa pela internet sobre turismo mineiro,

estas minas surgem como um dos maiores exemplos de transformação de antigas minas em atração turística.

Relativamente à política de marketing e às técnicas de interpretação utilizadas nesta atração, são imediatamente visíveis no próprio site da mina, sendo o mesmo extremamente claro, intuitivo e com todas as informações necessárias, disponibilizando também *online* um manual de informação sobre o que o visitante pode fazer na atração. Ainda no site está disponível a informação sobre horários, preços e normas de segurança a seguir, ficando nítido que procuram seguir um forte código de conduta deontológico onde enunciam um conjunto de regras e comportamentos, e também teológico, pois é dada a explicação para os objetivos das regras enunciadas.

Nas Minas de Wieliczka, existe uma vastíssima oferta de visitas guiadas muito bem definidas e organizadas, que combinam uma oferta para visitantes que fazem as visitas individualmente e de visitas em grupo. Durante a visita há a oportunidade de se observarem as paisagens do subsolo, assim como a capela de St. Kings (ver figura 10). Deve-se ter em conta a enorme importância que a religiosidade tem para as minas e para os mineiros, motivo pelo qual a passagem por esta capela é um ponto fundamental. No decorrer da visita, o guia vai falando sobre técnicas de extração mineira, sobre o minério e sobre a importância deste na economia da Polónia (ver figura 11). Esta visita tem a duração aproximada de 3 horas e tem um mínimo de 20 pessoas e um máximo de 40 por visita. Existe esta tipologia de visita a cada hora em polaco, mediante horário específico, existindo também a visita em Inglês, Alemão, Francês, Espanhol, Italiano e Russo (Kopalnia, 2020).

Além das visitas guiadas mencionadas anteriormente, existe a oferta de uma visita guiada que é como uma recriação. Esta visita, denominada por Miner's Route caracteriza-se por ser uma experiência mais ativa e mais imersiva no que era a vida na mina e possibilita imaginar que se é mineiro por 3 horas (tempo de duração da visita). Os visitantes levam apenas um capacete de mineiro com uma lanterna para dar mais realismo à experiência, enquanto o guia encarna também a personagem, como se fosse o encarregado da mina a receber os novos mineiros, e vai explicando ao longo do percurso como funciona todo o negócio que envolve a extração de sal. Esta experiência só é permitida a partir dos 10 anos de idade, sendo admitidos no máximo 20 participantes e esta experiência está disponível em duas línguas - Polaco e Inglês (Kopalnia, 2020).

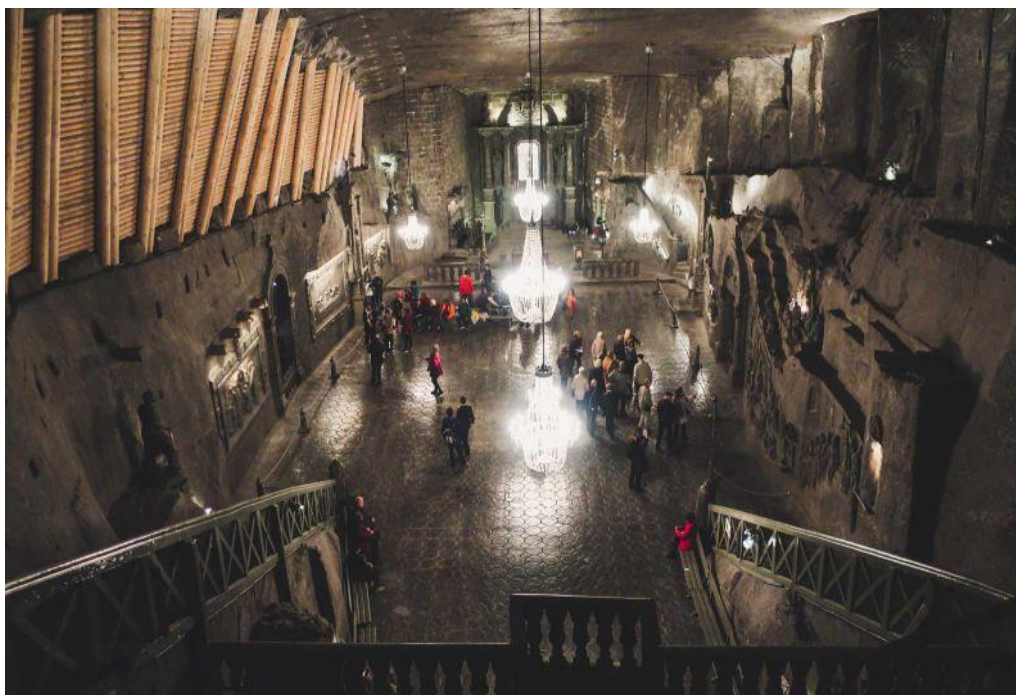


Figura 10 - Interior da Mina de Wieliczka

Fonte: Kopalnia (2020)



Figura 11- Ilustração de visita em família à Mina de Wieliczka

Fonte: kopalnia (2020)

Tabela 6 - Opinião dos visitantes relativamente à Mina de Wieliczka

Atração	Opinião do visitante	Fonte
Minas de Sal de Wieliczka – Polónia	<i>Estávamos indecisos se visitaríamos ou não as minas, mas resolvemos ir, e ainda bem que o fizemos. As minas de sal são realmente únicas, as câmaras, as esculturas, os lagos... valem realmente a visita.</i>	https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g277819-d284943-Reviews-Wieliczka_Salt_Mine-Wieliczka_Lesser_Poland_Province_Southern_Poland.html
	<i>Transporte a horas e frente ao hotel, em ambos os sentidos. Uma excelente organização, um guia atencioso e conhecedor de todos os recantos visitados, muito para ver, bem organizado a nível de zonas de descanso e Wc's, muitas surpresas pelo caminho, adoramos e recomendamos.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g277819-d284943-Reviews-or5-Wieliczka_Salt_Mine-Wieliczka_Lesser_Poland_Province_Southern_Poland.html#REVIEWS

Nestas minas polacas as referências são muitas, os visitantes realçam o guia e parecem realmente surpreendidos com o que encontram. Referem a organização no local e também os equipamentos de suporte, tal como WC's e as zonas de descanso. Além de ser um local que parece “conquistar” os visitantes, este último aspeto sobre os equipamentos de suporte indica preocupação para que a visita não seja fatigante.

National Coal Mining – Reino Unido

O Museu Nacional de Carvão do Reino Unido fica localizado no “coração” do país, no condado de Yorkshire, a cerca de 300 Km de Londres.

Este museu tem, à semelhança das Minas de Wieliczka, um website onde também é possível obter muitas informações para a visita. Além das informações relativas a visitas, este *website* também apresenta outras indicações, tais como código de conduta de carácter mais teológico.

Uma estratégia muito interessante utilizada neste museu é o facto de a entrada no museu não ter um custo definido, sendo apenas solicitada uma doação. O visitante doa ao museu aquilo que entender, havendo somente a sugestão de doação de 5 libras.

As visitas guiadas são feitas por ex-mineiros, ou seja, envolvem a comunidade local. Este tema que será abordado com mais detalhe posteriormente neste estudo na secção 3.6.

No National Coal Museum existem ações de sensibilização patrimonial direcionadas ao público escolar. Dispõem de várias oficinas onde é possível investigar a história local, a mineração de carvão ao longo do tempo, resolver problemas científicos relacionados com a mina, ver a ciência em ação através de misturas químicas e manejar instrumentos ligados à extração de carvão (National Coal Mining Museum for England Trust Ltd., 2020).

Este museu está organizado como se fosse uma mina, onde se vai refletindo a história do carvão, desde a sua formação, e explicando também como a exploração deste se desenvolve. Tem conteúdos muito interativos e está bastante direcionado para crianças, existindo mesmo uma sala onde é recriada a mina para crianças com menos de 5 anos (ver figura 12). As várias épocas da exploração de carvão estão recriadas no museu, assim como a tecnologia utilizada na extração do carvão, que é apresentada na denominada casa das máquinas. Possui uma biblioteca com o acervo direcionado à história do carvão, onde existem também conteúdos adaptados para crianças. Além de todo o imenso espaço interior, possui ainda uma zona ao ar livre onde é possível desfrutar da natureza, sendo assim bastante direcionado para famílias que podem programar um dia inteiro no museu e na sua envolvente (ver figura 13).

Também é acessível para pessoas com mobilidade reduzida, havendo a cedência de cadeiras de rodas. Este aspeto é de extrema importância, pois normalmente as atrações turísticas ligadas ao turismo mineiro situam-se em locais que por vezes são de difícil acesso (National Coal Mining Museum for England Trust Ltd., 2020).



Figura 12 – Crianças na visita do National Coal Mining Museum

Fonte: National Coal Mining Museum for England Trust Ltd (2020)

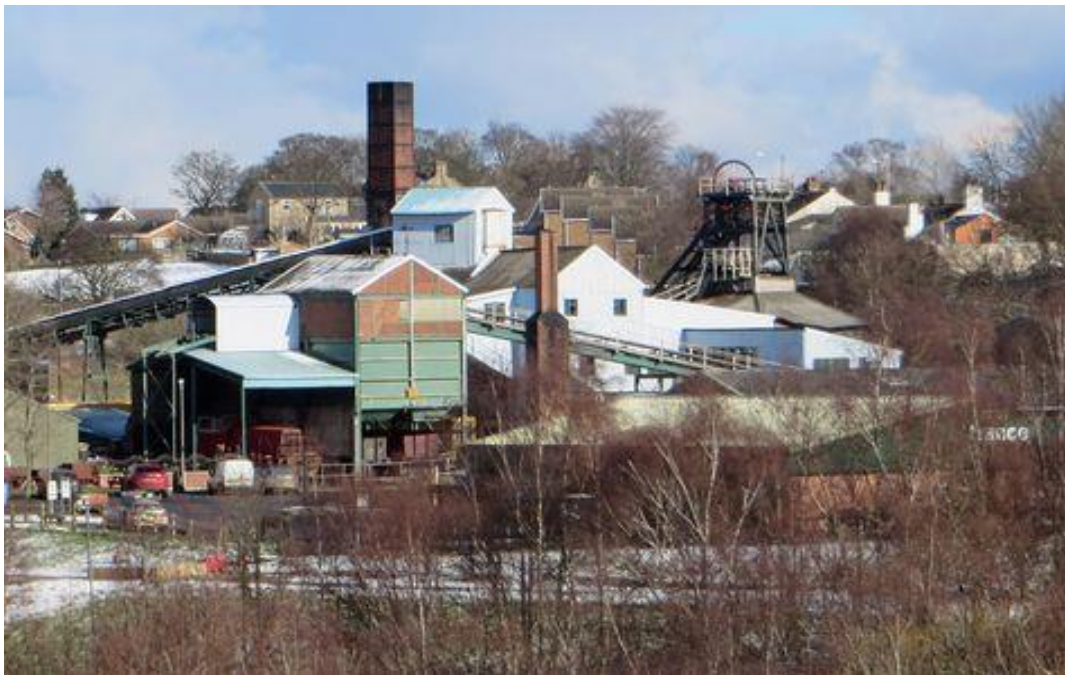


Figura 13 Exterior do Coal Mining Museum

Fonte: National Coal Mining Museum for England Trust Ltd (2020)

Tabela 7 - Opinião dos visitantes relativamente às Minas de National Coal Mining

Atração	Opinião do Visitante	Fonte
National Coal Mining – Reino Unido	<i>Este museu surpreende o visitante pelas atrações, pois disponibiliza a história da mineração com aspetos sociais, políticos e técnicos. Uma visita guiada ao subsolo com a apresentação pelo guia com detalhes importantes do desenvolvimento da mina, equipamentos utilizados, pessoal, segurança, entre outras. O museu disponibiliza uma biblioteca, inclusive o original De Re Metálica de Georgius Agricola está sob a sua guarda. Para aqueles que desejam conhecer mais uma joia dos museus ingleses recomendo esta preciosidade!</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1886505-d188691-Reviews-National_Coal_Mining_Museum-Overton_Wakefield_West_Yorkshire_England.html#REVIEWS
	<i>Recomendo esta visita na qual podemos descer até 140 m de profundidade e ali saber de toda história do carvão.</i>	Tripadvisor (2020) www.Tripadvisor.pt (https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1886505-d188691-Reviews-National_Coal_Mining_Museum-Overton_Wakefield_West_Yorkshire_England.html#REVIEWS)

Nesta atração turística sita no País de Gales, os visitantes realçam o museu e os conteúdos do mesmo, como por exemplo os aspetos sociais, políticos e os mais técnicos. Referem o staff e a segurança, enaltecem a bibliografia patente na biblioteca das minas. Falam na experiência de visitar a mina e descer até 140 m de profundidade. Nota-se que aqui há a ligação entre a mina e o museu, o que torna mais completa a visita.

Milos Mining Museum – Grécia

O Mining Milos Museum situa-se na ilha grega de Milos (ver figuras 14 e 15). Ao contrário dos dois exemplos anteriores o *website* é menos intuitivo e interativo, funcionando de forma mais simples embora seja possível encontrar no mesmo informações sobre o museu, eventos, informações sobre a ilha de Milos e a sua geologia. Ao analisar o *website* é perceptível que este museu funciona mais como um museu do território, dando ênfase à exploração mineira, que marcou a história da ilha e também à geologia que formou o território.

Num centro de visitantes é possível ficar a conhecer a história da mineração na ilha grega, através de mapas, fotografias e objetos relacionados com a atividade. Há a possibilidade

de fazer a visita com audioguia, sendo esta a única possibilidade de visita guiada, não havendo as tradicionais visitas guiadas com um guia humano (Milos Museum, 2020).

O Mining Milos Museum realiza programas educacionais com atividades divertidas, tendo como objetivo aumentar a consciência da comunidade local, especialmente daquela em idade escolar, aborda temas como a fauna e a flora local e a importância da preservação do meio ambiente (Milos Museum, 2020).

Como um serviço complementar do Mining Milos Museum, existe a oferta de sete *geo-walks* (trilhos geológicos) distintos, onde se podem encontrar ao longo dos percursos painéis informativos com informação sobre a geologia; riqueza histórica e estado atual da mineração na ilha de Milos. Em cada percurso há a referência histórica e geológica sobre aquilo que se vai observando, sendo esta atração dos *geo-walks* bastante evidenciada no website (Milos Museum, 2020).

Como foi já referido, é um museu mais antiquado e sem grande recurso às novas tecnologias. Contudo, por outro lado, tem uma forte componente educacional e de preservação do património e da natureza.



Figura 14 - Interior do Milos Mining Museum

Fonte: Milos Museum (2020)



Figura 15 - Exterior do Milos Mining Museum.

Fonte: Milos Museum (2020)

Tabela 8 – Opinião visitantes Museu de Milos

Atração	Opinião do visitante	Fonte
Milos Mining Museum – Grécia	<i>Que pequeno museu maravilhoso que fornece uma história detalhada da mineração e a vida de seus trabalhadores. Aqui, você aprenderá sobre geologia e mineração. A coleção de rochas, pedras e cristais é impressionante e bonita.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g635606-d605981-Reviews-Milos_Mining_Museum-Adamas_Milos_Cyclades_South_Aegean.html#REVIEWS
	<i>Eu visitei minha filha esperando um pequeno lugar desorganizado chamado museu. Eu estava longe. O museu é de tamanho decente (você precisa de 1,5 horas), muito bem organizado e com ótimas coleções. Ótimo para crianças. Ele também tem um filme muito bom que mostra os locais que trabalhavam nas minas de Milos. Muito interessante no geral.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g635606-d605981-Reviews-or5-Milos_Mining_Museum-Adamas_Milos_Cyclades_South_Aegean.html#REVIEWS

Sobre a visita ao museu de Milos na Grécia, os visitantes dizem que é uma boa experiência educativa, pois podem aprender sobre geologia e também sobre mineração. Realçam a coleção de cristais e dizem que é um museu bem organizado e ótimo para crianças, referem ainda o documentário onde é possível ver os mineiros locais a trabalharem na mina. Deste museu, pode-se destacar a componente educativa abordando duas áreas, a geologia e a mineração.

Sovereign Hill – Austrália

É um museu ao ar livre situado perto da vila de Ballarat a 750 Km de Camberra, na Austrália, em Sovereign Hill. É a maior atração da cidade, tendo mais de 25 hectares.

A descoberta de ouro nesta cidade aconteceu em 1850 e é à volta da exploração deste metal que esta atração se desenvolve. Todo o “parque” funciona como recriação da época em que a cidade vivia o auge da exploração de ouro, os edifícios são recriações da época e os funcionários andam vestidos ao estilo do séc. XIX (ver figuras 16 e 17) . Todos os dias há performances de rua, tais como teatros a que as pessoas podem assistir. Além destes teatros de rua, existem teatros no interior de edifícios. Há também passeios de comboio ao garimpo do ouro, onde se pode aprender a garimpar (Sovereign Hill, 2020). Dentro da atração existe o Museu do Ouro, que tem dois espaços de exposição permanente onde se exibem as pessoas, lugares e eventos que moldaram a cidade de Ballarat e os campos de ouro da época vitoriana. Essas exposições são complementadas por um programa rotativo de exposições temporárias, eventos especiais, programas públicos e atividades de férias escolares.

As visitas guiadas também são temáticas, existindo atualmente uma nova atração feita à luz de velas. O guia representa sempre uma personagem histórica que guia o visitante nesta aventura. Esta atividade está disponível ao sábado à noite, mas em período de férias escolares funciona diariamente. No *website* da atração existe muita informação para a visita, bem como outras indicações, como por exemplo um código de conduta teológico. Esta atração tem também uma forte componente educacional, como foi perceptível anteriormente no texto. Muitas das atividades de Sovereign Hill são adaptadas em período de férias escolares e há também experiências criativas, estimulantes e interativas para estudantes de todas as idades. As experiências dos alunos podem ser no interior, ao ar livre, e até serem subterrâneas, sendo fornecida uma variedade enorme de atividades.

O *website* desta atração é extremamente intuitivo e contém todas as informações necessárias sobre a atração. Esta atração funciona como um parque temático onde é explorada a história da cidade. Atendendo à forte componente mineira que esta possui, funciona como uma máquina do tempo onde tudo é recriado (Sovereign Hill, 2020).



Figura 16 - Sovereign Hill

Fonte: Visit Melbourne (2020)



Figura 17 – Atividades com crianças em Sovereign Hill

Fonte: Visit Melbourne (2020)

Tabela 9 – Opinião dos visitantes relativamente a Sovereign Hill

Atração	Opinião do Visitante	Fonte
Sovereign Hill – Austrália	<i>Eu pude voltar no tempo nesse local. Tudo incrível. Cenário, vestuário, comidas típicas, atrações e muita animação na cidade do ouro. até garimpar eu garimpei...</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g255346-d259670-Reviews-Sovereign_Hill-Ballarat_Victoria.html#REVIEWS
	<i>Um ótimo passeio em família. Há muito para adultos e crianças verem e fazerem. Eu já estive muitas vezes, mas ainda me divirto muito.</i>	Tripadvisor (2020) https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g255346-d259670-Reviews-or5-Sovereign_Hill-Ballarat_Victoria.html#REVIEWS

Na visita ao parque de Soverein Hill os visitantes destacam a forma como é feita toda a recriação, realçando o uso de trajes, tudo isto de maneira a que as pessoas sintam que viajam no tempo.

Existe também a referência de que é um local para repetidas visitas o que mostra a diversidade e o quanto agradável é. Os visitantes realçam também que é excelente para adultos e crianças.

3.6 - O envolvimento da comunidade local como estratégia de gestão de visitantes em turismo mineiro

O desenvolvimento sustentável vem sendo uma preocupação transversal a várias áreas nas quais o turismo se insere. A United Nations World Tourism Organization (UNWTO) define o turismo sustentável como “O turismo que considera os atuais e futuros impactos económicos, sociais e ambientais, atendendo às necessidades dos visitantes, da indústria, do meio ambiente e das comunidades de acolhimento”, segundo esta mesma organização, o “desenvolvimento deste tipo de turismo requer a participação informada de todas as partes interessadas, bem como uma forte liderança política que garanta uma ampla participação e construção de consenso. Trata-se de um processo contínuo que requer uma monitorização constante dos impactos, para que possam ser introduzidas medidas preventivas e/ou medidas corretivas” (UNET & UNWTO, 2005, p. 11). Uma vez que a massificação do turismo traz problemas ao nível da sustentabilidade nos territórios onde ocorre, esta preocupação é cada vez mais usual.

Relativamente aos locais onde existe património histórico, são imensos os exemplos de sobrecarga dos recursos podendo, em casos mais extremos, levar mesmo à destruição total. Assim, e de forma a evitar estes fins trágicos, em alguns destinos têm-se procurado seguir políticas de desenvolvimento turístico sustentável. Este desenvolvimento exige uma abordagem que englobe as vertentes económica, social, cultural e ambiental, tendo sempre por base a comunidade local (UNET & UNWTO, 2005).

Nas últimas décadas tem vindo a ser estudado o envolvimento das comunidades locais em projetos turísticos, assim como as reações e atitudes destas comunidades relativamente ao turismo. O turismo deve respeitar os direitos e desejos dos povos locais e promover a oportunidade de amplos sectores da comunidade participarem nas decisões, no planeamento e na administração do turismo. É consensual que a participação dos

residentes no planeamento do destino é indispensável para que exista um desenvolvimento sustentável do mesmo (Sharma et al., 2012). Neste sentido, é vital que os diversos intervenientes do processo – governos locais, políticos, gestores do património e empresas – compreendam a importância desse envolvimento, uma vez que o sucesso de um plano de desenvolvimento sustentável depende do apoio ativo da população local (Gursoy & Rutherford, 2004). Para Lee (2013) é consensual que o envolvimento da comunidade local é fundamental para o turismo sustentável.

A mobilização da comunidade local com vista à participação nos projetos, nomeadamente na organização, planeamento e desenvolvimento do turismo deve ser pensada tendo em conta a comunidade à qual se dirige, sendo necessário ter em conta as características socioculturais dessa comunidade para uma boa acção de sensibilização.

É essencial informar a comunidade local sobre a importância da promoção do destino enquanto destino turístico, elucidando para as necessidades, prioridades e orientações de planeamento do destino a promover, devendo ser sempre evidenciado que a participação da comunidade local neste processo é essencial, como referem Hannai e Espíndola (2011). Os mesmos autores realçam ainda que o esforço na sensibilização da sociedade para o turismo sustentável é primordial para a construção de novos paradigmas do desenvolvimento turístico. Neste contexto deverá ser tida em conta a participação activa das comunidades locais ao autores referem ainda que, as comunidades locais devem participar no processo de planeamento e organização do turismo. Se a comunidade local estiver sensibilizada e compreender a actividade turística e tudo o que esta acarreta, permite que haja consciência e definição de estratégias a seguir, promovendo o desenvolvimento quer turístico, quer da própria comunidade, ou seja, a integração da comunidade local em todo o processo do planeamento turístico é essencial.

Existindo uma sensibilização da comunidade relativamente ao turismo, esta situação cria oportunidades das comunidades locais se envolverem e se integrarem ativamente nos projetos turísticos, podendo desenvolver ações integradas e conjuntas com as entidades responsáveis pela gestão das minas, no sentido de atingirem o mesmo objetivo final, sendo este objetivo comum aos vários actores da localidade (Hanai & Espíndola, 2011).

Em áreas onde existiu exploração de minério e onde, posteriormente ao fecho, se opta por transformar o legado mineiro em projeto turístico, é determinante o envolvimento da comunidade local. Como já referido anteriormente neste texto, a mina e a atividade ligada a esta geram uma profunda alteração na comunidade que vive no território onde a mina está inserida. Por este motivo, a comunidade local é bastante usada em projetos de turismo mineiro. O turismo baseado no património mineiro gera a oportunidade de a comunidade mineira preservar e perceber o seu complexo legado social, havendo também a oportunidade para esta comunidade celebrar a sua autenticidade e passado. Deve haver uma ligação entre a comunidade e a sua história e a comunidade deve ter orgulho da sua história.

Foi no Reino Unido que se iniciou a prática, atualmente generalizada para outros países, do uso de antigos mineiros como guias, como já referido. Estes fazem as visitas guiadas ao interior da mina, a exposições e explicam todo o processo de mineração aos visitantes. Acrescentam assim, à apresentação da técnica, a partilha da sua experiência, das suas emoções, e contam as suas vivências, procurando tornar a visita mais atrativa. O património que estes guias transmitem durante as apresentações que fazem é imaterial, e este papel só pode ser desempenhado por pessoas que pertençam à comunidade local. Acresce a este elemento o benefício de empregar pessoas que, devido ao fecho das minas, deixaram de ter emprego (Jelen, 2018).

Em diversa literatura foi possível identificar várias estratégias de interpretação onde a comunidade local é um aspeto central, sendo utilizada muitas vezes na transformação de legados mineiros em atrações turísticas mais apelativas. Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos.

No Brasil, nas minas de Brejuí (ver figura 18), a comunidade local está intimamente ligada ao projeto turístico mineiro, onde as pessoas servem de guias aos vários edifícios que foram sendo construídos pela empresa concessionária da mina durante os anos de exploração mineira. Usam também as escombrelas para servirem de miradouros (Costa et al., 2019).



Figura 18 - Visita às Minas de Brejuí

Fonte: Geológicos do Brasil (2010)

As Minas de Rhonda, situadas no País de Gales, proporcionam visitas ao interior da mina guiadas por um antigo mineiro (ver figura 19 e 20), onde este partilha as suas experiências, memórias e oferece uma visita autêntica. Estas visitas podem ser feitas em família ou em grupos escolares (Visit Wales, 2020).



Figura 19 - Visita guiada por um Ex-mineiro a um grupo de crianças

Fonte: Visit Wales (2020)

Existe na Irlanda o “Arigna Mining Experience”, um projeto que se desenvolve em volta da comunidade local, principalmente dos ex-mineiros, uma vez que todas as visitas são guiadas por ex-mineiros.

Nas visitas é sugerido que se acompanhe um ex-mineiro num passeio que é literalmente uma jornada pela vida do mesmo. As gotas da água a cair, a intensidade da escuridão, a visão das áreas apertadas em que os mineiros estavam deitados, normalmente de lado e em poças de água, faz com que os visitantes se admirem com as condições de trabalho que existiram até tempos relativamente recentes.

A visita é uma fascinante jornada pela história, que atrai jovens e idosos e deixa no visitante um enorme conhecimento e sensibilidade para a dedicação das gerações de mineiros ao seu trabalho e em condições extremamente difíceis.



Figura 20 - Visita guiada por um ex-mineiro

Fonte: Visit Wales (2020)

Na grande maioria dos projetos turísticos mineiros que foram analisados, havia um envolvimento da comunidade, sobretudo através da participação de ex-mineiros como guias em visitas guiadas, partilhando a sua experiência e relatando acontecimentos que ocorreram nas minas. Este aspeto mostra que é dada a devida importância ao saber destas comunidades, assim como a existência de preocupação em assegurar um desenvolvimento turístico.

3.7 - Conclusão

Neste capítulo fez-se a revisão bibliográfica para verificação do estado da arte no que diz respeito à gestão de visitantes. Procedeu-se à conceptualização, e também, à análise da aplicação de estratégias duras e suaves de forma à experiência ser melhor para o visitante e, por sua vez, de forma à atração não ficar comprometida. Abordaram-se técnicas de interpretação mais utilizadas, inclusive em contexto real, assim como, se analisaram alguns projetos, onde há o envolvimento da comunidade como estratégia que gere benefícios tanto para visitantes como para residentes.

Este capítulo é deveras importante, pois além da contextualização teórica sobre a gestão de visitantes e técnicas interpretativas, foi possível verificar a sua aplicação em contexto real, especificamente em diversos sítios de visita de património mineiro, o que poderá ser bastante útil para os casos que estão a ser estudados nesta dissertação. Assim, e através do conteúdo analisado, consegue-se perceber que as visitas guiadas são opção em todas as atrações, e quando possível, guiadas por ex-mineiros de forma a enriquecer a visita. Também se percebe que as recriações têm boa aceitação, sendo cada vez mais recorrente o uso desta técnica. A componente educacional também está presente em grande parte das atrações, assim como a utilização de multimédia. A cocriação de experiências é também bastante aplicada, fazendo com que o visitante participe ativamente nas atividades. Estas atividades têm muitas vezes uma componente imersiva e sensorial, de modo a transmitir as sensações sentidas pelos mineiros, e tornar a visita mais real.

A adaptação da visita aos diversos públicos-alvo é também utilizada, o que demonstra que existe, cada vez mais, a preocupação em passar a mensagem correta e de que esta mensagem é compreendida. A nível de público-alvo, é também perceptível que o *target* família é, em geral, o que mais se procura captar.

Capítulo 4 – Metodologia

4.1- Introdução

Neste capítulo abordar-se-á a metodologia escolhida para a recolha e análise de dados. Apresentam-se os casos escolhidos e aborda-se a metodologia de recolha e análise de dados aplicada para o seu estudo.

4.2 - Escolha e justificação da metodologia

Esta dissertação é baseada em estudos de caso. Normalmente, o primeiro método a que se recorre é a revisão bibliográfica. É feita uma análise de conteúdo da literatura e de documentos sobre os casos em questão. Na sua maioria, os artigos e livros apresentam uma perspetiva histórica e o estado da arte do projeto. Assim, e primeiramente, este é o método por onde se inicia uma investigação.

Através da revisão bibliográfica, é perceptível a aplicação de várias metodologias consoante o resultado que se pretende obter. Por exemplo, quando se pretende aferir os impactos da visita nos visitantes, opta-se pela realização de questionários, sendo uma metodologia mais quantitativa, como por exemplo para auferir a perspetiva dos estudantes polacos relativamente ao turismo mineiro, já referido neste estudo (Rózycki & Dryglas, 2017) e também utilizada, no estudo sobre a perceção dos visitantes, relativamente à interpretação em Beijing China, (Ballantyn et al., 2014).

Quando a pretensão é perceber a implementação e o estado da arte de um projeto turístico, a opção metodológica mais recorrente é a realização de entrevistas, ou seja, uma metodologia mais qualitativa, como por exemplo, para se perceber os impactos do turismo no sítio arqueológico de Petra e na respetiva comunidade local, (Mustafa & Sultan, 2011). Assim, são utilizadas várias técnicas metodológicas, tais como revisão bibliográfica, questionários e entrevistas, sendo cada uma escolhida e utilizada, conforme o que for mais adequado para dar resposta às questões de investigação.

Para esta dissertação, e mais especificamente para o estudo que aqui é abordado, entendeu-se que a melhor metodologia a aplicar seria a metodologia qualitativa, no contexto do estudo de caso. Esta metodologia caracteriza-se por ser mais adequada para um número de casos relativamente pequeno, pois permite a recolha de um número

considerável de informação, mais ou menos detalhada com o objetivo de descrever o objeto de estudo em questão, sobre o qual, normalmente, existe pouca ou nenhuma informação. É mais indicada para estudos de índole exploratória, procurando corroborar as ideias, pistas e hipóteses de investigação que a revisão bibliográfica indicou (Kastenholz et al., 2012).

Optou-se pela realização de dois estudos de caso de minas, já exploradas no âmbito do turismo industrial, onde foram implementados projetos que transformaram estas minas em atração turística. Foi escolhido um caso nacional, que é o caso de estudo principal, e um caso internacional. Para a recolha de dados empíricos realizou-se observação participante por parte da autora e também entrevista aos gestores dos projetos turísticos dos complexos mineiros pertencentes aos estudos de caso.

No caso das Minas de Pejão, objeto central de investigação desta dissertação, e visando a sua possível futura exploração turística, entendeu-se ser essencial, para além da sua análise documental, a realização de entrevistas a algumas entidades do couto mineiro do Pejão, no sentido de auscultar organizações que operam no território e de compreender a perceção que estas têm do legado mineiro. Assim, foram feitas entrevistas ao vereador da cultura e a vereadora do turismo do município de Castelo de Paiva. Pelas mesmas razões, também se entendeu ser pertinente entrevistar elementos da comunidade local. Foram escolhidas quatro pessoas que desempenham funções em associações de proteção patrimonial e de valorização do território.

4.3 - Métodos da recolha de dados

4.3.1 - Estudos de caso

Para Pardal e Correia (1995) os estudos de caso correspondem a um modelo de análise intensiva de uma situação particular. Tal modelo é flexível no recurso a técnicas, pois permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização em contexto real.

Os estudos de caso de turismo mineiro escolhidos, servem para analisar a realidade deste tipo de turismo em dois contextos distintos, particularmente ao nível da programação e implementação de estratégias de interpretação, mais especificamente, para examinar a divulgação das atividades disponibilizadas, e de que forma estas atividades se realizam,

analisar os impactos dos programas e compreender a natureza dos processos que produzem os impactos verificados em contexto real.

No presente estudo, esta verificação será aplicada aos estudos de caso escolhidos. Foram escolhidos dois casos, pois os resultados tornam-se mais sólidos quando são produzidos em relação a uma variedade de locais, do mesmo género, permitindo conclusões sobre possíveis fatores críticos de sucesso ou fracasso (QREN, 2019).

Também para análise das Minas do Pejão realizar-se-á uma abordagem e estudo de caso, embora, mais no sentido de realizar um diagnóstico do potencial do couto mineiro do Pejão para dinamização turística, pois não tem nenhum projeto turístico associado, nem atividades desenvolvidas que se possam analisar, mas não deixa de ser um estudo de caso, e neste caso concreto, o objeto de estudo principal desta dissertação.

4.3.2 – Revisão de Literatura

Como já referido anteriormente, um estudo deve primeiramente ser baseado numa revisão bibliográfica, pois só assim se consegue perceber o percurso e o estado da arte de determinado tema. O estudo aqui apresentado não foi uma exceção.

Entendeu-se ser de elementar pertinência iniciar o estudo pela leitura de documentos onde o turismo cultural fosse abordado, quer na sua conceitualização, quer no percurso histórico, quer no estado em se encontra atualmente. O mesmo foi efetuado para a temática do turismo industrial e, posteriormente, para o turismo mineiro.

Depois destas leituras, entendeu-se que seria adequada a análise de documentos onde o turismo mineiro tivesse sido estudado em contexto real, assim procurou-se artigos de estudos e projetos sobre esta temática, de onde foram retirados elementos fundamentais para o estudo em questão.

Não menos importante do que as leituras efetuadas anteriormente, foi a análise a documentos sobre a gestão de visitantes, mais concretamente a interpretação e o envolvimento da comunidade local em projetos turísticos. Estas leituras, desmembraram-se depois em subseqüentes análises de variadas temáticas, tais como a cocriação, as experiências imersivas, o turismo rural, entre outras temáticas, que se entenderam serem pertinentes.

4.3.3. - Análise Documental

Para o estudo das minas do Pejão serão consultadas algumas fontes primárias, pois somente nestas fontes, existe a informação que se pretende. O PDM (Plano Diretor Municipal) do Município de Castelo de Paiva, terá que ser analisado, pois é o documento que regulariza o território onde estão localizadas as estruturas que serviram de suporte à exploração mineira. E obrigatoriamente, terá que ser consultado o jornal mensal, publicado pela empresa detentora das minas, estando neste jornal uma fonte riquíssima de informação, mais concretamente sobre a comunidade mineira na época áurea da exploração. Esta é a melhor fonte primária sobre as Minas do Pejão, pois faz o retrato quase diário do que acontecia no couro mineiro do Pejão.

4.3.4 - Observação participante

Nos estudos de casos analisados será também usada a observação, que será feita pela própria investigadora. Aqui, o observador tenta passar despercebido, não se inserindo no grupo de trabalho. A ideia consiste em ser um elemento natural naquele local, tal como qualquer outro visitante o é, de modo a que não seja exercida uma influência direta nas ações que decorrem; ou seja, o observador vai participar, mas de forma natural, para que não seja notado como estando a realizar um estudo. Apesar disso, estará atento ao que está a acontecer de forma a poder retirar o que pretende para o seu estudo.

Spradley (1980) diz que a observação participante é semelhante ao que se vivencia em contexto social. Acrescenta ainda que o observador participante entra na situação (objeto de estudo) com dois propósitos. O primeiro é o de se envolver nas atividades ligadas ao estudo, e o segundo é o de observar as atividades, as pessoas e os aspetos físicos. Assim, ao mesmo tempo que participa na situação, vai registando aquilo que observa.

Para os dois estudos de caso escolhidos, e também como complemento das outras técnicas metodológicas, entende-se que a observação participante seja indispensável.

Também será efetuada observação participante no couro mineiro do Pejão, embora as premissas que se procuram, não sejam as mesmas dos dois estudos de caso.

4.3.5 - Entrevista aos gestores das minas analisadas nos casos de estudo

Por fim, realizar-se-á uma entrevista a cada gestor dos locais escolhidos para estudo de caso, portanto, ao gestor do complexo mineiro de Três Minas e ao gestor do complexo mineiro de Falun, em Dalarna Suécia.

Para os dois estudos de caso aplicar-se-á o mesmo guião de entrevista semiestruturada que será administrado, não de modo extremamente rígido, para que se possa aprofundar alguma especificidade que possa surgir espontaneamente durante a entrevista e, também, para se deixar ao critério do entrevistado uma questão de forma mais aberta, para que este, se assim entender, se possa expandir na resposta (Carbone, 2006).

Devido à diversidade de contextos, poderão surgir para a mesma pergunta respostas diversificadas, resultando daí uma riqueza da informação obtida. As questões, geralmente abertas, poderão levar à identificação de realidades de interpretação diversas, aplicadas a um contexto tematicamente semelhante, assim como a projetos, formas de implementação e resultados distintos.

Esta entrevista terá mais foco no planeamento e implementação do plano interpretativo em cada local, procurando saber quais os principais objetivos que se pretendem alcançar e, também, as principais dificuldades inerentes a casos desta especificidade. Para a elaboração do guião da entrevista, seguiram-se as indicações que foram auferidas na revisão bibliográfica.

Todas as entrevistas realizadas nesta dissertação foram efetuadas online, através da plataforma Microsoft Teams.

Assim, a **entrevista** está dividida três blocos, cada um com a sua temática:

- 1) Projeto e constituição de parcerias;
- 2) Planeamento, gestão e funcionamento;
- 3) Técnicas de interpretação e envolvimento da comunidade local

Tabela 10 – Guião da entrevista

	1) Quais os indicadores que levaram à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às minas?
	2) Como justificou a viabilidade da execução do projeto?

Bloco 1 - Projeto e constituição de parcerias	3) Em que estado de conservação se encontrava o legado mineiro antes de iniciar o projeto?
	4) De que forma foi assegurada a segurança do complexo mineiro de forma a receber visitantes?
	5) Qual a tipologia da entidade que gere a atração turística?
	6) Quais os parceiros convidados para a realização do projeto? a) Porquê? b) Qual a função/ envolvimento dos parceiros no projeto?
	7) De que forma o projeto foi financiado ?
	8) Quais foram as intervenções ambientais e de conservação patrimonial realizadas no projeto?
	9) Quais as principais dificuldades sentidas para a realização do projeto ? a) Quais as razões?
Bloco 2 - Planejamento, gestão e funcionamento	1) Houve um entendimento por parte dos parceiros e dos órgãos de gestão da atração para a escolha do que seria dinamizado e do que não seria? Se sim, como foram tomadas estas decisões? a. Como determinaram o número de técnicos que seriam necessários para a implementação do projeto? b. Quantos técnicos estão afetos à atração turística? c. A que áreas os técnicos estão afetos?
	2) A atração possui plano de marketing ? a. Quais são os públicos-alvo ? b. Que estratégias adotam para atrair os diversos públicos-alvo? c. De que forma se posicionam para que esta atração se distinga de atrações semelhantes? d. Qual a imagem desta atração que pretendem criar no mercado?
	3) São realizados estudos de mercado , há alguma atenção às tendências dos públicos deste tipo de atrações culturais? a) Se sim, quais as estratégias de interpretação escolhidas para irem de encontro aos estudos de mercado?
	4) A atração insere-se em alguma rota ou projeto turístico?

3) Técnicas de interpretação e envolvimento da comunidade local	1) Implementaram as técnicas direcionadas a um ou vários públicos-alvo?
	2) Fazem visitas guiadas? a) Quem desempenha o papel de guia? b) Em que horários têm visitas? c) Há um número máximo ou mínimo de pessoas por visita? Porquê? d) Em que línguas? e) Que conteúdos privilegiam e porquê? Como é que os guias se relacionam com os públicos? Recebem formação para esse fim?
	3) Existem painéis interpretativos na atração? Com que tipo de informação?
	4) Existe centro de visitantes? Com que informação e equipamento?
	5) Realizam eventos especiais tais como recriação de eventos históricos ou outros eventos (ex. festas, eventos em dias comemorativos)? Dirigidos a quem? O que fazem nesses dias?
	6) Que outras técnicas de interpretação, ou seja, técnicas para apresentar e fornecer informação sobre as minas utilizam?
	7) De que forma foram feitas as escolhas das técnicas de interpretação a usar na atração? a) De que forma participou na conceção do projeto? b) De que forma participa ativamente no projeto? c) Qual o <i>feedback</i> da comunidade sobre a atração? d) Qual o <i>feedback</i> da participação da comunidade local neste projeto?
	8) Promovem momentos de interação entre os visitantes e a comunidade?
	9) Existe uma loja de recordações relativas à atração? Com que tipo de produtos?

Fonte: Elaboração própria

4.3.6 - Entrevista aos vereadores do município de Castelo de Paiva

No sentido de se perceber o estado atual e, também, se há perspetivas futuras de realização de projetos para o legado mineiro do Pejão, entendeu-se ser pertinente a realização de entrevistas aos vereadores do turismo e da cultura do município de Castelo de Paiva.

Assim, a **entrevista** está dividida em três blocos, cada um com a sua temática:

- 1) Estado atual e dificuldades sentidas;

- 2) Pretensões e projetos futuros;
- 3) Potencialidades e envolvimento da comunidade;

Tabela 11 - Guião da entrevista aos vereadores do município de Castelo de Paiva

Estado atual e dificuldades sentidas	1) Para o município de Castelo de Paiva, qual a importância do legado das Minas do Pejão, enquanto elemento identitário cultural?
	2) Qual a principal dificuldade, ou motivo, para, ao fim de 25 anos após o fecho das minas, não existir nenhum projeto ligado a este legado?
	3) Como pretendem, neste momento, ultrapassar as dificuldades sentidas para que a proteção deste património seja efetiva?
Pretensões e projetos futuros	4) Existem projetos em curso para este legado patrimonial? a. Se sim, quais?
	5) Pretendem envolver a comunidade local nestes projetos? a. Se sim, de que forma?
	6) Já existiu/ existe a possibilidade de efetuar um projeto turístico ligado ao património mineiro? Se sim, de que tipo e qual o nível de realização respetivo?
	7) Quais os indicadores (se existirem) que levam à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às Minas do Pejão?
Potencialidades e envolvimento da comunidade local	8) Entendem ser importante o envolvimento da comunidade local na dinamização de um produto turístico ligado às minas) a. Se sim, de que forma?
	9) Qual considera ser o potencial de um projeto turístico associado às Minas do Pejão para o concelho de Castelo de Paiva?

4.3.7 – Entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro

Uma vez que o envolvimento da comunidade local nos projetos turísticos é um dos pontos fulcrais desta dissertação, entendeu-se ser de valor realizar entrevistas a elementos da comunidade local do couro mineiro do Pejão, desta forma, foram efetuadas entrevistas a quatro pessoas ligadas à defesa deste património e envolvidas em associações de valorização e proteção patrimonial. Assim, e de forma a ser respondido o que se pretende saber, a **entrevista** está dividida em três blocos:

- 1) Importância do legado mineiro para a comunidade local;
- 2) Potencial turístico;
- 3) Envolvimento da comunidade local na dinamização turística do legado mineiro;

Tabela 12 – Guião da entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro

Importância do legado mineiro para a comunidade local	1) O que representam para si, as Minas do Pejão e o seu legado enquanto património e cultura da sua região?
	2) Entende que seja importante para a comunidade local a preservação e dinamização do património ligado às Minas do Pejão?
Potencial Turístico	3) No seu entender, o legado das Minas do Pejão tem potencial turístico?
	4) Entende que o turismo possa ser essencial na proteção, preservação e dinamização do legado mineiro? Se sim, de que forma?
	5) Do seu ponto de vista, que experiências turísticas entende serem possíveis de realizar no território mineiro?
Envolvimento da comunidade local na dinamização turística do legado mineiro	6) Entende que a participação da comunidade local na dinamização de experiências turísticas seria interessante? Se sim, que experiências turísticas pensa que a comunidade local possa desenvolver relativamente a este legado mineiro?
	7) Estaria disposto a participar enquanto parceiro na dinamização turística de um projeto mineiro ligado às Minas do Pejão? a. Se sim, de que forma poderia ser?
	8) Do seu ponto de vista, que impacto teria na comunidade local e na região, a dinamização turística do legado das Minas do Pejão?

	9) De que forma percebe, na atualidade, as Minas do Peirão e quais os seus desejos futuros, para este legado, tendo em conta o que outrora foram essas minas?
--	---

4.4 – Conclusão

Neste capítulo que agora encerra, explicam-se as escolhas metodológicas a aplicar, optando-se por iniciar com revisão bibliográfica. Foi com base nesta metodologia que se selecionaram as perguntas para a elaboração do guião das entrevistas, sendo, portanto, este método, de extrema importância. Após esta escolha, optou-se pelo estudo de caso, entrevista e observação participante. É este conjunto de metodologias que servirá de base, e que fornecerá os resultados que tanto se ambicionam descobrir, para que se possa finalizar a dissertação apresentando propostas de valor para o aproveitamento turístico das Minas do Peirão em determinados âmbitos.

Capítulo 5 – Análise de dados recolhidos sobre dois casos de turismo mineiro

5.1 - Introdução

Neste capítulo serão abordados os estudos de caso, passando por uma breve contextualização geográfica e histórica de cada um. Posteriormente será feita a análise às entrevistas dos gestores dos complexos turísticos e também aos resultados da observação participante feita pela autora desta dissertação.

As informações conseguidas neste capítulo são cruciais para esta investigação, pois daqui resulta a análise de dois casos diferentes, onde se poderá retirar o que têm em comum e onde divergem, assim como todo o processo percorrido para chegarem ao estado atual.

5.2 - Estudo de caso de Falun Gruva

As minas de cobre de Falun situam-se na região de Dalarna, zona central da Suécia, a aproximadamente 317 Km de distância da capital, Estocolmo (imagem 22). Falun é uma cidade dividida em quinze concelhos e com uma população de cerca de 280.000 habitantes, sendo que a grande maioria da população da região está concentrada nas cidades gémeas de Borlagne e Falun.

Estas duas últimas cidades são grandes centros urbanos, existindo posteriormente pequenas vilas e aldeias distribuídas pela região de Dalarna, que é conhecida por ser pitoresca e representar o folclore sueco. Por este motivo é mencionado no site oficial de turismo de Dalarna que *“Visitar Dalarna é como experienciar a Suécia em miniatura, é ter contacto com a cultura Sami, povo ancestral que habitava o Norte da Europa, é visitar lagos e montanhas, conhecer as casas vermelhas, experienciar o desenho craft e imergir na excitante história e património industrial”* (Visit Dalarna, 2020)

Dalarna está também muito associada aos desportos de Inverno, sendo mesmo o destino mais importante Sueco para a prática de Ski. Tem, assim, esta imagem de marca forte a nível nacional e internacional associada. Apresenta um mix de eventos culturais ao ar livre, assim como tem também bastantes símbolos associados ao destino, como o cavalo de Dala pintado com tinta vermelha proveniente da mina de cobre de Falun, Património Mundial. Visto ter uma oferta atrativa muito diversificada (imagem 23), consegue posicionar-se como a quarta região mais visitada da Suécia.

As minas de Falun tem uma longa história de extração de cobre que remonta mesmo ao período Viking, congregando mais de 1700 anos de história (Pashkevich, 2017). A origem da descoberta está envolvida em misticismo e magia, com uma lenda associada. Esta lenda é aproveitada, atualmente, para promoção turística e marketing sobre a mina.

Sobre a grande montanha de cobre de Falun, a UNESCO diz nos que “É um dos monumentos industriais mais notáveis do mundo. A paisagem cultural ilustra graficamente as atividades de produção de cobre na região de Dalarna, no centro da Suécia, pelo menos desde o século IX” (UNESCO, 2020).

Apesar de serem conhecidos vestígios anteriores a esta data, é no ano de 1288 que surge pela primeira vez documentada a concessão para exploração da mina. Este documento é assinado pelo Rei Magnus e pelo arcebispo de Upsala (Falu Gruva, 2020). A exploração de cobre em Falun teve o seu ponto alto no século XVII, catapultando a Suécia para o topo da lista como produtor de cobre mundial. por este motivo, a mina teve forte influência no impulsionamento tecnológico, económico, social e político do seu país (UNESCO, 2020a). Toda a construção e transformação do couro mineiro é feita e vai aumentado por esta altura. É também nesta época, mais propriamente em 1687, que acontece o colapso que dá origem à cratera que caracteriza a paisagem na zona mais central da mina. Forma-se assim a “Stora-Stoten”, traduzido como grande cova, a cratera tem uma circunferência de 1,6 Km e 95 metros de profundidade. Este acontecimento ficou marcado por não ter feito vítimas.

A área que rodeia a mina está intimamente ligada à exploração mineira. Existem construções à superfície que estão ligadas diretamente à mina e ao funcionamento diário da exploração, como é o caso do cavalete, a igreja, a casinha que serve de entrada à mina e, mais afastadas, mas ainda mais características, estão as casas dos mineiros. Estas casas são pintadas de vermelho, com tinta proveniente da mina. Toda esta área em redor da mina mostra a Falun do século XVIII. São todas estas componentes que mostram a vida de uma das áreas mineiras mais importantes do mundo (UNESCO, 2020a).

Foi a autenticidade dos edifícios e monumentos ligados à mina, assim como a fácil perceção do modo de vida ligado às antigas tradições mineiras, que transformaram a Grande Montanha de Cobre em Património Mundial.

A atividade mineira em Falun encerrou em 1992, mas a tinta vermelha que caracterizou primeiramente as casas dos mineiros e, posteriormente, se alargou a outras regiões, continua a ser produzida atualmente.

Entrevista à coordenadora do complexo turístico das minas de Falun

A entrevista realizada à coordenadora teve a duração de, aproximadamente, 30 minutos, onde existiu previamente a tradução de português para inglês e, posteriormente, a transcrição e tradução da entrevista de inglês para português, tarefa que se revela bastante morosa, tendo a duração de cerca de quatro horas. Uma versão integral desta entrevista pode encontrar-se no apêndice 1. Aquando da realização da entrevista, a coordenadora do sítio de Falun, solicitou a ajuda de uma das guias do complexo mineiro para que a informação fosse dada da melhor forma possível. Assim, a entrevista decorreu via *Microsoft Teams* a estas duas colaboradoras do complexo mineiro.

Para o **primeiro bloco** de perguntas, abordam-se os tópicos sobre os indicadores e a viabilidade que levaram à realização do projeto, o estado de conservação e a segurança que o complexo mineiro apresentava à data de início do mesmo e, mais concretamente, a constituição de parcerias. Abordam-se os tópicos sobre a escolha e a justificação dos parceiros, a forma de financiamento, as diretrizes a seguir em relação às intervenções ambientais e à conservação patrimonial, assim como as principais dificuldades sentidas para a implementação do projeto.

Logo à primeira pergunta que visa a transformação do complexo mineiro para fins turísticos e quais os indicadores que fizeram com que surgisse um projeto viável nesta temática, a resposta foi a de que não há em Falun esta transformação, nem indicadores de que fosse possível a concretização deste projeto. Ou seja, não há uma marco ou uma data que se possa dizer que foi o início do que seria esta transformação, uma vez que tudo isto foi acontecendo de forma natural e progressiva, pois as minas de Falun recebem visitantes desde o século XVII. A prática de visitas por parte de Reis e de personalidades importante na história da Suécia é algo que é realçado nesta primeira pergunta.

No início do século XX a empresa que tinha a conceção da exploração da mina foi colecionando objetos relacionados com a história da mesma. Entenderam que seria

importante recolher e guardar peças ligadas à história industrial. Esta noção histórica e esta marca da história ligada à tecnologia, foi algo sempre presente para a empresa que explorava as minas de Falun. Queriam representar a tecnologia e a vanguarda, mas sem nunca descurar o caminho percorrido até ali. Este conceito de história e vanguarda era usado como estratégia de marketing pela empresa concessionária da mina.

A partir dos anos 60 do século passado a área da mina começou a ceder e a sofrer, conseqüentemente, alterações. Nesse momento houve mesmo a preocupação de terem o museu e de fazerem visitas guiadas às minas.

Quando a mina encerrou, em 1992, começaram imediatamente a tentar a classificação como Património Mundial e trabalharam no sentido de protegerem os edifícios e elementos culturais ligados à mina. Dá-se a transformação da empresa de exploração mineira de cobre para fundação e, também, a transformação da mina para museu. A partir do momento que se torna Património Mundial, transforma-se a relevância deste sítio, havendo mais investimento. Com a esta nomeação, têm respeitar as normas e exigências que a UNESCO exige. Ainda em 1992 abre o primeiro museu ligado à tecnologia na Suécia.

Quanto à segurança da mina, esta é uma questão que não se colocou, ou melhor, que foi sempre acautelada uma vez que as visitas à mina sempre existiram.

Quanto ao estabelecer de parcerias e, uma vez que são uma entidade privada, fazem a gestão total do espaço, existindo apenas alguma colaboração especial com o município de Dalarna. Contudo, a maior parte do tempo estão por conta própria.

Relativamente à gestão, esta é feita exclusivamente pela fundação e, quanto ao financiamento, este também depende das receitas que a fundação conseguir. Estas vêm essencialmente da bilheteira do museu e das visitas à mina, e também da renda dos edifícios que pertencem à fundação, fazendo parte as casas restauradas dos mineiros e os edifícios de comércio existentes no complexo turístico. Para a recuperação e restauro de alguns edifícios, receberam financiamento do Município.

As principais dificuldades sentidas, e que ainda o são presentemente, estão relacionadas com a vertente económica, que tem que ser gerida internamente. Outra dificuldade é manter a mina segura para que os visitantes possam fazer a visita sem que ocorra nenhum

perigo. Para manter o interior da mina segura têm um compressor que retira toda a água que se vai acumulando.

No **segundo bloco** de perguntas abordam-se tópicos correspondentes à dinâmica entre parceiros, ao número de técnicos e áreas correspondentes, ao plano de marketing, público-alvo, estudos de mercado e estratégias de interpretação utilizadas.

Quanto ao número de colaboradores afetos ao complexo, este é variável, conforme as épocas do ano. Têm 10 colaboradores efetivos, mas, na época de verão, chegam a ter 40. Os que estão afetos ao longo de todo o ano são, maioritariamente, especialistas em património e museologia, tendo também trabalhadores na área do marketing.

O público-alvo para o qual trabalham maioritariamente é o de famílias e crianças, e a imagem que pretendem passar do complexo turístico é o de uma imagem que seja interessante para esse público-alvo, procurando ser a de que ali encontraram aventura dentro da história da Suécia. Também querem transmitir a imagem de que as minas são importantes, não só para a região de Dalarna, mas para toda a Suécia. Por isso, são todos bem-vindos a este complexo. Depois que se tornou Património Mundial, e uma vez que faz parte da história mundial, todas as nacionalidades são bem-vindas também.

Realizam estudos de mercado e têm uma pessoa na equipa para este efeito, embora peçam também a uma empresa que faça estes estudos. As técnicas de interpretação são posteriormente elaboradas para atingir o *target* definido com base nos estudos de mercado.

Quanto às rotas de que fazem parte, a inquirida referiu que integram a lista de Património Mundial e são também um dos pontos das Rotas Culturais de Dalarna.

No **terceiro bloco** são analisadas temáticas como as técnicas de interpretação utilizadas e como são implementadas e geridas, abordando-se também o envolvimento da comunidade local na dinamização do complexo turístico.

As visitas guiadas são feitas pelos colaboradores que trabalham no complexo. Quanto ao número de visitas, este variam conforme a época do ano. No Inverno é realizada apenas uma visita diária à mina. Já no Verão as visitas são feitas de 50 em 50 minutos desde a abertura até ao fecho, que é das 10h às 16h. As línguas em que são feitas as visitas também

podem depender do guia que as faz, havendo sempre visitas em sueco e em inglês. Embora se possa sempre conseguir fazer a visita em outras línguas, conforme as línguas que os colaboradores no momento da visita saibam falar. Para que a visita ao interior da mina se realize, não existe número mínimo, já o número máximo é, normalmente, de 30 pessoas.

Dizem que têm vários painéis espalhados pela área da mina para que o visitante possa fazer a visita por si só.

Quanto ao museu, dizem-nos que é muito interativo, que foi feito propositadamente para despertar emoções e sensações. Tem inúmeros equipamentos multissensoriais, também destinados ao *target* para o qual trabalham, as famílias com crianças.

Relativamente à comunidade local, dizem que não existe um envolvimento no projeto propriamente dito. Costumam utilizar a área da mina para passear, pois é um território que lhes pertence, mas não se envolvem nos projetos associados à fundação que gere a mina. O único momento onde a comunidade local participa em conjunto com a fundação, é uma celebração no período do Natal. Este é um evento atrai muitos visitantes e, no qual, a comunidade local gosta de se envolver ativamente.

A loja de recordações que existe junto ao museu vende produtos relacionados com a mina como peças em cobre. Contudo, tem uma panóplia de produtos muito vasta pois, como está associada ao Turismo de Dalarna, vende os produtos típicos de toda a região.

Observação participante

A avaliação através de observação direta do caso de estudo do complexo mineiro de Falun, conhecido por The Great Copper Mine Falun, serviu para avaliar o serviço que é oferecido ao visitante, avaliando de forma mais particular a forma de comunicar, a sinalética na localidade que indica a localização do complexo mineiro, a receção no local, a visita guiada à mina, a forma como é feita esta visita do ponto de vista da gestão, normas de segurança utilizadas para a realização da visita e, por fim, a observação direta feita ao museu, neste caso, das minas de Falun.

Uma vez que a visita foi feita no âmbito do programa E-Cul-Tours não houve marcação por parte da observadora, mas sim pela entidade organizadora destas visitas, não havendo também lugar a pagamento, uma vez que foi feita nestes moldes.

Quanto à sinalética, esta existe por toda a cidade de Falun, sendo fácil para um visitante que não conheça a cidade e que queira visitar a mina, chegar ao ponto desejado. Além disso, as placas indicativas são de cor castanha para facilitar a identificação. Têm também o símbolo de Património Mundial e indicam a distância que falta para o destino. Assim, entende-se que este ponto é bastante útil e positivo, chamando sempre a atenção para o símbolo de Património Mundial o que, por si só, já atrai para a visita ao complexo.

A entrada do complexo mineiro é bastante pitoresca, sendo demarcada por um grande portão em ferro. A estrada é larga e tem uma boa área para estacionamento que serve para carros e, também, para autocarros.

Aquando da chegada ao complexo mineiro, o grupo foi recebido na recepção ao visitante pela diretora do complexo, que deu uma nota de boas vindas e fez um breve resumo sobre o processo de projeção, recuperação e implementação do projeto turístico que é atualmente Falu Gruva (designação em sueco das minas de Falun). Este aspeto é muito positivo pois há logo um entendimento de como tudo se processou para que fosse possível realização o projeto de aproveitamento turístico. Além do mais, havia lugar a perguntas, o que também é muito positivo no caso de existir alguma dúvida. Realça-se a beleza do local onde funciona a entrada da recepção. Tem um grande globo pendurado no teto, onde estão assinaladas todas as minas que existem no mundo. Além disso, sendo a Suécia um país frio, ao entrar neste local, a sensação é de aconchego (a visita ocorreu em dezembro), pois o local encontra-se quente. Este aspeto pode parecer irrelevante, mas não o é, pois só se consegue estar atento e absorver tudo o que se ouve e vê se se estiver confortável. Entende-se assim que este é um aspeto bastante positivo.

Depois desta nota de boas-vindas por parte da diretora, foi apresentada a guia, uma residente local, que iria fazer com o grupo a visita à mina. Este grupo tinha cerca de 15 pessoas e a visita foi feita em inglês, pois o grupo era composto por pessoas de várias nacionalidades. Antes da entrada na mina propriamente dita, foram dadas algumas indicações, assim como explicadas as normas de segurança.

Para dar início à visita, o grupo foi guiado para a entrada da mina, onde estão pintados símbolos químicos dos metais que são possíveis de encontrar na mina. Toda a visita é envolvida com um pouco de misticismo, sendo contado que existe a “senhora da mina”, à qual é necessário pedir permissão para entrar.

De seguida, o grupo é guiado a uma sala com cacifos onde é oferecido o material para garantir a segurança. este material é composto por um capacete, uma lanterna e a famosa capa amarela que, por ser tão característica, se tornou uma imagem de marca das visitas à mina de Falun.

A visita começa pelo miradouro, onde é possível observar a “Great Pit”. Aí é dada uma explicação sobre como se formou a cratera e, também, sobre como se tornou a principal paisagem da mina. Posteriormente entra-se na mina em concreto, não sem antes bater três vezes na porta para que a “senhora da mina” autorize a entrada. No decorrer da visita são explicadas as técnicas que eram usadas para a extração do cobre. São também bastante enfatizadas as duras condições de trabalho dos mineiros, havendo mesmo uma parte em que é pedido para serem desligadas as lanternas e é acesa uma lamparina, isto para que o visitante possa sentir as condições laborais dos mineiros, obtendo assim uma experiência sensorial. É também exibida a pedra onde se encontram as assinaturas dos reis da Suécia, pois, ao longo dos séculos, e pela fama que as minas têm, era natural os reis visitarem a mina, deixando depois a sua assinatura nesta pedra. Na atualidade, os monarcas mantêm a tradição e assinam também a pedra quando visitam a mina.

Ao longo da visita, o grupo vai sendo guiado para um ponto onde são explicadas as propriedades conservadoras da mina. Existe uma famosa história associada a estas propriedades, em que um mineiro desaparece no interior da mina e é encontrado cerca de quarenta anos depois, completamente intacto, como se estivesse ali somente desde o dia anterior. Até mesmo o tabaco que trazia no bolso se mantém conservado. Para confirmar esta história é colocado anualmente, pela época natalícia, um pinheiro no local em que o corpo apareceu, voltando a ser trocado um ano depois. Durante todo esse tempo o pinheiro fica conservado como se estivesse vivo. Esta humanização de uma época já mais distante vai fazer com que haja uma ligação maior do visitante para com a atração, pois há a ligação a uma história que envolve personagens reais.

Toda a visita é envolta em mistério misturando factos reais com magia, deixando também no ar algumas possíveis histórias de modo aos visitantes darem largas à imaginação. Este tipo de visita pode ser bom para um público família, mas para quem vai com o intuito de saber mais dados científicos ou históricos acaba por ser muito fantasiosa e pouco técnica.

A visita ao museu não aconteceu no mesmo dia da visita à mina. O museu tem uma área bastante grande e, numa fase inicial, percorre-se uma linha do tempo com a história das minas, onde se faz também alusão às personagens históricas que se interessaram e visitaram a mina.

Na parte seguinte está a área mais interativa e experimental. São várias as salas onde é possível vivenciar algumas experiências sensitivas, tais como entrar numa jaula e sentir o movimento que ela faria ao descer para a mina, tornando-se difícil manter o equilíbrio. Pode-se também ligar para um mineiro e ele relata as condições em que trabalha e como se sente doente. Pode-se ainda experimentar algumas roupas do século XVII. Há, posteriormente, diversos jogos interativos relacionados com o cobre. São também expostos artefactos reais relacionados com a mina, tais como gasómetros e capacetes. É também explicado, através de painéis, o processo de extração do cobre.

Este museu é, na opinião da autora, demasiado confuso. É muito grande e um pouco infantil, misturando objetos reais antigos com interatividade. Para famílias com crianças, talvez seja bastante agradável passar ali uma tarde, onde estas se podem divertir e aprender alguma coisa ao mesmo tempo. Já para um público mais académico é bastante confuso e pouco atrativo, pois além de ser muito grande em dimensão, o que faz com que se perca a concentração, as atividades, são quase todas direcionadas ao público infantil.

Além da mina e do museu, a área do complexo mineiro, agora turístico, tem também um estabelecimento de *Bed and Breakfast* onde é possível passar a noite, um cabeleireiro e uma pequena *coffee shop*, onde é possível comer algumas refeições, assim como apreciar algumas bebidas.

Ao longo de toda a área turística faltam painéis informativos mais específicos, principalmente no local onde estão as casas vermelhas dos mineiros. Se a visita não for com um guia, não é possível saber informação preciosa, tal como qual a casa mais antiga, o que é mais original, entre outras coisas.

Dentro da área da mina existe também uma loja de produtos locais, tanto relacionados com a mina como artesanato típico de Falun. esta loja vende também a famosa tinta vermelha produzida na mina e que é usada para pintar as casas. Ainda neste edifício há um auditório onde são apresentados vários documentários, quer sobre a mina, quer sobre o Património Mundial.

A totalidade do complexo abarca uma área bastante grande e oferece diversas atrações. Para que seja bem usufruído é impossível visitar tudo num único dia. Este é um ponto forte a seu favor, sendo este destino ideal para um fim-de-semana ou, até, para mais algum tempo, se se aliar a visita a este complexo mineiro à visita a todas as outras ofertas que a região de Dalarna oferece, torna-se ideal para umas férias.

5.3 – Estudo de Caso do Complexo Mineiro de Trêsminas

O complexo mineiro de Trêsminas situa-se no concelho de Vila Pouca de Aguiar, a Norte de Portugal, e pertence ao distrito de Vila Real, como se pode ver na figura 23. O relevo deste concelho é bastante acidentado e elevado, o que proporciona a existência de vales encaixados. A rocha predominante é o granito, sendo Vila Pouca de Aguiar apelidada de “capital do granito”. Tem uma população de 13.187 habitantes distribuídos por 437.1 Km² (Município Vila Pouca de Aguiar, 2020a).

Vila Pouca de Aguiar fica a uma distância de 25 Km de Vila Real, a 117 do Porto e a 403 Km da capital, Lisboa. Apesar da distância a grandes cidades, está bem servida ao nível de acessos, estando perto de algumas autoestradas.

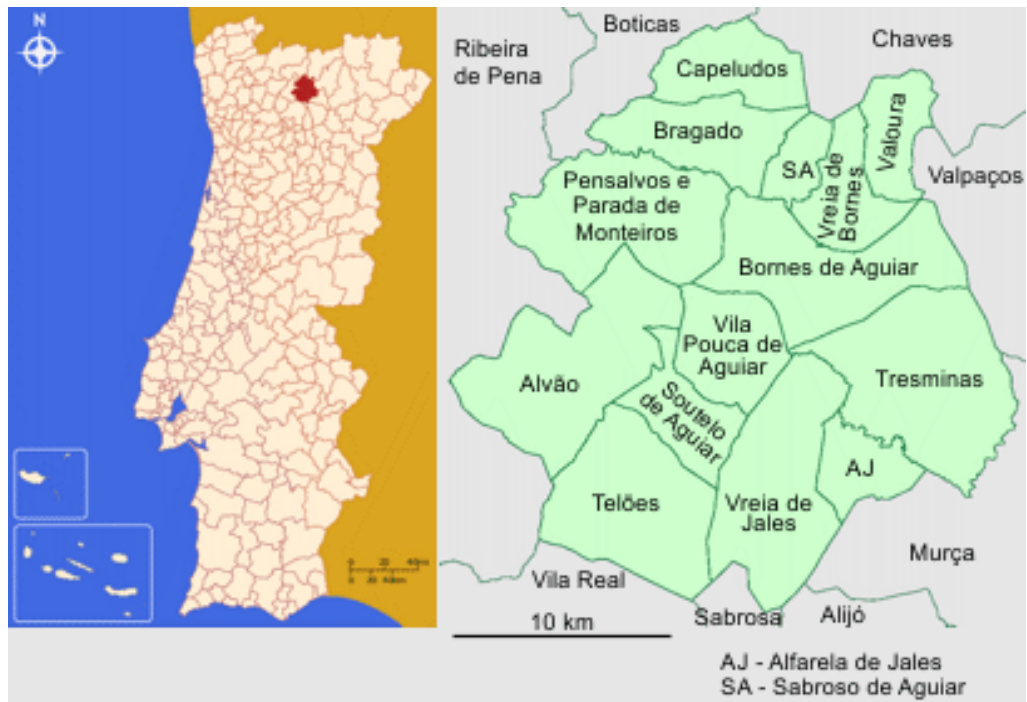


Figura 23 - Vila Pouca de Aguiar no mapa de Portugal

Fonte: Autor desconhecido visto em <https://cheveuxcrepusfrun.blogspot.com/>

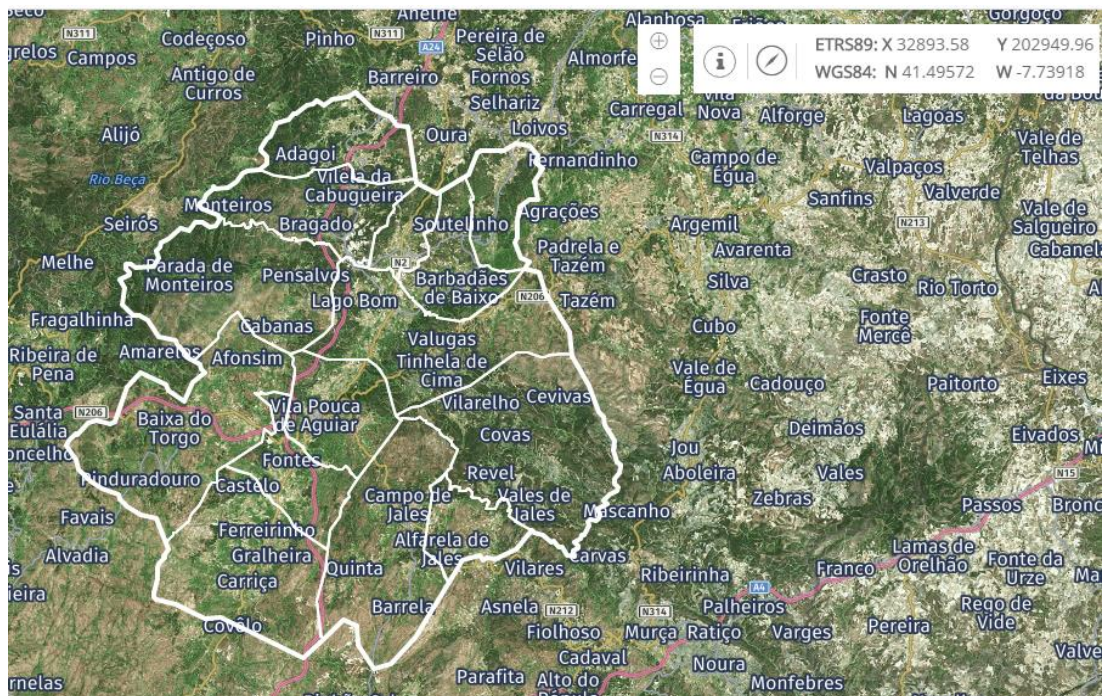


Figura 24 - Mapa Delimitação do concelho de Vila Pouca de Aguiar

Fonte: Serviços de Informação Geográfica da Câmara de Vila de Aguiar (2020b)

Quanto ao complexo mineiro mais propriamente dito, são conhecidos achados arqueológicos relativos à exploração do ouro desde o século XVIII, mas só a partir dos anos 80 do século passado, através de pesquisas do Instituto Arqueológico Alemão, teve o impulso que necessitava para se afirmar como de importante valor histórico e Arqueológico. É por esta altura que se caracteriza enquanto sítio arqueológico, se define a exploração mineira, assim como a relação que a mina e o trabalho ali desenvolvido pelos romanos tinham com os aldeamentos vizinhos (Machado, 2016).

Devido à autenticidade e ao estado de preservação em que se encontrava a mina, o complexo foi declarado, em 1997, Imóvel de Interesse Público. Entre 2012 e 2014 foram também classificados alguns dos componentes do sistema de abastecimento de água e da rede viária afetos à zona mineira, como Monumento de Interesse Público. Também do ponto de vista do património natural, Trêsminas é considerado Abrigo de Importância Nacional para a Preservação dos Morcegos, pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (Machado, 2016b).

De seguida, analisar-se-ão as informações e os dados recolhidos através de entrevista ao coordenador do complexo mineiro de Trêsminas e da observação direta no local feita pela autora desta dissertação. A entrevista que foi aplicada à gestora de Trêsminas segue o mesmo guião da de Falun. Esta entrevista foi realizada através da plataforma Microsoft Teams e teve a duração de 45 minutos, sendo feita posteriormente a transcrição que demorou cerca de 3 horas.

Análise dos dados recolhidos através da entrevista à coordenadora de Trêsminas

No **primeiro bloco**, abordam-se os tópicos sobre os indicadores e a viabilidade que levaram à realização do projeto, o estado de conservação e a segurança que o complexo mineiro apresentava à data de início do mesmo e, mais concretamente, sobre a constituição de parcerias. Abordam-se os tópicos sobre a escolha e a justificação dos parceiros, a forma de financiamento, as diretrizes a seguir em relação às intervenções ambientais e à conservação patrimonial, assim como as principais dificuldades sentidas para a implementação do projeto.

Deste modo, e relativamente à forma como viram ser viável a realização do projeto, a coordenadora indica que isto esteve relacionado com o facto de as minas romanas de Trêsminas serem um ponto distintivo no território. Visto não existirem na área do concelho de Vila Pouca de Aguiar, monumentos ou outros elementos patrimoniais relevantes, entenderam que seria benéfico aliar a componente mineira à componente natural, uma vez que esta última já era uma marca estratégica para o turismo do território. Desta forma, teriam a história e a natureza como produto integrado. Quanto à justificação para a realização do projeto e, a par da autenticidade, foi a de que não existia na região nenhuma oferta patrimonial concorrente, além de que a componente natureza se enquadrava no mesmo projeto. Um outro fator que teve relevância foi também o facto de o estado de conservação em que as minas se encontravam ser muito bom.

Para garantir a segurança dos visitantes, logo no início do projeto foram bloqueadas todas as entradas da mina, assim como foram definidos percursos por forma a condicionar a passagem dos visitantes por zonas mais seguras. Na atualidade, são continuamente realizados estudos geotécnicos das galerias subterrâneas a fim de apurar o grau de segurança.

Quanto aos parceiros convidados, percebe-se que a Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN) tinha que ser parceiro obrigatoriamente por o complexo ser classificado como Imóvel de Interesse Público. Consequentemente, a parceria entre a DRCN e o município de Vila Pouca de Aguiar nasce por o complexo mineiro ser detido pelo município e tutelado pela entidade regional. Mais tarde, em 2015, entra nesta gestão a Aouro, uma associação de desenvolvimento local que já existia, e que entra nesta parceria trazendo técnicos especializados para o projeto. Esta última parceria surge ao mesmo tempo que a abertura do Centro Interpretativo de Trêsminas e traz, além dos técnicos, uma gestão coordenadora entre o centro interpretativo e a área mineira. Quanto às funções dos parceiros, a DRCN tem a tutela do complexo devido à classificação, e a Aouro é a responsável pela gestão diária, ainda que o gestor principal seja, em última instância, o Município de Vila Pouca de Aguiar que coordena todo o complexo.

Relativamente ao financiamento, este foi conseguido sobretudo através de fundos comunitários. Mais recentemente, a Iberdrola entrou também, como promotora, na sequência de contrapartidas na barragem do Alto Tâmega.

No que se refere às intervenções ambientais e de conservação patrimonial, existiu sempre essa preocupação, até porque a DRCN exigia que qualquer intervenção efetuada não alterasse o aspeto físico, uma vez que é um espaço que, ao nível da época contemporânea, nunca foi intervencionado. Nada poderia criar contraste com a mina, que é um elemento negativo. As principais dificuldades sentidas foram essencialmente o fato de não existir uma categoria específica para minas abandonadas, tornando-se difícil e complexo chegar a um gabinete concreto. Como este tipo de projeto abrange várias categorias, como por exemplo sítio arqueológico, monumento ao ar livre, património subterrâneo, minas abandonadas, entre outras, torna-se extremamente difícil resolver todas as questões num mesmo serviço.

No **segundo bloco**, abordam-se tópicos correspondentes à dinâmica entre parceiros, ao número de técnicos e áreas correspondentes, ao plano de marketing, público-alvo, estudos de mercado e estratégias de interpretação utilizadas.

No diz que respeito a um entendimento por parte dos parceiros relativamente ao que devia ser dinamizado, foi decidido, com base em alguns tópicos, e foi essencialmente procurado *know-how* em outros projetos semelhantes, quer nacionais, quer internacionais.

Em 2012 estabeleceram uma parceria internacional com a EXARC (Rede Europeia de Museus ao ar Livre), procurando assim, classificar Trêsminas na categoria de museu ao ar livre. Foi também nesse ano que se constituiu o Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Geológico em Portugal, sendo que estas duas parcerias permitiram a partilha de experiências e de forma de gestão que se fazia em outros locais. Optou-se, com base nestas experiências partilhadas, por um modelo de gestão vertical, que se entendeu ser mais adequado ao território.

O número de funcionários foi determinado pelo dinheiro disponível. Deste modo, existem três funcionários afetos ao serviço, sendo eles, um da área administrativa, um técnico guia da área de geologia creditado pelo roteiro de minas e pela UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) e um arqueólogo. O projeto não possui um plano de marketing estruturado, porque ainda estão em curso vários projetos que permitirão definir melhor este plano. Quanto ao público-alvo, existem três tipos de visitantes: a família, onde a

componente natural é fundamental, um tipo de visitante adulto especializado, onde a componente histórica e geológica é o fator que atrai este tipo de visitante e, por fim, o grupo de visitantes que demorou mais a definir, que é o grupo escolar. Assim, orientam-se para estes três tipos de visitantes e que têm tido um retorno imediato.

As estratégias utilizadas para atrair os diversos públicos-alvo são, essencialmente, a nível de horários, sendo que o Centro Interpretativo está aberto sete dias por semana, o que significa que qualquer pessoa em qualquer altura do ano pode agendar uma visita. A total disponibilidade diferencia o complexo da maior parte dos parceiros que têm este tipo de projetos. Neste caso há uma equipa em exclusivo dedicada a Trêsminas. O posicionamento que procuram, em relação a atrações semelhantes, é da autenticidade, visto que a imagem que pretendem transmitir desta atração é mesmo essa, autêntica e segura. Quanto aos estudos de mercado, não realizam este tipo de estudo. Vão recebendo dados a nível municipal e intermunicipal, e vão tentando adaptar-se em função desses resultados.

Como não fazem estudos de mercado, não implementam estratégias de interpretação para irem de encontro a esses estudos. Como os grupos escolares são um dos grupos identificados como principais visitantes, optaram por realizar um percurso totalmente direcionado para este grupo. Esta atração de Trêsminas está inserida em três rotas distintas, a nível nacional no Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Geológico em Portugal e, a nível internacional, tem ligação direta a Las Medulas, que foi uma antiga exploração de ouro romana, e que atualmente é Património Mundial, e que também faz parte da EXARC, que é a rede europeia de museus ao ar livre.

No **terceiro bloco**, são analisadas temáticas como as técnicas de interpretação utilizadas e o modo como são implementadas e geridas e, também, o envolvimento da comunidade local na dinamização do complexo turístico. É, também, dada atenção ao trabalho pessoal e à perceção da coordenadora do projeto quanto a algumas questões que se entenderam serem pertinentes.

Assim, a coordenadora do complexo mineiro de Trêsminas diz que as técnicas de interpretação são direcionadas a vários públicos-alvo, fazem visitas guiadas tendo em conta a tipologia do visitante. Se for um visitante que procure mais a temática histórica, a visita é feita pela guia com formação em Arqueologia. Quando se pretende mais uma

perspetiva geológica, a visita é feita pela Geóloga. Os horários das visitas são definidos em articulação com o grupo. No verão (meados de julho a meados de setembro) as visitas podem ocorrer desde as 9h e a partir das 17h, sendo aqui adotado o horário espanhol. O centro interpretativo tem o horário de funcionamento das 10h às 18h, que é também o horário de funcionamento das visitas à mina no Inverno. O número máximo de visitantes é de vinte pessoas, por questões de segurança e atendendo ao conselho de especialistas, e o número mínimo é de uma pessoa. As línguas em que as visitas são feitas são o português, espanhol e inglês. Há também a possibilidade de a visita ser feita em francês, mas não visita guiada convencional, sendo não um francês corrente, mas sim com informações de modo a que o visitante consiga perceber o que está a visitar.

Os conteúdos privilegiados são a mineração do ouro e a componente paisagística, pois são transversais a todo o tipo de visitantes. A guia responsável pela componente geológica e paisagista é creditada como guia interprete e a arqueóloga tem a formação académica para a explicação mais histórica.

Como técnicas de interpretação existem também painéis interpretativos (oito) onde têm descrita a paisagem do local onde se localizam, ou algum aspeto do território. Estes painéis existem também à entrada das galerias e estão escritos em português e em inglês, tendo como objetivo servirem de alternativa a uma visita guiada, pois o sítio é de acesso livre. O centro de interpretação tem o conteúdo mais focado em Trêsminas, mas mais direcionado para as técnicas de extração do ouro e para os materiais usados, uma vez que *in loco* é mais difícil explicar como se processa toda a extração. Por esta razão optou-se por fazer essa explicação no centro interpretativo, tudo isto em ligação com a componente histórica. A temática da comunidade romana e as suas formas de viver, também é tida em conta, tendo uma sala dedicada a este último aspeto, existindo também uma sala sobre a água. Em termos de equipamentos, além das salas de exposição, têm painéis físicos, réplicas manuseáveis, equipamentos multitoque para questões mais abstratas, para que os visitantes sigam aprendendo ao seu próprio ritmo. Têm também expostos alguns objetos originais como cerâmicas e moedas romanas.

Não celebram uma data especial como evento, pois para uma época tão recuada, a população não tem memória nem tradições festivas. Existia, anteriormente à abertura do centro interpretativo, a realização do festival do ouro romano que era feita pelo município, mas com a abertura do centro interpretativo e a realização de visitas à mina todo o ano,

deixou de fazer sentido a realização de um festival em que a oferta era a que existe agora em permanência.

A informação ao visitante é fornecida de várias formas, sendo algumas delas os folhetos, que são dirigidos para o público em geral, que são necessários para a realização de uma visita, e folhetos mais institucionais, fornecidos pelo município de Vila Pouca de Aguiar. Realizam seminários mais direcionados à comunidade científica, normalmente quando há novos dados ou novos trabalhos a apresentar sobre a temática. Utilizam também a componente tecnológica através de um documentário criado de raiz para o centro interpretativo onde é narrada a história do local. Este documentário é composto por imagens tridimensionais e sequências de animação que atraem e facilitam a compreensão. Existem também, no exterior do centro interpretativo, dois moinhos à escala, onde é possível experimentar triturar e moer rocha para simplificar a compreensão do que era feito.

Em relação à participação da coordenadora do complexo na concessão de todo o projeto, foi praticamente desde o início, na busca por parcerias, acompanhamento dessas parcerias no desenvolvimento do projeto para o centro interpretativo. Neste momento é a coordenadora e responsável pela operacionalização de todo o complexo mineiro de Trêsminas.

Quanto à comunidade local, o feedback é positivo em relação ao Centro Interpretativo que já é adotado como sendo parte da comunidade. Quanto às minas mais propriamente ditas, como para eles as minas eram somente os seus lagos, não têm grande ligação afetiva. Existe bastante interação entre a comunidade e os visitantes do centro interpretativo, pois este localiza-se no centro da aldeia, o que proporciona esta interação. Além do mais, foi feita sensibilização junto da comunidade local para que soubessem dar aos visitantes as devidas indicações para encontrarem o que pretendiam. Como o local é bastante isolado, esta medida teve um bom efeito.

No Centro Interpretativo existe uma loja de recordações e uma cafetaria, onde existem produtos locais, como trabalhos de artesãos, licores, compotas e, também, uma gama de produtos relacionados com Trêsminas, como T-shirts, bombons, marcadores de página, cadernos, réplicas de peças arqueológicas (para os mais focados na arqueologia). Estes

produtos vão sendo alterados conforme a aceitação por parte do visitante, criando-se uns e eliminando-se outros. Existe uma versão integral desta entrevista no apêndice 2.

Observação participante

A avaliação direta do caso de estudo do complexo mineiro de Trêsminas, através de observação participante, serviu para avaliar de forma particular a oferta e o serviço prestado ao visitante, mais concretamente, desde a marcação da visita, a forma de comunicar com o visitante, sinalética para o complexo mineiro, receção no local, visita à mina, forma de apresentação e gestão da visita por parte da guia, normas de segurança para a realização da visita e visita ao centro interpretativo de Trêsminas.

Para a marcação da visita guiada à mina foi enviado um email a solicitar informações para a marcação, que horários tinham disponíveis e o que era necessário para a realização da mesma. O email foi prontamente respondido juntamente com as melhores propostas, fornecendo informações detalhadas sobre a visita, informando que é possível contemplar vestígios de exploração subterrânea e transporte do minério, assim como quando é possível observar a adaptação de seres vivos à natureza do local. Quanto às questões mais práticas, informam que a visita inclui um guia, seguro de acidentes pessoais e disponibilização de material de segurança, tal como capacete e lanterna, aconselham o uso de calçado adequado e também a levar água. Informam que a visita tem a duração aproximada de 2h30, e que são permitidas no máximo 20 pessoas na visita. Informam ainda que tem um custo por adulto de 3 euros, e de 2 euros para menores de 12 anos e maiores de 65 anos.

Quanto ao centro interpretativo, informam de que o núcleo museológico de Tresminas, recentemente requalificado, permite aos visitantes uma viagem ímpar da história deste território do Ouro Romano, sobre o conjunto expositivo situado no centro de Tresminas. Dizem que é composto por dois edifícios distintos, o que possibilita o acolhimento de grupos numerosos e, por conseguinte, o pleno usufruto dos conteúdos temáticos. Tendo como principal objetivo a interpretação do Complexo Mineiro Romano de Tresminas, uma das maiores explorações mineiras de ouro do mundo romano, este centro permite a quantos o visitam, observar métodos e técnicas ancestrais de extração e tratamento de

ouro, bem como a experimentação de algumas dessas técnicas. No auditório interior, pode visualizar-se um documentário sobre estas minas, e percorrer, sem sair do lugar, os trilhos do ouro romano, desde a mina a céu aberto às galerias subterrâneas. Sugerem que o percurso passe ainda pela centenária Igreja de São Miguel de Tresminas, sobranceira ao Centro Interpretativo, e cuja história está intimamente ligada à região. Informam que a visita guiada à exposição permanente tem a duração de 1h30 e um custo de 3 euros para adultos, e 2 euros para menores de 12 anos e maiores de 65 anos. Já a visita autónoma tem um custo de 1 euro para adultos e 0.50 cêntimos para menores de 12 anos e maiores de 65 anos. Se for a visita completa, ou seja, visita à mina e ao centro interpretativo, tem um custo de 5 euros para adultos e 3 euros para menores de 12 anos e maiores de 65 anos. Deste modo, consegue-se perceber que a informação fornecida é muito completa e com muitas opções. Mostram cuidado em informar sobre todos os serviços que têm a oferecer, ficando assim o visitante com uma prévia informação do que poderá usufruir no local, e dão diversos conselhos para que tudo corra bem durante a visita.

Relativamente à sinalética (indicações para o complexo mineiro), as indicações a seguir são sempre, em primeiro lugar, para o centro de Vila Pouca de Aguiar e, estando no centro da vila, é possível ver placas sinaléticas onde existe o símbolo do complexo mineiro. Seguindo essas mesmas placas, é fácil encontrar a entrada do centro interpretativo, de onde partem sempre as visitas para a mina. Entende-se que é bom encontrar sinalética própria para o complexo mineiro, pois dá-se ao visitante a segurança de que irá encontrar facilmente o local, e também pode suscitar o interesse de visita ao complexo, num visitante do concelho que não venha com o intuito de visitar o complexo mineiro, ou até que o desconheça.

Depois de marcada a visita e seguindo as indicações da sinalética para o centro de interpretação, onde é feita a recepção ao visitante, no local aguarda-se pelo guia que segue em carro próprio do complexo mineiro e, os visitantes, seguem na sua própria viatura para não se perderem. A escolha do centro de interpretação para o início da visita é positiva, pois assim evita-se que as pessoas se percam, ou se dirijam para pontos distintos. Aqui o grupo reúne-se logo no centro interpretativo e segue para a visita à mina. No centro interpretativo que se localiza na zona central da aldeia é fácil encontrar estacionamento junto ao local.

A visita guiada à mina inicia num dos miradouros onde o guia explica como ocorreu a transformação daquela paisagem devido à exploração de ouro. Faz também a contextualização histórica, não de forma exaustiva, mas de forma resumida e clara, explica em que época do império romano foi explorado o ouro de Trêsminas e para que servia. Assim, e de forma sucinta, o visitante fica com uma perceção da época e do contexto em que a exploração ocorreu. Ainda à superfície, explica como era extraído o ouro indicando na fraga as marcas dessa mesma exploração. Antes da entrada na galeria são feitos os procedimentos de segurança - é fornecido um capacete e uma lanterna, explica-se que há locais onde os morcegos estão a hibernar, e é pedido para que não sejam incomodados, pois estão em vias de extinção. Entrando na galeria há toda uma explicação de como foi executada, de como o ouro era extraído e trazido para o exterior. Também se fornece alguma informação sobre os morcegos que se conseguem observar no interior. É uma visita bastante completa com tudo bem explicado. Há ainda lugar a questões caso o visitante tenha dúvidas. No local mais próximo da entrada da mina há parques de estacionamento bastante amplos, que têm lugar para carros e autocarros.

Ainda no local da visita à galeria da mina e aos lagos (que são crateras formadas devido à exploração do ouro), existem painéis interpretativos com informações sobre a paisagem que se contempla em frente do painel, sobre as suas transformações devido à exploração mineira e sobre a fauna e a flora que é possível observar no local.

Para a visita o centro interpretativo optou-se pela visita autónoma. Destacou-se, como aspeto positivo, a localização, como já referido acima, e também chamou a atenção o facto de ter sido reaproveitado um edifício já histórico para a comunidade local, que é a casa paroquial de Trêsminas.

O centro interpretativo tem duas salas: a sala do território e a sala de tecnologia mineira. Estas salas localizam-se no piso superior e têm ligação entre si. Ao primeiro impacto é bastante atrativo e moderno, tendo todas as paredes revestidas com painéis e também alguns ecrãs interativos.

A primeira sala é sobre o território. Nos painéis estão imagens da paisagem que compõe o complexo mineiro. Nestas paisagens estão escritos pequenos textos com indicações sobre a fauna e a flora, assim como sobre o modo como a exploração mineira a foi afetando à medida que ia ocorrendo. Nesta sala há ainda uma maquete em 3D, relativa ao

relevo de toda o complexo, contendo as galerias mineiras e as crateras provocadas pela exploração aurífera. À medida que se avança nos corredores vai-se de encontro à segunda sala, sobre tecnologia mineira. Nesta sala há a introdução à exploração mineira. Aqui são explicadas as técnicas de extração e transformação do ouro. Posteriormente, e novamente à medida que se vai avançando, há uma contextualização histórica sobre o império romano à data em que era explorado o ouro em Trêsminas. Existe um mapa com os territórios que o império romano dominava e também existe um outro mapa com o percurso que o ouro de Trêsminas fazia para chegar a Roma. Tem também exposto alguns achados arqueológicos referentes à mina, assim como estelas romanas votivas e alguns exemplares das moedas que eram cunhadas em Roma com o ouro proveniente de Trêsminas.

Na parte inferior do centro interpretativo existem as casas de banho, loja de produtos regionais, e a receção.

5.3 - Análise e principais conclusões relativas aos dois casos de turismo mineiro

Relativamente ao primeiro bloco de perguntas da entrevista, e mais concretamente em relação à implementação do projeto, os dois casos de estudo não poderiam ser mais diferentes. Enquanto que para Trêsminas a viabilidade e o objetivo eram claramente turísticos, e por isso a sua viabilidade se tornava clara por ser um elemento distintivo na região, já para Falun a questão da viabilidade não se colocou uma vez que já se efetuavam visitas ao interior da mina desde o século XVII, o que, de certo modo, e à luz da época, faz desta mina uma atração turística. Neste seguimento, a continuação das visitas à mina de Falun depois do encerramento em 1992, foi algo natural.

Quanto ao estado de conservação, em Trêsminas, e uma vez que estavam seladas desde a época romana, as minas apresentavam um estado de conservação excecional, o que ajudava a corroborar a viabilidade do projeto. Já para Falun, mais uma vez esta questão não se coloca, pois, a visitação continua à mina foi permitindo a manutenção que garante a conservação. A mesma situação garante a segurança dentro da mina. Para o caso de Trêsminas e para que a segurança fosse garantida, foi necessária a realização de estudos geotécnicos.

A gestão dos sítios é, em ambos os casos, feita por entidades privadas. No caso de Trêsminas por uma associação e no caso de Falun por uma Fundação. Embora em

Trêsminas a Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar tenha um papel preponderante como entidade detentora da mina e, por essa razão, tem sempre a última palavra. Por isso, pode-se dizer que a associação Ouro gere e o Município coordena.

Para a realização do projeto turísticos de Trêsminas foi convidada a DRCN (Direção Regional da Cultura do Norte), pois o complexo de Trêsminas é classificado como Imóvel de Interesse Público e a DRCN faz a fiscalização, no sentido de serem cumpridas as normas de proteção patrimonial. Em 2015 a associação Ouro entra também no projeto. Em Falun, quando se dá o encerramento das minas, a empresa que era detentora da exploração mineira, transforma-se em fundação, e procura desde cedo a classificação de Património Mundial para Falun. Faz, assim, essencialmente sozinha, todo o trabalho, que como foi dito, vem no seguimento do que já acontecia, até ao que existe atualmente.

O financiamento do projeto, no caso de Trêsminas, foi feito essencialmente por fundos europeus. No caso de Falun, foi feito por fundos privados da própria fundação, embora o município de Dalarna tenha doado uma verba para a conservação e restauro dos edifícios ligados à mina.

Em ambos os casos as intervenções efetuadas respeitaram a conservação patrimonial e ambiental.

Quanto às principais dificuldades encontradas, quer na implementação, quer na gestão do dia a dia, são, em ambos os casos, as questões financeiras. No caso de Trêsminas é apontada também a burocracia pela falta de existência de uma classificação específica para minas abandonadas.

Relativamente ao segundo bloco de perguntas, que incide sobre Planeamento, Gestão e Funcionamento, quando questionada se houve um entendimento por parte das entidades parceiras, no caso de Trêsminas a responsável diz que sim. Em Falun esta questão não se coloca, uma vez que o complexo é gerido por uma única entidade. Quanto ao número de funcionários, em Trêsminas há três funcionários afetos ao projeto, das áreas de arqueologia, geologia e da área administrativa. Já no caso de Falun, estão afetos aos serviços das áreas da museologia, património e marketing, mas na época de Verão são contratados mais colaboradores podendo mesmo chegar a 30 pessoas a trabalharem em simultâneo.

Quanto à realização de planos de marketing, Trêsminas não os faz, mas o seu público-alvo corresponde a três segmentos: famílias, grupos escolares e adultos especializados. Já Falun, realiza planos de Marketing, existindo mesmo uma pessoa entre os colaboradores que trabalha nesse sentido. Também contratam uma empresa para esse efeito e o seu público-alvo são as famílias. Consegue-se aqui observar uma correspondência entre Trêsminas e Falun que é terem um segmento-alvo comum – as famílias.

A forma como se posicionam em relação ao mercado e a imagem que pretendem transmitir, no caso de Trêsminas é essencialmente uma imagem de autenticidade enquanto exploração mineira romana, e Falun, é a de que a história pode ser uma aventura divertida. Verifica-se, assim, que já se distanciam um bocadinho quanto ao posicionamento.

Quanto às técnicas que utilizam de forma a atingir o público-alvo, uma vez que para Trêsminas um dos seus públicos é o escolar, neste complexo optou-se pela criação de uma rota concebida especificamente para este público, evidenciando os recursos lecionados. Já Falun aposta na aventura com a possibilidade de jogos para crianças e também na forte componente interativa do museu. Pode-se constatar que ambas usam a componente educacional como recurso.

Ambos os casos pertencem a rotas, Trêsminas está inserida em três e Falun em duas. Estas rotas atraem sempre mais visitantes, pois existe a complementaridade da visita à mina com a oferta de outras atividades turísticas.

Quanto ao terceiro bloco de perguntas que visam as Técnicas de Interpretação e o envolvimento da Comunidade, as respostas são bastante semelhantes em ambos os casos, por exemplo, quanto à utilização das mesmas técnicas para atingirem os públicos alvo, ressalvando neste ponto a interatividade. Em ambos os casos as visitas são feitas por colaboradores afetos aos complexos, e a visita, para além da língua materna, é sempre possível em inglês, havendo a possibilidade de ser feita em outras línguas, assim as condições o permitam. Também em questão de horário de funcionamento variam conforme as épocas do ano.

Quanto aos conteúdos abordados, os dois casos já diferem em alguns pontos. Por exemplo, ambos utilizam a história e as técnicas usadas para extração do minério, mas Trêsminas aborda a componente paisagista, ao passo que Falun aborda as condições

laborais dos mineiros e, cria ligação a histórias e personagens reais do passado. Nos dois casos todos os colaboradores possuem formação para que os conteúdos sejam bem abordados.

Nos dois casos existem painéis ao longo da área mineira com informação disponível para que o visitante possa fazer a visita por si mesmo.

Também nos dois casos existe um centro interpretativo. Em Trêsminas o centro tem uma componente mais técnica e social, abordando também a importância da água na extração mineira, estando a componente interativa e sensorial aqui presente. Já o museu de Falun é completamente interativo e sensorial, utilizando estes recursos para contar a história das minas, e usa também uma componente educacional, recorrendo a jogos sobre os minerais, a química e a física.

Na divulgação e promoção, ambos usam panfletos. Em Trêsminas realizam atividades mais direcionadas ao seu público-alvo, adultos especializados - conferências e seminários sobre a arqueologia, turismo e museologia. Neste âmbito, Falun foca-se completamente num público-alvo. Já Trêsminas procura atingir três com ofertas diferenciadas propositadamente concebidas para cada um dos seguimentos.

Quanto ao envolvimento da comunidade local, existem algumas semelhanças entre os dois casos, como por exemplo a não participação ativa no dia-a-dia do complexo e o sentimento de pertença relativamente às minas. Em Trêsminas há um esforço contínuo para que a integração da comunidade local exista. Fizeram-se ações de sensibilização junto da comunidade para que soubessem dar indicações e algumas informações sobre o complexo turístico, o que tem trazido, embora lentamente, alguns resultados.

Quanto a eventos específicos, neste ponto os dois casos divergem. Em Trêsminas não existe este tipo de eventos, mas em Falun há um grande evento anual por altura do Natal, em que a comunidade local participa.

Ambos os casos têm loja de recordações e vendem essencialmente a mesma tipologia de produtos: merchandising sobre as minas e produtos locais.

Assim, verifica-se que cada caso tem a sua própria trajetória e também reage conforme as condições em que é integrado. Contudo, pode-se ver que, no essencial, as bases são

comuns, como por exemplo as técnicas de interpretação, os públicos-alvo e a forma de promoção.

5.5 - Conclusão

Neste capítulo, fez-se a análise de dados dos dois estudos de caso. São analisados dois complexos mineiros transformados em atração turística. Esta análise, servirá, para serem posteriormente feitas propostas para o aproveitamento turístico das Minas do Peirão, sobretudo ao nível da interpretação e do envolvimento da comunidade.

Primeiramente, procedeu-se a uma análise aos territórios onde os complexos estão inseridos e, posteriormente, e com base na revisão bibliográfica, foi elaborada a entrevista por forma a ser questionado o que se pretendia saber. Consequentemente, as respostas foram essenciais para que houvesse uma ideia clara de como funciona, na prática, um projeto turístico ligado a minas desativadas, desde que foi concebido até à atualidade, incluindo também, a forma como é gerido o espaço e as técnicas de gestão de visitantes que usam. Fez-se também a comparação entre os dois casos analisados, uma vez que são bastante diferentes.

É bastante pertinente e enriquecedor o conteúdo e a informação que se retira da análise aos dois estudos, pois são bastante distintos, por exemplo, no que se refere à época da exploração, e este fator faz com que existam diferenças evidentes, como a paisagem e os vestígios da comunidade. Em Falun, há uma tradição mais enraizada de visita à mina, ao passo que em Trêsminas é mais recente. O número de trabalhadores também é bastante diferente, por seu lado em Falun pode atingir os 40 colaboradores, em Trêsminas, estão afetos apenas 3 colaboradores. Ao nível do marketing, Falun faz estes estudos, inclusive tem um funcionário exclusivamente para este serviço, já em Trêsminas, estes estudos não se realizam, seguem as estatísticas fornecidas e tentam adaptar-se às mesmas.

As semelhanças também existem, tais como o bom estado de conservação das galerias, e o público infantil e familiar, ser comum. Nos dois casos, são geridos por instituições privadas, e também existe loja de recordações com artesanato local.

Também é possível retirar boas práticas desta análise de dados, tais como, a adaptação das visitas ao público infantil, e a associação do meio envolvente natural, que permite às famílias desfrutar do contacto com a natureza. Em Trêsminas, a sensibilização da população para bem receberem os visitantes. Em Falun, a oferta de um produto integrado,

com café, restaurante, B & B, aproveitando as rendas destes edifícios para investimento no complexo turístico.

Capítulo 6 – Análise do potencial das Minas do Pejão para um projeto de turismo mineiro

6.1 - Introdução - O Couto Mineiro do Pejão e o seu potencial

Neste capítulo fala-se da história do couto mineiro do Pejão. Esta história inicia-se há 3 milhões de anos, quando se começa a formar o filão de carvão.

Aborda-se a formação geológica deste filão, e a história da descoberta das minas e da sua consequente exploração, assim como a componente económica que foi importantíssima na economia nacional. Aborda-se também a, não menos importante, história social que, de certa forma, molda a comunidade mineira, deixando marcas até aos dias de hoje.

Não se apresenta aqui um estudo exaustivo sobre a história das Minas do Pejão, pois seria impossível descrever a mesma num único capítulo. Apresenta-se sim, um pequeno resumo da sua história, enfatizando a sua importância e o dever de manter viva esta memória histórica comunitária.

O objeto de estudo central desta dissertação são as Minas do Pejão, mais propriamente o seu legado patrimonial, pretende-se, como já referido, sugerir atividades de dinamização turística para este legado, e entende-se ser essencial o envolvimento da comunidade local, nestas atividades e nesta dinamização. Por este motivo, analisa-se neste capítulo, a bibliografia existente sobre o tema, algumas fontes primárias como o PDM e o jornal mensal da ECD, o Pejão, e também se analisa o conteúdo das entrevistas às entidades locais (vereadores da cultura e do turismo) e a elementos da comunidade local.

6.2 – Caracterização territorial

As Minas do Pejão e as estruturas que pertenceram à exploração mineira situam-se no concelho de Castelo de Paiva, distrito de Aveiro (figura 25). Neste concelho, existem atualmente 15.623 habitantes, distribuídos por 115 Km² (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020). No site do município pode ler-se que “é um concelho tradicionalmente rural e que foi no passado marcado pela exploração carbonífera do Pejão” (Município de Castelo de Paiva, 2020a). Dista da cidade do Porto cerca de 45 km e é rodeado pelos

concelhos de Arouca, Santa Maria da Feira, Cinfães e Gondomar. Nos limites a Norte é banhado pelo rio Douro, e a Este pelo rio Paiva.



Figura 25 – Mapa de Castelo de Paiva no mapa de Portugal

Fonte: Autor desconhecido. Visto em <https://cheveuxcrepusfrun.blogspot.com/>

6.3 - Bacia Carbonífera do Douro – 300 milhões de anos de História

A atratividade do território das Minas do Pejão baseia-se em transformações geológicas e naturais que se estenderam por um período que vai muito para além da atividade mineira.

Há 300 milhões de anos todo um conjunto de transformações geológicas formaram a Bacia Carbonífera do Douro. Por esta altura, sabe-se que existia apenas um único supercontinente: a Pangeia. Neste período, este território localizava-se perto do equador, estando coberto por densas florestas tropicais com inúmeros lagos, fruto de um clima quente, húmido e com valores de oxigénio na atmosfera muito superiores aos registados atualmente. A fauna desta floresta era dominada por anfíbios, répteis e grandes invertebrados, com libélulas a atingir 75 cm de envergadura (ADRMAG, 2020).

Foram estas frondosas florestas, com quantidades muito elevadas de matéria orgânica, que sofreram, ao longo dos tempos, processos de sedimentação que, submetidos a

condições de baixa oxigenação e elevadas pressões e temperaturas, deram origem às jazidas de carvão mineral atuais, como é o caso daquela explorada durante dezenas de anos no Couto Mineiro do Pejão.

Deste período resulta um conjunto único de fósseis que tornam a área atrativa para os amantes da geologia. Neles é possível observar a vegetação que cobria esta área, tal como *lepidodendron*, *calamites* e as *samambais*. Note-se que há 300 milhões de anos ainda não existiam plantas com flor. Estes fósseis situam-se cronologicamente no período carbónico da era Paleozoica, compreendido entre os 359 e os 245 milhões de anos antes (ADRMAG, 2020).

6.4 - Definição de couto mineiro

A definição jurídica diz que um Couto Mineiro é compreendido por um conjunto de concessões mineiras, que abrange um determinado território, onde se explora o mesmo minério e onde as concessões são relativamente próximas (Soares, 2016). O Couto mineiro do Pejão compreende assim, uma extensão de 10km, desde a margem esquerda do rio Douro, em Germunde, estendendo-se até ao lugar da Paraduça (figura 26). Nesta dimensão territorial estão as concessões mineiras de Pejão, Arda, São Domingos, Folgoso, Serrinha e Germunde, podendo ser visto em pormenor na imagem 27 (Soares, 2016).

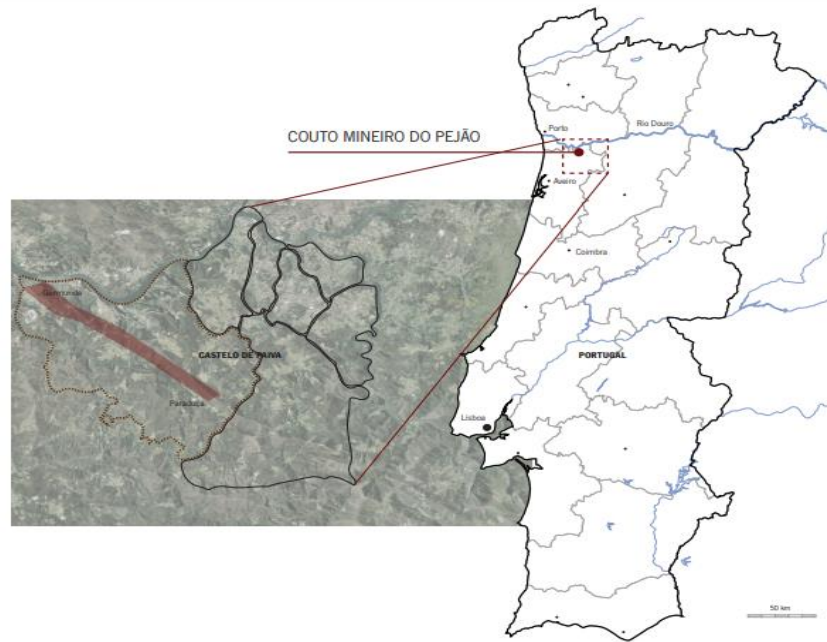


Figura 26 - O Couto Mineiro do Pejão à escala nacional

Fonte: (Soares,2016)

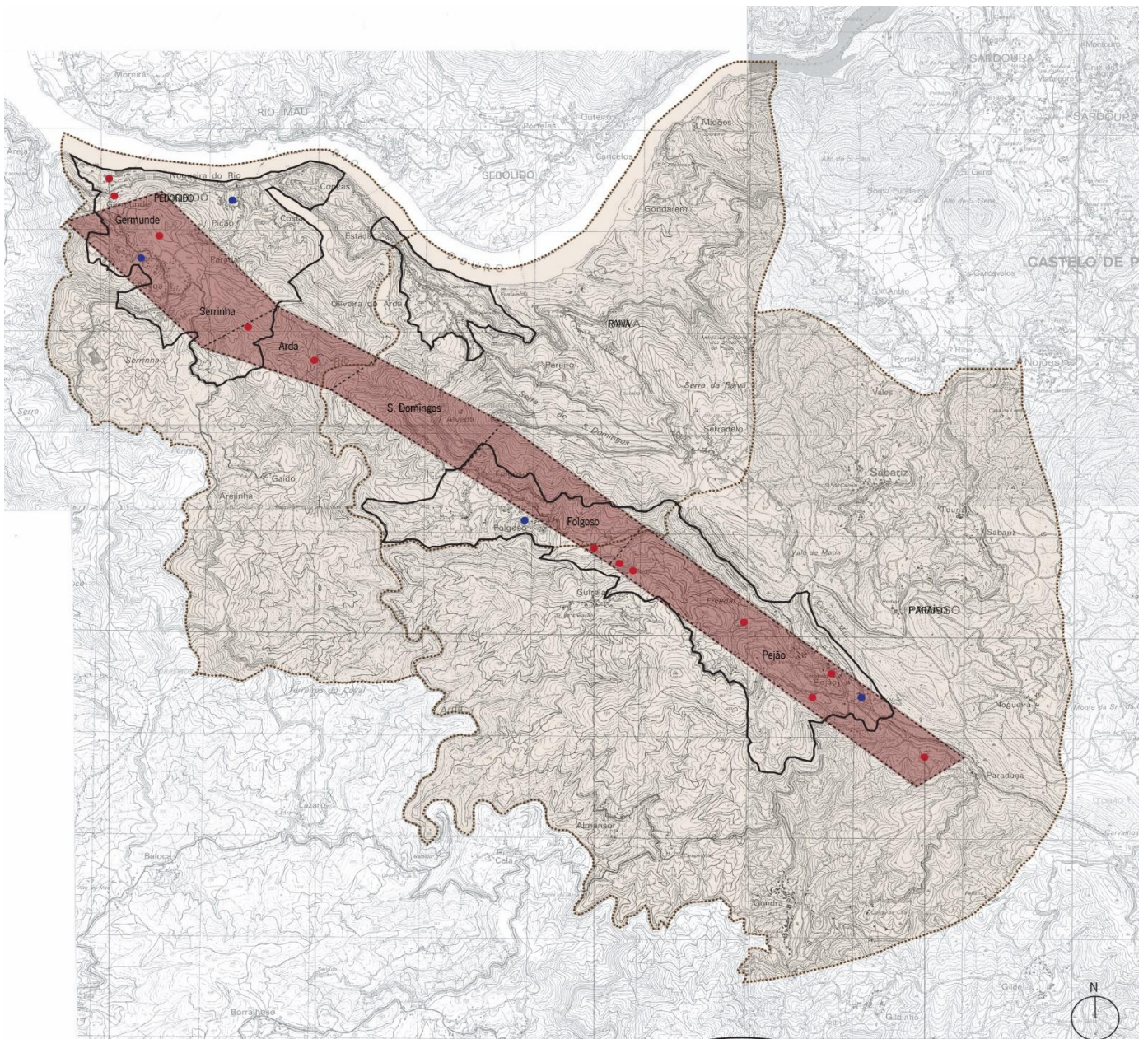


Figura 27 – Mapa pormenorizado do couto mineiro do Peção, com os pontos de exploração e as localidades

Fonte: O Couto Mineiro do Peção à escala nacional (Soares,2016)

- Legenda
- Limite de concessões
 - Limite de freguesias
 - Pontos de exploração
 - Localidades

À parte das meras extensões territoriais, como nos diz Ana Luíís Soares (p. 7), “*Um Couto Mineiro não se define apenas pela área limite explorável e pelas estruturas do subsolo, mas também pelas estruturas edificadas à superfície, sendo por isso, descrito como um “espaço” onde se desenvolve uma cultura administrativa própria, com “uma comunidade que está sob a alçada de uma tutela especial, organizada a partir de uma legislação específica, cujas bases postularam a ocupação do solo e subsolo, a atração da população para os espaços de mineração e na montagem de condições técnicas e sociais de exploração dos filões ao subsolo ou à superfície”*. Ou seja, um couto mineiro não é somente um território onde se explora minério, é muito mais profunda e intangível a sua definição. É uma moldagem do terreno, das pessoas e da cultura. Depois de uma exploração mineira se desenvolver num local, nunca mais esse local, nem essa população, são os mesmos.

6.5 - A História das Minas do Pejão

6.5.1 – Contexto administrativo e económico

A mina de carvão do Monte das Cavadinhas foi encontrada na senda da procura dos filões de carvão da década de 50 do século XVIII. O primeiro registo, do que mais tarde viriam a ser as Minas do Pejão, data de 1959, e eram os seus proprietários Francisco Saraiva Couraça e Augusto Soares d’Azevedo Pinho Leal (Custódio, 2004). No ano seguinte, os dois proprietários da mina apresentam a escritura da Companhia de mineração Arouquense, que eles mesmos tinham criado para explorarem o carvão do Pejão. Já por esta altura, a mina fez-se representar na Exposição Universal de Paris, em 1867, enviando exemplares de antracite. O período de vigência da Companhia de Minas Arouquense durou até 1869 (Custódio, 2004).

Dois anos depois, assume o comando da mina Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral, e assim se mantém, até à constituição da Companhia Carbonífera e Industrial do Pejão em 1897(Custódio, 2004).

A exploração do carvão, durante o período atrás referido, fez-se através do método mais superficial. Utilizavam poços abertos na vertical com pouca profundidade, existindo sempre quatro pontos diferentes ligados entre si, através de galerias travessas

perpendiculares à camada. Estas galerias foram abertas em Cavadinhas, Pejão e Fojo. Uma das dificuldades encontradas por esta altura, era a de como transportar o carvão desde a mina até ao rio Douro, lugar onde depois seguiria para o Porto (Custódio, 2004). A localização da mina relativamente à cidade do Porto sempre foi um fator que tornava a mina atrativa e viável. Situava-se na margem do rio Douro, que era, por esta altura, a via de transporte de mercadorias mais utilizada. Além do mais, era próxima da Mina de S. Pedro da Cova.

A mina do Pejão passa, em 1884, a pertencer à Companhia Carbonífera e Industrial do Pejão. Entre 1885 e 1887, foram lavradas 24.078,85 toneladas de antracite. Foi também construída em 1885, em Pedorido, a briqueteria. Assim se desenvolvia a atividade industrial junto à mina. Já em 1889, é construída, em Gaia, uma nova fábrica de briquetes, estando, por esta altura, montada no Pejão a linha de ferro, com uma extensão de 7km, permitindo a ligação da mina ao rio Douro. Durante o período de vigência da Companhia Carbonífera e Industrial do Pejão, e no contexto do ultimato inglês, surge uma obra de referência publicada por Alfredo Morais de Carvalho, onde este refere que os combustíveis fósseis em Portugal podem trazer a independência técnica e económica face a Inglaterra (Custódio, 2004).

A partir de 1897, a propriedade passa a estar na posse de Adolpho Betzézé Nery de Vasconcellos e na da sua irmã D. Margarida de Vasconcellos Pereira de Almeida. Já entre 1906 e 1908 a mina fica na posse da Companhia Portuguesa de Carvão. Em 1906, a produção da antracite é a segunda maior produção mineira do país, mas o seu valor monetário não tem o mesmo paralelo expressivo. Neste momento trabalhavam no Pejão cerca de 449 pessoas, sendo 59 mulheres e 390 homens (Custódio, 2004).

Já em 1908 a mina passa a ser explorada por uma companhia inglesa, a SARL, com sede em Londres. Aqui se pode constatar o interesse inglês pela antracite portuguesa. Foi detentora da mina entre 1908 e 1917, altura em que a concessão passa para a Empresa Carbonífera do Douro (Custódio, 2004).

Até ao seu encerramento, em 1994, a mina foi sempre concessionária da Empresa Carbonífera do Douro. No entanto, dentro desta existiram períodos e administrações diferentes. Sabe-se que em 1917, pela mesma altura em que a Empresa Carbonífera do

Douro assume a posse da mina, o património era claramente diminuto, tendo em conta o aumento significativo da exploração durante a I Guerra Mundial (Custódio, 2004).

No período entre 1918-1936, são introduzidas algumas inovações na extração do carvão, o processo de lavra é modificado, e são compradas na Alemanha as cinco ou sete locomotivas (não há certeza quanto ao número). Este último dado demonstra uma renovação ferroviária no couto mineiro do Pejão. É durante este período que Perpétuo da Cruz, diretor técnico da empresa, sugere que o carvão mineral possa ser aplicado na produção de eletricidade, o que alterou o padrão de consumo do carvão português pela introdução de mudanças tecnológicas sustentáveis. Assim, e em detrimento da importação do carvão inglês, a produção elevou-se a 4000 toneladas por dia e, neste período, mostrou, com tudo isto, um grande crescimento produtivo. No entanto, com o *crash* da bolsa de Nova Iorque, em 1929, e com as consequências que este momento trouxe, a Empresa Carbonífera do Douro, designada também como E.C.D. começou a esmorecer, entrando mesmo em processo de falência (Custódio, 2004).

É num contexto difícil, que em 1933, Jean Tyssen, compra as Minas do Pejão. Começa aqui a grande epopeia destas minas, sendo exclusivamente este período que marca a memória coletiva desta terra. Jean Tyssen, assume a mina até 1963, e é durante este período que a atividade mineira aumenta a produção e passa a ser líder no sector dos carvões em Portugal. Esta liderança não se deve somente à exploração do carvão, deve-se também às modernas instalações de superfície, especialmente nas infraestruturas para a habitação, para fins sociais, e de apoio ao mineiro e à sua família. Jean Tyssen faleceu em 1965, sendo sepultado no cemitério local, junto dos seus mineiros, como o próprio tinha desejado (Custódio, 2004) .

Em 1971 é concedida à SARL, o direito de exploração da E.C.D. Assim se mantém até à revolução de abril de 1975. Em 1978 é concluída a transação das minas para o Estado Português, passando a ser uma Empresa pública com estatuto de Sociedade Anónima. Contudo, continua a designar-se por E.C.D. (Rocha, 1997).

O seu encerramento seguiu um modelo programado. Em consequência da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em 1986, a tonelada do carvão passa a estar indexada aos preços internacionais dos combustíveis, e a extração passou a não ser rentável face

aos preços dos referidos combustíveis. Assim, o fim já anteriormente anunciado, fica marcado para dezembro de 1994 (Rocha, 1997).

6.5.2 - Contexto social

Normalmente, associada à exploração mineira, surge sempre uma vertente social muito forte. Nas Minas do Pejão, não acontece de maneira diferente. É este lado social que molda a identidade e une a população à volta da mina.

Relativamente à faceta social, são nulos os dados do período que antecede a chegada do belga Jean Tyssen. É, portanto, nesta fase (1933-1963), que se define a “Família Pejão”. Este termo foi usado, à época, para criar uma coesão social e cultural da comunidade local. Em tempos economicamente favoráveis, foi possível atrair e fixar famílias ao couro mineiro do Pejão. É também neste período que se dão os momentos mais marcantes desta comunidade, tendo sido estes momentos a criarem e a marcarem a comunidade mineira (Custódio, 2004).

Estudiosos como Jorge Custódio, pensam que o modelo social desenvolvido no Pejão poderá ter sido baseado nas “aldeias-jardim” das minas de carvão de Limburgo, na Bélgica. Neste modelo, além de um *design* atrativo de habitação social, existiam alguns equipamentos tais como: escolas; berçários; serviços de saúde; igrejas e capelas; campos de futebol; campos de ténis; cinemas; restaurantes e salas de reunião. Mais à frente neste estudo, poder-se-á observar as inúmeras semelhanças das referidas ‘aldeias-jardim’ com o modelo social do Couto Mineiro do Pejão.

Quando Jean Tyssen chega ao Pejão, talvez influenciado pelos modelos belgas, desenvolve ações, que pela sua dimensão, substituem a segurança social e a ação cultural do Estado. Esta “arquitetura social” assenta em três pilares: paternalismo, humanismo e cultura (Custódio, 2004). Este projeto social pretendia que existisse uma moderna relação entre o trabalho e a produção, assim como, estas duas deveriam correr em paralelo com a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Os três grandes pilares em torno dos quais girava toda a ação social da E.C.D. eram: a Caixa de Previdência, a Cooperativa de Consumo e a Casa do Pessoal (Custódio, 2004).

A Caixa de Previdência tinha como objetivo prestar assistência médica, precaver os subsídios em caso de doença, garantir as pensões aos 70 anos ou em caso da invalidez, atribuir subsídios em caso de morte e, em caso de necessidade, prestar auxílios extra (Custódio, 2004).

Em 1952, os serviços médicos deram um salto em termos de qualidade. Foi inaugurado o Centro de Ação Social. Dois médicos, contratados pela empresa, entram ao serviço, e tinham como especialização a medicina do trabalho e doenças pneumoconioses, trazendo para os mineiros cuidados que se transformavam em alívio da dor e melhor qualidade de vida (Custódio, 2004).

Além do Hospital do Centro de Ação Social, existia o Posto Médico de Germunde, e em ambos, se ia registrando através de telegrafias, o estado em que se encontravam os pulmões dos mineiros. Para um melhor serviço, a empresa tinha também uma farmácia.

A Cooperativa do Pessoal funcionava em sociedade e foi criada em 1942 com o intuito de atenuar as carências causadas pela II Guerra Mundial. No estudo que Jorge Custódio fez, deixa bem claro os objetivos desta cooperativa, pois diz que eram os seguintes: *“...fornecer aos sócios géneros de consumo corrente; artigos de uso comum; sementes; alfaias agrícolas e adubos; instituir uma caixa económica destinada a capitalizar pequenas economias dos sócios e a facultar empréstimos para fins agrícolas, compra de propriedades ou reparações de casas que habitem; criar pequenas oficinas para fabricação e reparação de calçado, alfaiataria e costura; manter serviços de puericultura e auxiliar os sócios no fornecimento de leites, farinhas e fortificantes. Só excepcionalmente fornecia artigos de vestuário, de preferência para trabalho. Dava também alimentação aos sócios”* (Custódio, 2004, p. 92). Mais tarde, e com o agudizar do racionamento em consequência da guerra, é também viabilizado um sistema de crédito ou um baixar de preços dos produtos. Estes benefícios, fortaleceram a relação e ligação entre trabalhador e empresa.

A cooperativa pertencia ao pessoal da empresa, embora com a intervenção da E.C.D. na concessão de instalações, no adiantamento de dinheiro e, também, nas facilidades de crédito. Os lucros conseguidos eram reinvestidos na própria cooperativa, baixando o preço dos bens essenciais, e ainda, no acumular de vantagens aos sócios, transformando-

se em vales promocionais, a serem, como é obvio, descontados na cooperativa (Custódio, 2004).

A Casa do Pessoal é uma organização mais tardia, incorporava todos os trabalhadores das minas, quer do interior, quer de escritórios, hospital e cooperativa. Esta entidade é mais do foro cultural e desportivo, pois nos objetivos da sua formação estão, essencialmente, a formação social e moral dos seus associados (Custódio, 2004).

De facto, esta vertente cultural e desportiva marca, de uma forma muito intensa, a vida do Couto Mineiro do Pejão. É nestes eventos que a “Família Pejão” se reúne e se estreitam laços. Neste contexto nascem diversas estruturas desportivas e culturais. São criados centros de convívio e exposições, biblioteca, campo de futebol, campo de ténis, piscina, sala de cinema, sala de televisão, entre outras coisas. É criado o Pejão Atlético Clube, que entra em diversas competições de diversas modalidades. O emblema do clube é o mesmo da empresa. É motivo de reunião e de convívio, quer entre a família Pejão, quer com outras “famílias”, como é o caso de vários jogos entre a E.C.D e a Vista Alegre.

É também neste contexto que é fundada a Banda dos Mineiros do Pejão, em 1948. Esta banda chegou a atingir o patamar de melhor banda nacional, nos 50 e 60 do século passado. É no seio desta banda que nasce e é divulgado o “Hino do Pejão”, hino relativo às minas e às pessoas do couto mineiro do Pejão. Atualmente, o hino e banda ainda existem, sendo elemento agregador e identitário das gentes do Couto Mineiro.

As festas associadas à mina e à comunidade mineira eram também um elemento de união. A empresa ajudava na preparação dos dias festivos, sempre em conformidade com o padrão religioso e cultural da região. As festas de Natal promovidas pela empresa eram também um elo de união na comunidade. Não se pode esquecer que no período em que se dão todos estes avanços e mudanças no Couto Mineiro do Pejão, Portugal atravessava uma ditadura.

A alfabetização do seu pessoal também foi uma das preocupações da empresa. Criou escolas para adultos e concedeu bolsas de estudo aos filhos dos operários que tivessem melhor desempenho escolar. Foram também criados cursos profissionais, tendo em conta as necessidades da empresa, assim como foram criadas escolas de corte e costura para as filhas dos mineiros, e a escola de tamancaria e alfaiataria para homens.

Relativamente à alimentação, e com o intuito de conceder uma boa nutrição aos mineiros, a partir da década de 40 passou a ser dada diariamente uma sopa aos operários e, a partir dos anos 60, uma refeição diária na messe da empresa. Também era entregue diariamente 1 litro de leite a cada trabalhador.

Um outro elemento muito importante para a empresa foram as condições para a habitabilidade. Foram várias as ajudas neste âmbito, quer para a aquisição, quer para obras nas habitações. Assim, e com o cada vez maior crescimento populacional, a E.C.D orientou-se para que fossem construídos dormitórios, normalmente integrados nas casas da malta, e construção de bairros operários. Foram construídos dormitórios nas minas do Choupelo, nas minas do Fojo e a casa da malta na Póvoa. Ao nível de bairros operários, foram construídos o bairro velho de Folgoso, o bairro velho de Choupelo, bairro de Santa Bárbara, bairro velho e o bairro novo de Germunde.

As casas mineiras, assim chamadas por serem construídas para os mineiros, têm certas especificidades. Como são construídas em meio rural têm uma planta adaptada à ruralidade, tendo como mensagem indelével que a segunda ocupação dos mineiros deveria ser o campo. Tinham espaço de logradouro ou quintal anexo à habitação. Estes bairros tinham também um forno e um tanque comunitário. Todos estes edifícios têm a marca E.C.D e também um “certo” estilo determinado pela empresa, onde o traçado arquitetónico dos edifícios tem certas particularidades. Os bairros dos mineiros do Pejão, ao contrário do que se verificam em outros locais, estão dispersos por todo o couto. Em outros locais, como por exemplo nas minas de S. Domingos, os bairros ficavam mais concentrados (Custódio, 2004).

A religião é um elemento muito presente nas comunidades mineiras e, no Pejão, não era diferente. Como o trabalho na mina é de constante perigo, o auxílio espiritual torna-se muito importante, havendo uma ligação muito especial com Santa Bárbara, a padroeira dos mineiros. No Pejão foi construída uma capela de sua invocação e na mina de Germunde foi construído um altar, a 200 metros de profundidade, onde a imagem da Santa fora colocada para proteção divina dos mineiros. Havia também a festa anual de Santa Bárbara, com procissão, que ligava vários lugares e aldeias. A empresa impulsionava este “gosto” pela religião e participou a reconstrução da Igreja de Pedorido, em 1949.

Por fim, mas não menos importante, existia também um jornal mensário intitulado “O Pejão”. Este jornal é, nos dias de hoje, a maior fonte de informação sobre os tempos áureos das Minas do Pejão. Ele continha várias rubricas, sempre relativas aos acontecimentos passados no mês anterior, tinha uma mensagem muito forte relativa à honra no trabalho, havendo sempre destaque para o mineiro do mês. Havia também conselhos de segurança a ter na mina, rubricas sobre ciência e história, sobre puericultura, sobre medicina no trabalho e sobre a vida no concelho. Tinham também a seção desportiva, onde dava conta dos feitos do Pejão Atlético Clube, ou de algum feito mais especial praticado por alguém da comunidade. É, sem dúvida, e principalmente em tempos em que os últimos mineiros começam a desaparecer, uma fonte que permite voltar àquela época, e ter a noção de como era a vida da comunidade mineira do Couto Mineiro do Pejão. O primeiro número de *O Pejão* saiu em 1948 e o último em 1963. Existiram 175 mensários ao longo de 14 anos.

6.6 - Análise de dados complementares

Feita a análise histórica, entendeu-se que seria uma mais valia fazer entrevistas a entidades locais e, para tal, foram escolhidos o vereador da cultura e a vereadora do turismo. Do mesmo modo, foi entendido que deveriam ser feitas também entrevistas a elementos da comunidade local, sendo escolhidas quatro pessoas com ligação afetiva e efetiva às Minas do Pejão. Esta recolha de dados é importante para a verificação do estado da arte, assim como para verificar perspetivas futuras. De seguida são analisados os dados que se recolheram através destas entrevistas e da observação participante. Faz-se também uma breve a análise socioeconómica do concelho na atualidade.

6.6.1 - Conteúdo das entrevistas das entidades locais

De seguida, analisar-se-á o conteúdo das entrevistas realizadas aos vereadores do turismo e da cultura, que tiveram a duração de cerca de 40 minutos e foram efetuadas através da plataforma Microsoft Teams. Estas entrevistas podem ser consultadas na íntegra no apêndice 3.

Tabela 13 – Perfil da amostra das entidades locais

Nome	cargo	Tempo em exercício de funções
Paula Melo	Vereadora do Turismo	3 anos
José Manuel Carvalho	Vereador da Cultura	11 anos

Fonte: Elaboração própria

Entrevista à vereadora do turismo do município de Castelo de Paiva

Para a vereadora do turismo do município de Castelo de Paiva, o legado que resultou da exploração mineira é singular e de extrema importância, não só a nível concelhio, mas também a nível regional. Como razões para que pouco ou nada se tenha sido feito neste património, a vereadora aponta as dificuldades financeiras como a grande dificuldade sentida, assim como a venda efetuada a privados, impossibilitando o município de qualquer atividade sobre o património vendido.

Na atualidade, pretendem implementar projetos de menor dimensão que se possam ir paulatina e gradualmente complementando. São esses projetos a colocação do núcleo de experiências mineiras, com atividades multimédia, através de visitas virtuais com o uso da tecnologia 3D. Neste núcleo estará também exposto algum espólio mineiro. Será também reabilitado o cavalete do Fojo, que é um edifício ímpar na história da exploração do Pejão. Nestes projetos existe a colaboração da comunidade local, que é imprescindível pela riqueza que acrescenta a qualquer projeto ou atividade, existindo já parcerias para o que está planeado.

No imediato a pretensão é a de implementar os projetos já referidos, pois os indicadores mostram que um projeto turístico ligado às Minas do Pejão seria uma mais valia para toda a região.

O envolvimento da comunidade, em qualquer que seja a atividade é, como já mencionado, imprescindível, uma vez que existe uma comunidade viva e rica em histórias sobre o património em questão.

Para a vereadora do turismo, um projeto turístico ligado às minas seria muito benéfico para o concelho, pois contribuiria para o aumento de visitantes e, com isto, para o aumento da criação de empregos. Além disso, esta seria a forma de preservar um património tão importante para a população do concelho de Castelo de Paiva.

Entrevista ao vereador da cultura do município de Castelo de Paiva

Para o vereador da cultura do município de Castelo de Paiva a importância do legado das Minas do Pejão é inquestionável. Refere ainda que este mesmo legado se mantém como a âncora entre muitas famílias mineiras e, uma vez que é um marco na história concelhia, torna-se especialmente importante. No que se refere às dificuldades sentidas para preservar e dinamizar este legado, a carência financeira é a principal causa, pois devido a esta carência, não foi possível realizar obras e atividades necessárias. A outra causa foi a venda a privados, de uma parte substancial do património mineiro. Atualmente, e ainda com esta carência financeira, pretendem-se desenvolver projetos de menor dimensão e que possam ser, paulatinamente, complementados. Quanto a esses projetos são, como enumera, lançamentos bibliográficos em que a temática é as Minas do Pejão, criação do núcleo de experiências turísticas, criação de um filme em 3D e a requalificação do cavalete do Fojo, transformando este último num centro de visitas e interpretação da história das Minas do Pejão. Quanto à participação da comunidade local nestes projetos e, sendo esta importante, foram, neste sentido, realizadas parcerias com diversas entidades locais, nomeadamente com a Junta de Freguesia de Raiva, Pedorido e Paraíso, a Banda de Música dos Mineiros do Pejão, a Associação Recreativa, Cultural e Ambiental de Folgoso (ARCAF), o Grupo de Dinamização de Pedorido e a Associação de Defesa e Estudo do Património (ADEP).

Em 2005, existiu a possibilidade de desenvolver uma estratégia ligada ao turismo, com base numa monografia criada para o futuro museu mineiro e, mais recentemente, foram trabalhadas estratégias de promoção turística com base em percursos pedestres ligados às minas. Os indicadores de procura turística são relevantes, e a estratégia que está a ser implementada conjuga natureza, cultura e minas. Relativamente aos benefícios que o turismo ligado às minas trará, refere, por um lado, a atratividade de novos mercados turísticos e, por outro lado, atividades pedagógicas que atrairão públicos diferenciados de

todo o território, aproveitando a proximidade à cidade do Porto e ao facto de as minas se localizarem numa zona ribeirinha do rio Douro.

Através do conteúdo das entrevistas às entidades locais pode-se concluir que estão em sintonia, quer no significado do legado patrimonial, quer nas pretensões futuras. As dificuldades que apresentam são as mesmas também, assim como não têm dúvidas sobre o potencial e a mais valia que seria a implementação de um projeto turístico no que outrora foram as Minas do Pejão. Pode-se concluir, através de projetos já existentes, que a implementação de atividades turísticas ligadas à temática mineira serão, brevemente, uma realidade e que, estas atividades, terão uma estreita colaboração por parte da comunidade local, que é para os dois vereadores entrevistados imprescindível, qualquer que seja a atividade ou projeto.

6.6.2 - Análise de conteúdo das entrevistas da comunidade local

A entrevista foi realizada a quatro pessoas pertencentes à comunidade local, e podem ser consultadas na íntegra no apêndice 4. Com esta entrevista pretendeu-se aferir, de diferentes perspetivas, o que representa o legado mineiro para esta comunidade e as perceções desta comunidade sobre uma possível transformação deste legado em atração turística. Na tabela seguinte está a caracterização da amostra, optando-se pelo anonimato.

Tabela 14 – Perfil da amostra dos elementos da comunidade local

Número	Idade	Género	Habilitações	Local de residência
Entrevistado 1	47	Masculino	Mestrado	Castelo de Paiva
Entrevistado 2	83	Masculino	9º ano	Castelo de Paiva
Entrevistado 3	65	Masculino	12º ano	Castelo de Paiva
Entrevistado 4	82	Masculino	Licenciatura	Castelo de Paiva

Fonte: Elaboração própria

Entrevistado 1

O entrevistado número 1 refere que, desde a infância o imaginário mineiro o seduz e, mesmo agora, na atualidade, tem a percepção de que a população de Castelo de Paiva é influenciada por este património material e imaterial das Minas do Pejão. Considera imperativa a preservação do património ligado às minas e também refere que não tem dúvidas quanto ao potencial turístico deste legado, muito por conta da sua riquíssima história e da (ainda) existência de estruturas de exploração de carvão. Entende que o turismo possa ser essencial, podendo ser uma forma de permitir a recuperação e preservação do passado histórico. Refere ainda que iria reforçar os laços identitários, sociais e económicos na atual comunidade. Sobre as atividades, entende ser interessante o desenvolvimento de percursos, a criação do museu das minas, visitas às galerias e criação de experiências em 3D. Sobre o envolvimento da comunidade na dinamização turística, considera ser importante e sugere a criação de artesanato ligado à temática mineira, assim como a criação de uma equipa que promovesse a história e a região, dando como sugestão a recriação de momentos históricos.

Relativamente à sua participação enquanto parceiro, diz que está disposto a participar e, no seu caso pessoal, criar mapas, painéis gráficos e painéis físicos. No seu entender, esta transformação turística teria um impacto extremamente positivo, quer em termos materiais quer em termos humanos.

Entrevistado 2

Relativamente à importância que a mina representa, o entrevistado número 2, refere que o legado mineiro possui uma grande importância para a comunidade local, pois as minas desempenharam um papel social muito sólido e marcaram economicamente o concelho durante o período em que estiveram ativas.

Entende que é importante a preservação e dinamização do património ligado às minas e, no seu entender, as minas têm potencial turístico, referindo especificamente a localização geográfica de algumas instalações mineiras junto à margem do Douro, o que é um fator a favor e que pode ser bastante atrativo a nível turístico. Realça que o turismo pode ser essencial, uma vez que traz investimento e que este é crucial para a preservação de certos edifícios e, principalmente, para a preservação da memória destes mesmos edifícios. Quanto às experiências turísticas, menciona a criação do museu, onde a memória enquanto comunidade estivesse presente, e refere também a possibilidade de se efetuarem

visitas de estudo pelo território do couro mineiro. Diz que a participação da comunidade local na dinamização turística é interessante devido ao conhecimento que esta possui.

Declara que, obviamente, está disposto a participar como parceiro na dinamização turística do legado mineiro, colocando a sua experiência ao dispor. Como desejo para o futuro, declara que gostaria de ver este património preservado, principalmente o património imaterial que formou a comunidade mineira, e que este seja recordado pelas gerações futuras.

Entrevistado 3

Para o terceiro entrevistado, o legado mineiro representa a memória viva de uma população. Refere que é fundamental a preservação deste legado, pois continua a existir uma forte convivência e camaradagem na comunidade mineira. Faz alusão às inúmeras histórias de vivências na mina e o legado que foi deixado às gerações futuras. Fala ainda do sentimento coletivo de identidade.

Quanto ao potencial turístico, entende que este complexo tem bastante, pois existem referências patrimoniais, históricas e culturais que potenciam a atração de visitantes. Refere que o turismo pode ser fundamental na preservação deste património, no envolvimento da comunidade e na possível criação de postos de trabalho, ou seja, pode ser também um motor económico para a região. Alega que é fundamental que se preserve aquilo que a população tem como “seu”. Quanto às atividades turísticas, sugere, as visitas guiadas por mineiros onde estes contem as suas histórias, roteiros com variadas temáticas, como por exemplo a dos fósseis, recriação da casa do mineiro com a funcionalidade de museu e a criação de um centro de documentação onde seja depositado o acervo documental das minas.

Quanto ao envolvimento da comunidade local na dinamização turística, menciona a participação de mineiros a fazerem as visitas guiadas, como já referido, assim como a venda de artesanato ligado à temática mineira. Este entrevistado está disposto a colaborar como parceiro, oferecendo a sua experiência, assim como a sua vivência pessoal, pois nasceu e cresceu no bairro mineiro.

Entende que a dinamização turística teria um forte impacto na comunidade local e poderia atrair melhores acessibilidades para esta região. Tem o desejo de ver reativados os valores materiais e imateriais ainda existentes.

Entrevistado 4

Para o 4 entrevistado o legado das Minas do Peirão representa o maior legado histórico cultural do século XX para o concelho de Castelo de Paiva. Entende que a preservação e dinamização deste legado é muito importante, quer para a comunidade local, quer para o concelho de Castelo de Paiva, quer para toda a região envolvente. No seu entendimento, tem bastante potencial turístico, isto se o aproveitamento turístico for adequado e construído com base nas memórias e nas vivências que este território apresenta. Refere que é evidente que o turismo traria a preservação patrimonial, e que, só por isso, já é uma vantagem. Relativamente a atividades que se poderiam desenvolver, enumera algumas, tais como visitas guiadas a locais emblemáticos, assim como a colocação de painéis com informação e imagens sobre a história das minas. Entende que a comunidade local participaria na dinamização turística “de peito aberto” e, quanto a si, até já iniciou o seu contributo, uma vez que escreveu recentemente um livro sobre as memórias do couro mineiro do Peirão. Entende que o impacto na população seria de grande alcance e o seu desejo é que a dinamização turística aconteça realmente o mais rapidamente possível, pois se demorar, poderá ser tarde demais.

Com base no conteúdo das entrevistas acima descritas, elaborou-se uma tabela onde se retira o que foi dito em cada tópico que se pretendia aferir.

Tabela 15 – Análise do conteúdo das entrevistas da comunidade local

Tópico	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Perceção da importância patrimonial	Fascínio	Muito importante	Memória viva de uma comunidade	Muito importante
Importância da preservação do legado mineiro	Imperativo	Muito importante	Fundamental	Muito importante
Potencial turístico do legado mineiro	Essencial	Tem potencial	Bastante	Evidente

Sugestão de atividades turísticas	- Percursos - Museu das minas - Animações em 3D -Recriações históricas	- Museu das minas - Visitas de estudo	- Visitas guiadas com mineiros -Criação da casa do mineiro - Roteiros temáticos - Arquivo documental da E.C.D.	- Visitas guiadas - Painéis informativos
Participação da comunidade local na dinamização turística	Reforço de laços identitários	Interessante	Importante	Importante
Importância da dinamização turística para a comunidade local	Extremamente importante	Importante	Forte impacto na comunidade e na região	Grande impacto
Desejos futuros	Preservação do legado material e imaterial	Preservação de memórias	Reativação dos valores materiais e imateriais	A concretização real da dinamização turística

Pela análise da tabela e também das entrevistas na íntegra (em anexo) pode-se verificar que existe um enorme sentimento de pertença relativamente ao legado mineiro, assim como um profundo desejo de preservação deste legado. Nota-se a convicção de que o património mineiro não é somente material, havendo várias referências ao património imaterial. Todos os entrevistados referem que o legado mineiro tem potencial turístico, existindo mesmo a consciência de que este poderá ser essencial para a preservação do legado.

Relativamente a atividades turísticas, as sugestões são muito semelhantes. Todos sugerem o museu das minas, assim como visitas guiadas e painéis informativos. Há também a sugestão de percursos, visitas guiadas por mineiros, recriações históricas, restauro de uma casa de mineiro e a preservação do acervo documental.

Quanto à comunidade local, todos afirmam que é importante a participação desta na dinamização turística, assim como existe a noção de que esta participação será muito benéfica, a vários níveis, quer para a comunidade quer para a região.

Os desejos são também transversais a todos os entrevistados, pois todos desejam ver acontecer algo no sentido de preservar o património material e imaterial das Minas do Pejão.

6.6.3 - Observação participante

A observação participante feita pelo autor, é bastante diferente da que foi efetuada nos casos de estudo, pois o autor faz parte da comunidade local do couto mineiro do Pejão, logo, a observação foi sendo feita ao longo da vida.

O que existe atualmente e o que existia quando as minas estavam em funcionamento é incomparável. O local onde antes existia imensa atividade, quer durante a semana, com convivência entre os mineiros, os trabalhadores afetos aos quadros técnicos e as pessoas que viviam no bairro mineiro, quer ao fim de semana, pois existiam sempre atividades desportivas e o campo de ténis estava à disposição da comunidade, no verão, ainda acrescia a piscina comunitária e todo o movimento que esta atraía. Há semelhança do estudo de caso de Falun, este local pode ser reaproveitado para lazer, uma vez que ainda possui as infraestruturas apropriadas, como a piscina e o campo de ténis.

Hoje em dia é um lugar fantasma, como pode ser visto, nas figuras 28 à 32, as infraestruturas estão ao abandono e em ruínas, não tendo recebido qualquer manutenção desde o encerramento das minas, em 1994. O que permanece vivo é a comunidade e o sentimento de pertença a algo maior, como podemos ver pelas entrevistas (apêndice 4), além do mais, ainda se usa muito a expressão, “sou do couto mineiro”. Também ainda é entoado o Hino dos Mineiros do Pejão no concerto anual de encerramento da Banda dos Mineiros do Pejão.

Para além da mina, é um território banhado pelo Douro e tem também algumas montanhas, o que o faz ser naturalmente atrativo. Este território tem uma quantidade singular de fósseis, que se formaram há 300 milhões, sendo alguns deles bastante raros.



Figura 28 – Piscina de Germunde

Fonte: André Ramalho, cedido pelo autor



Figura 29 – Bar da Piscina

Fonte: André Ramalho, cedido pelo autor

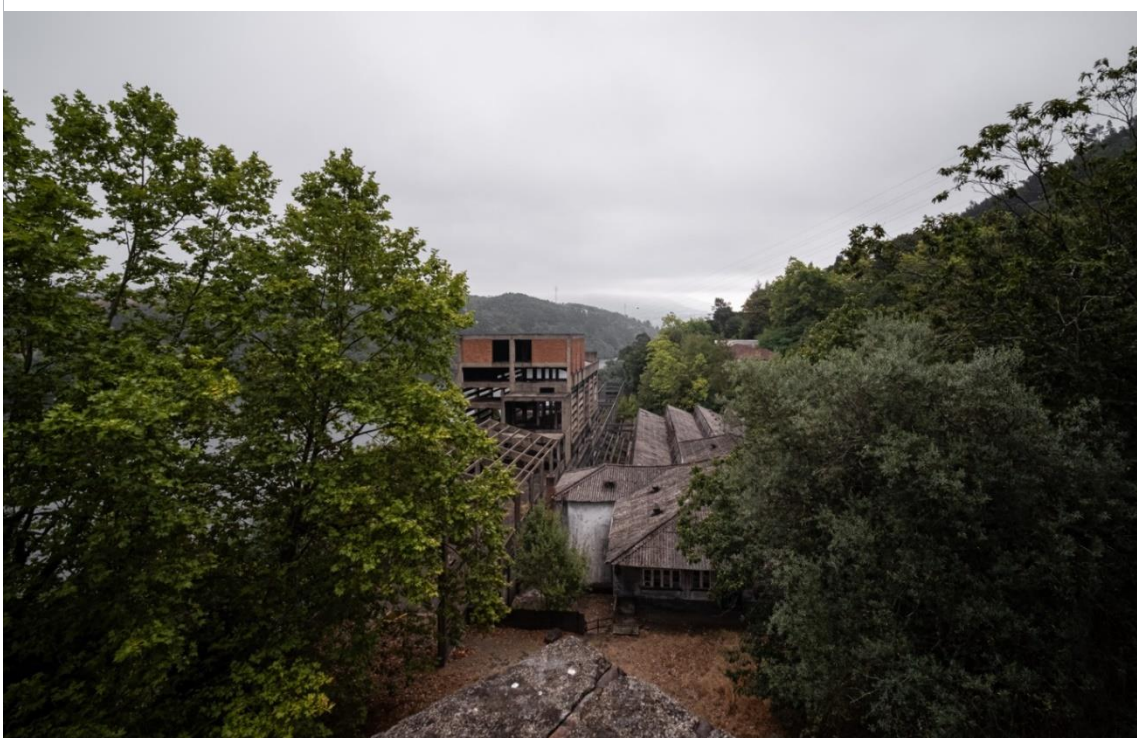


Figura 30– Estruturas de suporte à exploração

Fonte: André Ramalho, cedido pelo autor



Figura 31- Escritórios

Fonte: André Ramalho, cedido pelo autor



Figura 32 – Casa para trabalhadores dos quadros técnicos

Fonte: André Ramalho, cedido pelo autor.

6.6.4 - Análise socioeconómica do concelho de Castelo de Paiva

De seguida será efetuada uma breve análise à população do concelho de Castelo de Paiva

Tabela 16 – Dados populacionais do concelho de Castelo de Paiva

Ano	2010	2019
População residente	16.825	15.511
População em idade ativa	68,4	68,5%
Idosos (+65 anos)	14,9	19%
Jovens (-15 anos)	16,7	12,5%
Índice de envelhecimento (idosos por cada 100 jovens)	90	151
Ganho médio mensal	721 euros	x
Alojamentos turísticos	1	9

Fonte: PORDATA (2021)

Como podemos ver na tabela 15, a população do concelho de Castelo de Paiva está a diminuir, a par desta diminuição há o crescente envelhecimento, pois para cada 100 jovens, existem 151 idosos. Embora não existam dados para o ano de 2019, no ano de 2010 o rendimento médio mensal era de 721 euros, o que é relativamente baixo. Quanto ao alojamentos turísticos, há uma subida significativa de 1 para 9, o que pode ser um bom indicador turístico.

6.7 - Análise SWOT

Tabela 17 – Análise SWOT do território e legado das Minas do Pejão

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • Atratividade turística: paisagística/natural, histórica, cultural • Singularidade da atração • Património mineiro material e imaterial • Predisposição da comunidade local para a potencialização turística 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de segurança nas estruturas existentes • Falta de bons acessos • Falta de serviços de restauração • Falta de sinalética
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Interesse crescente pela região do Douro • Interesse crescente pelo turismo de vinho • Interesse crescente pelo turismo de natureza • Interesse crescente por percursos e baloiços panorâmicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos humanos que façam um planeamento estratégico ao nível do turismo. • Falta de planeamento que permita o acesso a recursos financeiro. • A pandemia covid 19

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar a tabela 15 com a análise SWOT do território e legado das Minas do Pejão face a um possível desenvolvimento turístico, verifica-se que, como forças, existe a forte componente natural, paisagística e de património cultural deste território, assim como a singularidade do legado mineiro e o património material e imaterial ligado ao mesmo. Acresce ainda o facto da comunidade local estar predisposta a participar e ajudar em tudo o que for necessário para potenciar o património mineiro como atração turística.

Quanto às fraquezas, existem algumas, a falta de bons acessos ao concelho, o que poderá fazer com que os visitantes fiquem reticentes em o visitarem; a falta de serviços de restauração, existindo poucos restaurantes com qualidade e com carta diversificada, como por exemplo vegetariano/vegan; a falta de sinalética que poderá fazer com o visitante se perca e não chegue ao destino pretendido, e a falta de segurança do edificado mineiro que está sem manutenção desde o encerramento das minas.

Quanto às oportunidades, podemos elencar algumas, o crescente interesse na região do Douro, pois o couto mineiro situa-se na margem esquerda deste rio; o crescente interesse no turismo vinícola, também poderá ser uma oportunidade, uma vez que Castelo de Paiva se situa na zona demarcada de vinhos verdes; o interesse no turismo de natureza, pois a componente paisagista e natural é uma imagem de marca do concelho, assim como as águas bravas do rio Paiva que permitem desportos aquáticos; e mais recentemente, o fenómeno dos percursos e baloiços panorâmicos, uma vez que o concelho possui alguns exemplares destas duas atrações.

As ameaças, são talvez o que mais preocupa, pois são ao nível da falta de recursos humanos que façam um planeamento estratégico no setor do turismo. A grande dificuldade em haver um planeamento que permita o acesso a recursos financeiros e de apoios comunitários, uma vez que existe uma dificuldade muito grande ao nível dos recursos financeiros da autarquia local. No contexto atual a pandemia covid 19 que poderá trazer atrasos no desenvolvimento turístico e no rápido acesso a fundos de investimento.

6.8 - Conclusão

Em suma, tudo o que foi descrito ao longo deste capítulo corrobora a importância que as Minas do Pejão têm enquanto património nacional. Este património não se resume somente às “ruínas” que ficaram da prática da extração do minério. Destaca-se sobretudo um rico e curioso património intangível que existe na comunidade mineira

A marca deixada na história económica de Portugal do século XX é inegável. Já todo o sistema social ali presente é uma história, dentro da própria história. É um sistema usual nos países da Europa central, mas caso raro em Portugal, e todas as referências aqui efetuadas, relativas a esse sistema social, pecam por escassez.

Através da análise das entrevistas, às entidades municipais e à comunidade local, percebe-se o desejo profundo de que algo seja feito, sendo apontado pelos primeiros, a escassez financeira, e por ambos, a falta de visão e planeamento aquando do encerramento das minas, tendo sido uma grande parte do património edificado vendido a privados.

Ao analisar o contexto socioeconómico do concelho de Castelo de Paiva, e comparando, os anos de 2010 e 2019, percebe-se que é um concelho que está a perder habitantes, está a envelhecer e o rendimento médio (2010) é relativamente baixo, sendo o único indicador positivo, o aumento do número de alojamentos turísticos que transmite a sensação de que o turismo está em crescimento.

Através da análise SWOT, consegue-se perceber que o concelho de Castelo de Paiva tem algumas oportunidades, tais como, o Douro, vinhos verdes, percursos e baloiços. Tem também exemplos de forças tais como, património mineiro, património natural, autenticidade. Mas também apresenta algumas fraquezas, tais como, falta de recursos financeiros, falta de planeamento turísticos, falta de segurança das infraestruturas existentes. Apresenta ainda, algumas ameaças, tais como, falta de bons acessos, falta de serviços de restauração adequados, entre outras. Assim, e neste caso, devem ser fortalecidas as oportunidades e forças, e combatidas as fraquezas e ameaças para que deixem de existir.

Em análise ao PDM, percebe-se que não há nenhum regime de proteção para esta área. Para concluir, entende-se que um projeto turístico ligado às Minas do Pejão, onde houvesse a reabilitação de edifícios, assim como a inserção da comunidade local neste projeto, seria muito benéfico para o concelho de Castelo de Paiva. Além de reabilitar um património que é querido por todos, empregaria alguns elementos da comunidade local, e indiretamente, com a atração de um número maior de visitantes, criaria, novos postos de trabalho.

Capítulo 7 – Sugestões de experiências interpretativas e envolvimento da comunidade para o couto mineiro do Pejão

7.1- Introdução

É neste sétimo capítulo, e depois de tudo o que foi analisado anteriormente com a revisão bibliográfica, os estudos de caso e a análise de dados, que se chega ao cerne desta dissertação e ao que foi proposto inicialmente como objetivo, a sugestão de experiências turísticas através da interpretação e do envolvimento da comunidade para o que é, atualmente, o Couto Mineiro do Pejão. Sendo assim, seguem-se as sugestões do que se entende ser mais adequado implementar, mediante as possibilidades que existem, neste vasto território identitário que é o couto mineiro do Pejão.

Como é um território onde as estruturas que faziam parte e serviam de suporte para a extração mineira estão em ruínas, pois estão abandonadas há mais de 20 anos sem qualquer tipo de manutenção, todas as sugestões de seguida propostas, são o que se entende que seja possível ser feito. Contudo, para que estas propostas tenham sucesso, terá que ser elaborado um plano integrado onde sejam contempladas muito mais vertentes, e onde serão necessários muitos mais estudos do que os aqui presentes. Nesta dissertação são apresentadas singelas sugestões no sentido de cooperar com a dinamização de um território de singular identidade.

7.2 - Sugestões de implementação de experiências envolvendo interpretação para o Couto Mineiro do Pejão.

Tendo em conta as análises dos casos de estudo, assim como a revisão bibliográfica onde foram abordadas algumas das técnicas de interpretação utilizadas em antigas minas, que se tornaram projetos turísticos de sucesso, entende-se ser essencial a dinamização e interpretação do Couto Mineiro do Pejão como um projeto integrado de várias experiências.

A análise dos dados dos casos de estudo, permitem definir um público-alvo viável, o familiar. É um público comum em ambas as atrações, além do mais, também surge, em outros casos analisados, tal como em Sovereign Hill, na Austrália (Sovereign Hill, 2020).

Um outro público-alvo seria o infantil, uma vez que há indicadores, quase em todos os casos vistos, de que este é um público bastante frequente em atrações com esta tipologia, além de, as visitas, poderem ser adaptadas ao conteúdo escolar, como acontece em Trêsminas sendo esta uma boa prática. (Machado, 2016a).

Com a crescente procura de turistas internacionais pela região do Douro, este mercado, poderia também ser atraído para o couto mineiro. Existem, a nível concelhio, ofertas turísticas já pensadas para este público, tal como o Paiva Wine Welcome Center, podendo ser oferecido um produto turístico integrado.

Como se vê anteriormente, o couto mineiro não é um aglomerado de edifícios de exploração mineira, é sim um território vivo, onde está uma comunidade com identidade mineira e onde estão inseridos os tais edifícios que serviram de apoio à exploração do carvão.

Seguindo esta linha de pensamento, chega-se à conclusão de que é fundamental a dinamização e interpretação de dois edifícios: Poço de Gemunde e o Cavalete do Fojo.

Estes dois edifícios distam um do outro de 8 Km, o que se entende ser benéfico numa lógica de interpretação de um território, de uma paisagem transformada pela exploração mineira e de uma comunidade, ao invés da musealização de edifícios desintegrados do seu território e da comunidade que lhes deu vida. Depreende-se que seja mais benéfico todo um produto onde sejam integradas várias componentes com várias localizações, e onde possam ser desenvolvidas e aplicadas várias experiências turísticas.

Posto isto, sugere-se para o Poço de Germunde, o desenvolvimento de experiência de “Last Day”. neste tipo de experiência os visitantes irão encontrar o local como se os trabalhadores o tivessem deixado no dia anterior no final da jornada de trabalho. Este tipo de experiência pode ser vivenciado nas minas de Ostrava, situadas na República Checa, como já mencionado anteriormente nesta dissertação, no capítulo 3.

De facto, e embora não tenha sido propositado, muitos dos edifícios que serviam de apoio à exploração mineira encontram-se nestas condições, como se pode ver nas figuras 33 e 34. A escolha do Poço de Germunde para implementação desta experiência, está relacionada com o facto de este ser propriedade pública, uma vez que faz parte do erário

do município de Castelo de Paiva, ao passo que os outros edifícios estão inseridos em propriedade privada.

Este edifício é, como o nome indica, o poço, ou seja, era aqui que estava a estrutura elevatória chamada de “jaula” que fazia o transporte dos mineiros para o interior da mina. No local é ainda possível observar os cabos e a estrutura que servia para elevar e descer a jaula. Na parte inferior deste edifício existem ainda os balneários dos mineiros, embora estejam em ruínas. Esta sala inferior poderá ser aproveitada, como já aconteceu aquando da apresentação do livro de Adriano Miranda, Carvão de Aço, para expor a coleção fotográfica que deu origem ao livro, mas, desta feita, em permanência. Esta coleção fotográfica ímpar é o resultado de um trabalho realizado em 1992 pelo mencionado autor. As minas ainda estavam em funcionamento e o resultado fotográfico ilustra todas as fases do dia de um mineiro na sua jornada de trabalho, desde que entra para a mina até ao fim do seu turno, ver imagens desta exposição nas figuras 35 e 36.



Figura 33 - 1º andar do Poço de Germunde, “Casa das Máquinas”

Fonte: Hugo Silva, Município de Castelo de Paiva



Figura 34 - 1º andar do Poço de Germunde – “Casa das Máquinas”, pormenor do mensário “O Pejão”

Fonte: Hugo Silva, Município de Castelo de Paiva



Figura 35 - Rés do chão do Poço de Germunde, apresentação do livro Carvão de Aço e exposição fotográfica do livro.

Fonte: Higo Silva, Município de Castelo de Paiva



Figura 36- Rés do chão do Poço de Germunde, apresentação do livro Carvão de Aço e exposição fotográfica do livro.

Fonte: Hugo Silva, Município de Castelo de Paiva

No que se refere ao Cavelete do Fojo, e tendo em conta que este é um edifício emblemático e até de imagem de marca do couto mineiro do Pejão, e sendo ele também propriedade pública, neste caso da União de Freguesias de Raiva, Pedorido e Paraíso, entendeu-se ser estratégica a dinamização deste espaço.

O Cavelete do Fojo, ver a figura 37 e figura 41, é uma estrutura em betão e, à semelhança do Poço de Germunde, servia para descer os mineiros e material à mina. O cavelete funcionava de forma a acionar o movimento de cabos de aço que suspendiam as “jaulas”. Serviam para apoiar no seu topo, as grandes roldanas, sobre as quais os cabos de aço passam de uma posição inclinada para a vertical. A estas roldanas, na gíria mineira, é atribuído o termo “Andorinha”. Estas construções, para além das “Andorinhas”, possuem vários elementos dos quais se destacam a torre, com os pisos de contraventamento e escadas de acesso ao topo, bem como as escoras inclinadas de estabilização, posicionadas entre o cavelete e a “Casa da Máquina”. Estas escoras, inclinadas, fazem parte de um esquema de peças devidamente posicionadas, tendo em vista permitir um comportamento resistente ao esforço necessário para a realização da extração. Qualquer paisagem mineira tem como ex-libris os caveletes existentes, sendo mesmo considerados símbolos universais da indústria extrativa.



Figura 37 – Cavelete do Fojo

Fonte: Raquel Almeida, cedidas pelo autor

Para este edifício, sugere-se a experiência em 3D. Toda esta experiência já foi realizada e é possível aplicá-la com considerável brevidade. Todo o trabalho 3D foi concebido pelas associações Associação de estudo e defesa do património histórico cultural de Castelo de Paiva (ADEP) e Associação Recreativa, Cultural, Patrimonial e Ambiental de Folgoso (ARCAF), bem como pelo Grupo de dinamização e Cultura de Pedorido e ProBlender. Neste trabalho é possível, através da tecnologia referida e com a colocação de óculos adequados, experienciar a descida ao interior da mina, precisamente na mina do Fojo. Fazer esta experiência dentro do próprio edifício faz com que a mesma se torne mais real, pois todo o ambiente envolvente coopera neste sentido, criando uma atmosfera imersiva.

Além desta experiência com recurso à tecnologia, e uma vez que o edifício assim o permite, poderá também ser adaptado e tornar-se numa galeria de exposições temporárias. O edifício já apresenta dois exemplares de arte urbana nas suas paredes - dois grafitis, um onde está representado um mineiro (figura 40) e outro em que está representada Santa Bárbara (figura 38), a padroeira dos mineiros. Além de galeria, poderia também ser criado em auditório onde poderiam decorrer conferências, encontros, mesas redondas, entre outras iniciativas.



Figura 38 – Grafiti de Santa Bárbara

Fonte: Rui Pereira, cedida pelo autor



Figura 39 – Grafiti de Santa Bárbara

Fonte: Rui Pereira, cedida pelo autor



Figura 40 – Grafiti do Mineiro

Fonte: Rui Pereira, cedida pelo autor



Figura 41 – Cavalete do Fojo

Fonte: Raquel Almeida, cedida pelo autor

Com estas sugestões, viabilizava-se a reabilitação deste edifício e conseguia-se um conjunto diversificado de experiências, podendo ser atingidos diversos públicos-alvo. A envolvente natural que rodeia o edifício é também um atrativo, pois é propícia a caminhadas ou percursos de bicicleta, assim como a tardes de descanso e contacto com a natureza, bastante apreciados por famílias.

Centro de visitantes/ loja de merchandising

Está previsto para breve, a inauguração do Centro de Experiências Mineiras. Este edifício está localizado junto à foz do rio Arda, na margem do rio Douro e junto à ponte centenária de Pedorido, construída para a passagem do transporte de carvão. Neste local, existirá uma pequena sala de exposições e uma linha cronológica da exploração mineira. Como este edifício é amovível, facilmente se poderá anexar novos compartimentos, podendo, desta forma, ser complementado para centro de visitantes, onde seria feita a receção e disponibilizadas as informações necessárias. Também poderia ter a função de loja de recordações, artesanato e produtos locais, contribuindo, positivamente, para o desenvolvimento económico da comunidade local.

Percursos e Trilho - Área territorial do Couto Mineiro do Pejão

Uma vez que o território abrangido pelo couto mineiro tem uma área considerável e, nessa área, espalhados por todo o território, existem vestígios da exploração do carvão como edifícios, galerias, entre outros vestígios, entende-se que é importante a dinamização dos percursos que já existem e que são o Trilho do Mineiro e os Caminhos do Pejão velho.

O trilho do mineiro (ver imagem no apêndice 5) é um percurso para BTT. É circular e passa pelas três freguesias que compunham o couto mineiro - Raiva, Pedorido e Paraíso, havendo nestas povoações serviços de restauração e bar (Município de Castelo de Paiva, 2020b). Neste percurso estão decalcados os caminhos percorridos pelos mineiros para irem trabalhar e, também, parte dos percursos que as locomotivas faziam para transportar o carvão até aos barcos para seguirem por via fluvial até ao Porto. Tem cerca de 31 Km, está classificado com intensidade média e a duração de 2h30 minutos.

Existe também um percurso recente intitulado “Caminhos do Pejão Velho” feito por iniciativa das associações locais ADEP e ARCAF, já mencionadas anteriormente. Este percurso tem início no Cavalete do Fojo e é circular, percorrendo os locais da primeira fase da exploração mineira do Pejão. Além da temática mineira que é o principal foco, o percurso é complementado pela temática das alterações climáticas e observação da fauna e da flora.

A sugestão que se dá para estes percursos seria a de colocar painéis interpretativos comuns com o mesmo *design*, e com informação estandardizada, uma vez que até coincidem em algumas paragens. Sugere-se também que haja uma aplicação que possa servir de complemento aos dois percursos, onde estivesse criada, em QRcode, informação dos painéis interpretativos e informação complementar a esta. Desta forma é mais fácil colocar mais informação e maior diversidade de línguas, não ocupando o espaço físico do painel interpretativo. Além da informação, o visitante vai sabendo através da localização GPS da aplicação em que local dos percursos se encontra em tempo real, transmitindo também uma maior segurança.

Sugerem-se, para todo o território, ações de sensibilização e de educação patrimonial. Estas ações podem ser feitas pelo *staff*, por membros da comunidade, como por exemplo por ex-mineiros e, também, a um nível mais académico, por estudiosos da temática. Estas iniciativas têm como objetivo sensibilizar a comunidade para o património que é seu, principalmente e, à imagem do que é feito em Trêsminas, sensibilizar a comunidade escolar, adaptando conteúdos para ir de encontro a este segmento de visitantes. Assim, chamar-se-á a atenção, não só para a proteção, como para a divulgação, procurando gerar emoções positivas, orgulho e um maior sentimento de pertença ao território e à comunidade mineira.

Seria também interessante a recuperação de uma casa de mineiro, figuras 42 e 43, onde se deveria manter a traça e a planta (fornecida pela empresa), assim como a recriação das divisões da casa e do forno e tanque comunitário. Estes bairros mineiros e estas casas foram transformadores na paisagem do couto mineiro do Pejão. A sua construção financiada através de crédito pela E.C.D, mostra também o sistema avançado e a forma como a E.C.D era gerida. existiam também incentivos a que o mineiro, depois de chegar do trabalho na mina, se dedicasse à sua casa e ao seu jardim, havendo mesmo concursos para o melhor jardim. Para as mulheres ficava reservado o cuidar da casa e da família.

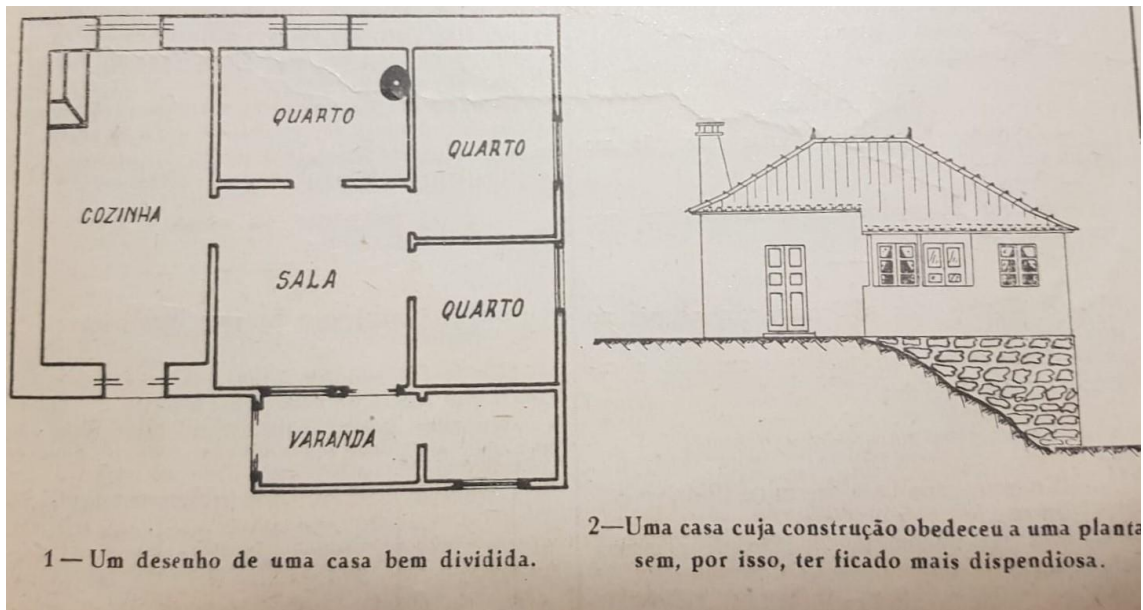


Figura 42 - Planta fornecida pela E.C.D aos mineiros para a construção das suas casas

Fonte: “O Pejão” ano VI, nº72 (1974)



Figura 43 - Imagem de uma casa de mineiro

Fonte: “O Pejão” ano VI, nº72 (1974)

7.3 - Envolvimento da Comunidade Local

Como se vê ao longo de toda a dissertação, o envolvimento da comunidade local, qualquer que seja a experiência turística, é muito importante. Os autores Moscardo e Ballantyne (2008) referem que há um entendimento mais ou menos comum de que a interpretação deverá ser um processo onde se possa contar a história do local e que esta história possa transmitir sensações e estabelecer relações positivas entre o visitante e o local. Ora, é precisamente esta ligação e este despoletar de emoções, quer no visitante, quer na comunidade local, que se pretende fomentar. Para tal, sugere-se que a comunidade local tenha um papel fundamental nas experiências a desenvolver no couro mineiro.

Esta comunidade mineira do Pejão, onde estão inseridos os ex-trabalhadores da mina, pode-se dividir em duas faixas etárias, uma mais velha que se situa atualmente na faixa etária dos 80 anos e uma outra que se situa nas faixas etárias dos 50 e 60 anos. A população que pertence à faixa etária mais idosa é a que possui mais informação histórica e mais vivências do período áureo das minas, sendo uma mais valia a gravação destes testemunhos, uma vez que são na primeira pessoa. Os ex-mineiros mais jovens, que se situam nas faixas etárias dos 50 e 60 anos, são os que vivenciaram mais profundamente as emoções do fecho das minas. São estes que têm melhores condições físicas para poderem acompanhar e transmitir aos visitantes a história e as tradições da sua comunidade. Estes ex-mineiros são peças fundamentais na dinamização das experiências turísticas.

Em quase todas as experiências é possível integrar os ex-mineiros. Por exemplo, na experiência de “Last Day” no Poço de Germunde, seria muito mais enriquecedor ter um mineiro a indicar e a explicar todo o dia-a-dia de trabalho naquele local, facilitando a interação com os visitantes e permitindo-lhes a colocação de perguntas sobre o local e sobre o trabalho na mina.

Nas ações de sensibilização é também de extrema importância o testemunho real, quer dos mineiros mais novos, quer dos mais velhos, pois a realidade que transmitem é impossível ser transmitida da mesma forma, por alguém que não viveu a experiência na primeira pessoa.

Nos percursos já existentes, seria também enriquecedor, quando possível, o acompanhamento e visita guiada por ex-mineiros, que explicassem nas paragens aquilo que está a ser observado. Desta forma, os percursos têm a possibilidade de o visitante

fazer a visita por si próprio devido aos painéis informativos e, para uma experiência mais rica, solicitar a visita acompanhada por um guia mineiro.

A maioria das experiências ligadas ao turismo industrial tende a ser mais explicada por homens, pois eram a força bruta do trabalho. Contudo, não se pode esquecer o contexto familiar onde estes homens estavam inseridos, e tantas vezes evidenciado pela empresa que geria as minas, dando grande ênfase e importância à família. Assim, sugere-se a integração das mulheres dos ex-mineiros e das suas vivências, o que também se pensa ser de grande utilidade, principalmente na casa de mineiro recriada, podendo desta forma ser explicado o dia a dia da mulher de um mineiro.

7.4 - Conclusão

Neste capítulo, apresentam-se algumas sugestões para o território do couro mineiro do Pejão. Definem-se alguns possíveis públicos-alvo, tais como, o familiar e o infantil, e apontam-se alguns indicadores que podem atrair o turista internacional para esta área.

Como proposto inicialmente nesta dissertação, fazem-se neste 7º capítulo, algumas sugestões de atividades turísticas a integrar na área territorial do couro mineiro do Pejão. São abrangidas várias temáticas ligadas à mina, não esquecendo a componente natural e paisagística, sugerem-se dinamizações em dois edifícios mais específicos, como o Cavalete do Fojo e o Poço de Germunde, assim como a reabilitação e posterior recriação, de uma casa de mineiro. Sugerem-se também a inserção de atividades de Last Day, exposições temáticas, e atividades com recurso ao 3D. Estas sugestões foram feitas com base na revisão bibliográfica e no estudo empírico, e foram pensadas de forma a serem concebidas e realizadas como produto integrado.

Como o envolvimento da comunidade local era uma questão *sine quo non*, as atividades propostas foram pensadas nesta inserção. Propõe-se visitas guiadas por ex-mineiros, a participação das mulheres na casa de mineiro recriada, a venda de produtos feitos pela comunidade local na loja de recordações, e essencialmente, a participação ativa no planeamento e execução destas atividades.

Espera-se, desta forma, apesar de forma singela, que estas sugestões sejam um contributo para a preservação de um legado tão importante para esta comunidade.

Capítulo 8 - Conclusão

8.1 - Principais conclusões

Quando se decidiu, no início desta dissertação, que o tema a abordar seria a dinamização turística do couto mineiro do Pejão, estava-se longe de perceber o profundo alcance que esta proposta acarretava, embora, sempre tenha sido do conhecimento geral a importância histórica das minas do Pejão, quer no contexto económico nacional, quer no contexto económico e social a nível local (Custódio, 2004). Este impacto foi de tal forma importante que levou à alteração da toponímia local e à existência, atualmente, do couto mineiro do Pejão. A nível comunitário, também foi possível observar este impacto, através da transformação da população rural numa comunidade mineira. Desta forma, entendeu-se que o tema de turismo mineiro aplicado ao território do couto mineiro do Pejão é importante e, pelas razões elencadas acima, justifica a escolha desta temática para a dissertação.

De facto, a valorização dada a patrimónios enquadrados na vertente industrial, tem sido crescente, e pode ser constatada através das diversas inscrições de minas como património mundial (UNESCO, 2020). Também é crescente a importância dada ao património imaterial, como é possível observar na publicação da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial (UNESCO, 2003). A nível mundial têm sido efetuados esforços no sentido de fazer renascer estes legados, principalmente, através do turismo, pois como diz Jelen, “ O turismo cultural é uma maneira de garantir que o património seja preservado para um público mais amplo e para as gerações futuras” (Jelen, 2018,p 94). Em Portugal, foi decretado, em 2006, um documento diretivo, de acordo com o qual se deveria, proceder ao levantamento e inventariação das minas abandonadas, bem como das instalações que deveriam ser reabilitadas (EDM, 2011). A nível mundial, como se constatou na presente dissertação, são já inúmeros os casos de transformação de legados mineiros em projetos turísticos de sucesso, por exemplo, o caso estudado de Falu Gruva, na Suécia (Falu Gruva, 2020), que serviu de estudo de caso nesta dissertação.

Ao longo da realização deste estudo, percebeu-se que o turismo mineiro não surge por acaso, tem todo um percurso histórico que o justifica. O seu percurso histórico passa pelo desmembramento do turismo industrial, que por sua vez, vem do desmembramento do turismo cultural. Assim, o turismo cultural é uma tipologia de turismo que abrange a

cultura material e imaterial de um povo, região ou até mesmo país. Esta tipologia de turismo está em crescente evolução, principalmente, em termos de visitantes. Se, no seu início, era um turismo essencialmente associado às elites (Hibbert, 1987) por razões variadas, inclusive a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial, atualmente, o turismo cultural expande-se a nível global (Richards, 2018a). Deste modo, na década de 90, a Organização Mundial de Turismo, estimou que este mercado abrangia cerca de 37% de todo o consumo turístico. Ainda na década referida, o turismo cultural se começa a desmembrar em pequenos nichos, sendo um deles o turismo industrial (Richards, 2018c).

Se até meados do século XX, a sociedade era altamente industrializada, a partir dos anos 90 do século passado, esta tornou-se uma sociedade essencialmente tecnológica, o que levou ao abandono das estruturas que davam corpo às indústrias. A falta de rendimento da exploração e a crescente aderência a combustíveis limpos ditaram o fim de grande parte das minas e, por conseguinte, o abandono das estruturas pertencentes a estas. É, exatamente, neste momento, que se inicia o interesse na transformação destes despojos industriais para fins turísticos e, conseqüentemente, dá-se o nascimento do turismo mineiro. A Suécia foi um dos primeiros países a desenvolver projetos turísticos para os legados mineiros abandonados (Bernardi et al., 2019), talvez, como se viu na análise ao estudo de caso de Falu Gruva, devido ao facto de fazer parte da tradição considerar as minas como local de visita.

Os principais objetivos deste estudo eram, precisamente, o processo de transformação de um legado mineiro em projeto turístico, perceber como são geridos estes espaços e quais as atividades que disponibilizam aos seus visitantes e, ainda, a forma como integram a comunidade local nos seus projetos, uma vez que se sabe de antemão o forte património imaterial que é uma comunidade mineira. Na análise bibliográfica sobre a gestão de visitantes, percebeu-se, que na década de 80 e face ao aumento de visitantes nas atrações sensíveis, como é o caso de atrações patrimoniais e ambientais, havia a necessidade de proteger estes locais gerindo da melhor forma a afluência das visitas que recebem (Kuo, 2002). Os estudos acerca da gestão de visitantes foram-se multiplicando, havendo vários pontos de vista de gestão a aplicar a estas atrações sensíveis, mas, atualmente, existe um consenso de que para ser feita uma boa gestão, de forma sustentável, deve ser procurado o equilíbrio entre o recurso, o visitante e a comunidade recetora, de forma a não serem

destruídos recursos. Hoje em dia, as atrações concentram-se, sobretudo, em atrair o visitante certo, porque este estará sensibilizado para a importância da preservação da atração e, desta forma, vai agir de forma protetora em relação ao que visita (Kuo, 2002). Na análise a várias medidas aplicadas e, conseqüentemente, às estratégias existentes, entendeu-se que para o estudo em questão, isto é, o couro mineiro do Pejão, a melhor estratégia a ser aplicada seria a interpretação. A interpretação abrange muitas áreas e muitas técnicas. Esta surgiu com a percepção de que o visitante estaria disposto a pagar por uma informação mais rica e completa sobre o que estava a visitar (Kuo, 2002). Inicialmente, foi implementada em parques naturais, mas depressa se alastrou a museus, sítios arqueológicos, galerias e zoos tornando-se fulcral (Moscardo & Ballantyne, 2014). No que diz respeito à conceitualização de interpretação, há, atualmente, consenso em ver a interpretação como um processo onde se possa contar uma história do local, e que esta história possa transmitir sensações que permitam estabelecer relações positivas entre o visitante e o local.

Desta forma, procurou-se perceber em contexto real quais as técnicas de interpretação mais utilizadas e aceites pelos visitantes das atrações mineiras, com o intuito de perceber se seriam boas opções para o couro mineiro do Pejão. Percebeu-se que as atrações turísticas optam muito por técnicas que envolvam meios multimédia, talvez pela atração que normalmente provocam em crianças e jovens. Normalmente, as atrações, têm centro de visitantes onde por norma se inicia a visita. Em alguns casos, estes centros de visitantes extremamente atrativos, levam o visitante a entrar no espírito da visita que se vai seguir, isto acontece, por exemplo, nas minas do Veloso, no Brasil (Teixeira, 2015).

Em todos os casos existem visitas guiadas e, na maior parte das vezes, estas visitas são adaptáveis ao grupo de visitantes que a irá fazer, com especial foco para com o público infantil. Isto acontece, por exemplo, Sovereign Hill, na Austrália, que é um parque temático ligado à mineração, onde existe a possibilidade de trajar de acordo com a época gloriosa da exploração.

A existência de espaços ao ar livre também é também algo bastante salientado pelos visitantes, porque estes permitem um bom tempo em família e contacto com a natureza. Os recursos educativos são, ainda, outro dos fatores bastante presentes neste tipo de turismo, como é possível observar no caso do museu de Milos, na Grécia, onde é explicada a geologia da mina e a forma de exploração mineira do local. Todas as atrações

apresentam códigos de conduta teológicos que apelam à sensibilização para a proteção do recurso que estão a visitar.

O envolvimento da comunidade local nas atividades propostas para o couro mineiro do Pejão é um dos pressupostos prontamente colocados neste estudo. Através da análise das técnicas interpretativas surge, por exemplo, a possibilidade de visitas guiadas por ex-mineiros. Este, e outros exemplos de envolvimento da comunidade vêm no seguimento do aumento da preocupação com o desenvolvimento sustentável, tal como se pode ver, em 2005, a Organização Mundial do Turismo considera os “atuais e futuros impactes económicos, sociais e ambientais, atendendo às necessidades dos visitantes, da indústria, do meio ambiente e das comunidades de acolhimento” (UNET & UNWTO, 2005). É, deste modo lógica a inclusão da comunidade de acolhimento nas atividades, principalmente, nas comunidades mineiras devido à ligação extremamente estreita com o recurso. É também essencial mobilizar a população local à participação nos projetos, tendo em conta as características dessas mesmas comunidades.

Esta prática, de usar ex-mineiros em visitas guiadas, iniciou-se no Reino Unido, mas, atualmente, está em uso um pouco por todo o mundo. A visita feita por um ex-mineiro é, por si só, um contacto privilegiado com um património imaterial, pois a partilha da experiência pessoal do ex-mineiro é singular e não pode ser feita, de igual forma, por mais ninguém. A este enriquecimento da visita acresce, ainda, o benefício de empregar pessoas da comunidade (Jelen, 2018). Outro dos exemplos de envolvimento da comunidade local são as visitas guiadas, realizadas por membros da comunidade, através das quais guiam os visitantes pelos diversos edifícios pertencentes à empresa de mineração.

Estes exemplos vieram reforçar a premissa inicial acerca do indispensável envolvimento da comunidade local nas atividades a serem sugeridas para o Pejão.

Com o objetivo de responder da forma mais adequada aos objetivos propostos, entendeu-se que o estudo de casos era o que melhor se enquadrava nesta dissertação. Foram, por conseguinte, escolhidos dois casos, um nacional, Trêminas em Vila Pouca de Aguiar e um internacional, Falu Gruva na Suécia. Através da análise aos dados recolhidos nos casos, como referido no capítulo 5, foi possível concluir que estes possuem pontos em comum, entre eles, o bom estado de conservação que permite a realização de atividades turísticas, são geridos por instituições/ fundações mas com auxílio de entidades públicas,

embora no caso português a relação com as entidades públicas seja mais estreita; ambas têm parcerias com outras entidades; a dificuldade financeira é sentida nos dois casos; as visitas são feitas por colaboradores afetos ao complexo; possuem painéis pela zona envolvente e têm o público alvo famílias também em comum; nos seus centros interpretativos recorrem a técnicas multimédia e possuem também loja de recordações com a mesma tipologia de produto. Nestes pontos referidos anteriormente, os dois estudos de caso, assemelham-se.

Quanto às diferenças, a principal diferença reside no facto da mina Sueca ser Património Mundial. Esta classificação, por si só, diz muito acerca deste complexo. A diferente época em que foram exploradas também contribui para as suas diferenças, enquanto que em Portugal as minas são romanas, ou seja, a comunidade mineira já desapareceu há muito tempo, em Falun, a comunidade continua a existir, embora não exista uma relação muito estreita com o projeto turístico. Outra das diferenças entre as explorações reside no facto da exploração em Falun ter sido realizada até tempos mais recentes, o que permite observar o bairro mineiro completamente reabilitado, assim como as restantes estruturas que serviam de apoio à exploração, pelo contrário, em Trêsminas, só é possível a visita às galerias. A diferença entre os números de trabalhadores afetos a cada um dos projetos também é considerável, pois em Falun trabalham cerca de 10 colaboradores, podendo no verão atingir os 40, e em Trêsminas existem 3 colaboradores afetos ao projeto. Relativamente ao estudo de mercado, em Falun, são realizados estudos de marketing existindo um funcionário especificamente para esta função, enquanto que em Trêsminas seguem estatísticas e tentam adaptar estratégias às mesmas. Estão, desta forma, elencadas as principais grandes diferenças entre os dois casos.

Depois de analisados os casos, seguiu-se o estudo concreto, isto é, o objeto de estudo e tema central desta dissertação: o couro mineiro do Pejão. Estudou-se, de forma resumida, a história das minas e o seu impacto na paisagem e na região onde se inserem. Existe, no entanto, alguma dificuldade em estudar a história das Minas, pois, atualmente, só existe um estudo bastante completo sobre as mesmas. Com este estudo, embora de forma superficial, comprovou-se a importância e relevância destas minas, assim como a sua singularidade. Concluiu-se que esta era muito mais que uma empresa, sobretudo, para os seus trabalhadores. Para além de um sistema social próprio especialmente dedicado aos trabalhadores, a estes era ainda oferecida uma ampla gama de serviços (cooperativa,

centro de saúde, farmácia), bem como incentivos desportivos e educacionais, através da construção e disponibilização de inúmeros equipamentos desportivos (campo de ténis, piscina, campo de atletismo, campo de futebol) e da fundação da Banda dos Mineiros do Pejão. Com o objetivo de percebermos o espírito que, atualmente, existe relativamente a este património, quer ao nível de entidades governamentais locais quer ao nível da comunidade local, entendeu-se que seria uma mais valia a realização de entrevistas. Com a análise aos conteúdos destas entrevistas, ficou claro o apreço e importância que este património possui, ainda hoje, para a população e para as entidades do poder local. A consciência de pertença a algo singular e valioso e o desejo de ver este património preservado e tornado em projeto turístico é transversal à população. Existe, deste modo, a predisposição de todos para a concretização do projeto.

Com estas entrevistas, clarificou-se o efetivo e afetivo valor que este legado tem, não só na comunidade local, como na região, assim como a existência do profundo desejo de que algo seja realizado brevemente.

Após tudo o que foi mencionado anteriormente, foram elaboradas sugestões de atividades como pretendido inicialmente. Com base na revisão bibliográfica e no estudo empírico, entendeu-se ser melhor implementar estas atividades a todo o território do couto mineiro do Pejão, todavia, implementando atividades específicas em dois edifícios, o Poço de Germunde e o Cavalete do Fojo, assim como a reabilitação de uma casa de mineiro. Resumidamente, para o Poço de Germunde sugere-se a experiência de “Last Day” e uma exposição permanente da coleção fotográfica realizada pelo fotógrafo Adriano Miranda sobre os mineiros do Pejão, como forma de complementar a experiência dos visitantes da primeira atividade.

Para o cavalete do Fojo, sugere-se a visita a uma recriação da época de funcionamento, com recurso à tecnologia 3D. Esta tecnologia permitiria realizar a visita no edifício original. Sugere-se, ainda, para o mesmo edifício, a atribuição da finalidade de galeria, uma vez que já possui dois exemplares de arte urbana nas suas paredes (grafiti de Santa Bárbara e grafiti de um mineiro), e a possibilidade de receber conferências e eventos. A reconstrução da casa de um mineiro seria também algo atrativo para os visitantes, pois permitiria conceder ao visitante uma perceção real das condições familiares dos mineiros. Optou-se, como indica a bibliografia estudada, por experiências mais interativas (filme 3D), mas também por experiências que promovessem o contato mais imersivo do

visitante, como na experiência de Last Day, pois verificou-se que estas últimas são técnicas muito bem aceites pelos visitantes.

O contacto privilegiado entre visitante e a comunidade local, cria ligações que permitem transmitir sensações e emoções que tornam a experiência do visitante em algo único e memorável, que de outra forma eram impossíveis. Para a comunidade local é um reavivar de boas memórias, um sentimento de utilidade e de pertença a algo maior e para a região pode ser economicamente benéfico.

Por todas estas razões se decidiu efetuar esta dissertação.

8.2 – Limitações, dificuldades e perspetivas de estudo futuras

As limitações sentidas ao longo de toda dissertação foram, essencialmente, a falta de tempo para poder realizar entrevistas a visitantes da região e, deste modo, aferir a receptividade a um projeto turístico de natureza mineira. Também a falta de tempo impossibilitou um estudo mais profundo da história das minas.

O facto de se estar a viver uma pandemia, impossibilitou a visita a outros projetos turísticos onde a temática mineira estivesse presente.

Foram, ainda, sentidas algumas dificuldades, tais como, a escassa bibliografia da temática, principalmente, no que diz respeito ao turismo mineiro, e a escolha de que elementos propor para a dinamização de experiências, uma vez que serão sempre escolhidos uns em detrimento de outros. Por fim, uma grande dificuldade sentida a nível pessoal pelo autora, especialmente tendo em conta a área de qualificação (arqueologia e património), foi a dificuldade de entrar de modo profundo no estudo do turismo, principalmente ao nível de conceitos e práticas, requerendo o dobro da atenção e do trabalho do que para teria sido o caso se tivesse uma especialização anterior na área do turismo.

Para o desenvolvimento de estudos futuros, propõe-se um estudo mais profundo sobre os impactos económicos e sociais do turismo mineiro nas regiões onde é desenvolvido. Propõe-se também uma investigação mais profunda à história das minas do Pejão, com o intuito de comprovar a extrema importância da conservação e interpretação deste legado

mineiro, como forma de respeito quer pelas gerações passadas, construtoras deste legado, quer pelas gerações futuras, herdeiras deste património.

Bibliografia

- Abad, P., & Carlos, J. (2004). La Reutilización del patrimonio industrial como recurso turístico. Aproximación geográfica al turismo industrial. In *Treballs de la Societat Catalana de Geografia* (pp. 7–32).
- ADRMAG. (2020). *Linha D Douro*. <https://rota-ap.pt/linha/douro>
- Ambrose, T., & Paine, C. (2005). *Museum Basics* (Routledge (ed.)).
- Ballantyn, R., Hughes, P., Ding, P., & Liu, P. (2014). Chinese and international visitor perceptions of interpretation at Beijing built heritage sites. *Journal of Sustainable Tourism*, 22, 705–725.
- Bath, B. (2006). The use of new technology in the interpretation of historic landscapes. In A. Hems & M. Blockley (Eds.), *Heritage Interpretation*. Routledge.
- Beeho, A. J., & Pretince, R. C. (1997). Conceptualizing the Experience of Heritage Tourist: A case study of New Lanark Heritage Village. *Tourism Management*, 75–87.
- Bernardi, C., Hansen, A., & Pashkevich, A. (2019). Re-Purposing of industrial heritage: A Swedish Perspective. In *E-CUL-TOURS: Managing Cultural Heritage in Tourism*.
- Binks, G., Dyke, J., & Dagnall, P. (1998). *Visitors welcome: A manual on the presentation and interpretation of Archaeological Excavation, Centre for environmental interpretation*,. Manchester Polytechnic.
- Carbone, F. (2006). *Turismo, Património e Sustentabilidade. Modelo de Gestão para sítios Arqueológicos*. Universidade de Aveiro.
- cardiff caerdydd. (2020). *Welsh Mining Experience, the former Lewis Merthyr Colliery, tells the story of Black Gold and the social and historic impact upon the South Wales Valleys*. <https://www.visitcardiff.com/highlights/welsh-mining-experience/>
- Carvalho, M., Lima, M., Kastenzholz, E., & Sousa, A. (2016). Co-creative Rural Tourism Experiences - Connecting tourists, Community and Local Resources. In E. Kastenzholz; M. J. Carneiro; C. Eusébio; E. Figueiredo (Ed.), *Meeting Challenges for Rural Tourism Through Co- Creation of Sustainable Tourist Experience* (pp. 79–102). Cambridge Scholars Edition.
- Caulton, T. (1998). *Hands-on Exhibitions: Managing Interactive Museums and Science Centres* (Psychology Press (ed.)).

- Cole, S. (2006). Information and empowerment: The keys to achieving sustainable tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 14(6), 629–644. <https://doi.org/10.2167/jost607.0>
- Comité do Património Mundial. (2002). *Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial*. 1–2. http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/declaracaoBudapestesobrepatriomoniomundial2002.pdf%5Cnhttp://www.culturante.pt/fotos/editor2/2002__declaracao_de_budapeste_sobre_o_patrimonio_mundial-unesco.pdf
- Cooper, C., Fletcher, J., Gilbert, D., & Wanhill, A. (1998). *Tourism Principles and Practice* (P. E. Limited (ed.)).
- Costa, S., Costa, L., & Pinto, Y. (2019). Tourism as a cleaner production tool in mining industry. *6th Congress on Environment and Social Responsibility in Mining*.
- Cravidão, Fernanda; Nossa, Paulo; Santos, Noberto; Costa, Crous; Serrallonga, Silvia; Dallari, F. (2018). Tourism at World Heritage Sites - Opportunities and Challenges. In *Tourism management at UNESCO World Heritage Sites* (1st ed., pp. 1–13). UNESCO and UNITWIN.
- Custódio, J. (2004). *Museu do Carvão e das Minas do Pejão - Programa Museológico*.
- De Ascaniis, S., Gravari-Barbas, M., & Cantoni, L. (2018). Tourism Management at UNESCO World Heritage Sites. In *Fun Mooc*. <https://www.funmooc.fr/courses/course-v1:Paris1+16008+session01/about>
- Diário da República. (2001). Decreto de Lei nº198 - A/2001. *Diário Da República*, nº155(2), 2–7. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/365766/details/maximized>
- Durão, M. (2009). *Gestão de visitantes - Uma perspetiva sobre os museus em Portugal*. Universidade de Aveiro.
- Duxbury, N., Kastenholz, E., & Cunha, C. (2019). Co-Producing Cultural Heritage Experience through Creative Tourism. In W. Gronau, R. Bonadai, E. Kastenholz, & A. Pashkevich (Eds.), *E-CUL-TOURS: Enhancing Networks in Heritage Tourism* (Tab edizio, pp. 189–205).
- Eagles, J., Stephen, M., & Christopher, H. (2002). *Sustainable Tourism in Protected Areas: Guidelines for Planing and Management*.
- EDM. (2011). *A Herança das Minas Abandonadas, o enquadramento e a atuação em Portugal*. (Empresa de Desenvolvimento Mineiro (ed.)).
- EDM & DGEG. (2020). *Roteiro de Minas*. <http://www.roteirodeminas.pt/>
- Falu Gruva. (2020). *Falu Gruva*. <https://www.falugruva.se/>
- Feilden, B., & Jokilehto, J. (1998). Management guidelines for World Heritage Sites. *Conserving the Authentic*, 15–18.

- Feilden, B., & Jokilehto, J. (2005). *Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites*.
- Fennell, D. A. (2006). Evolution in tourism: The theory of reciprocal altruism and tourist-host interactions. *Current Issues in Tourism*, 9(2), 105–124. <https://doi.org/10.1080/13683500608668241>
- Ferreira, J. N. (2018, October 21). Galeria Uffizi testa algoritmo para combater filas de espera. *ECO*. <https://eco.sapo.pt/2018/10/21/galeria-uffizi-testa-algoritmo-para-combater-filas-de-espera/>
- Frew, E. (2000). *Industrial Tourism: A conceptual and Empirical Analysis*. Vitoria.
- Frew, Elspeth. (2000). *Industrial Tourism. Industrial Tourism: A conceptual and Empirical Analysis* [Universidade de Vitória]. http://vuir.vu.edu.au/343/1/FREW_Elspeth-thesis_nosignature.pdf
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2020). *Base de Dados Portugal Contemporâneo*. Municípios. <https://www.pordata.pt/Municipios>
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2021). *PORDATA*. <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Castelo+de+Paiva-252421>
- Garrod, B. (2008). Managing Visitor Impacts. In A. Fyall, B. Garrod, Leask, & A. Wanhill (Eds.), *Managing Visitor Attractions - new directions* (pp. 165–180). Elsevier Butterworth-Heinemann.
- Garrod, B., & Fyall, A. (2000). Managing heritage tourism. *Annals of Tourism Research*, 682–708.
- Garrod, B., Fyall, A., Leask, & Wanhill, A. (2008). Managing Visitor Impacts. In *Managing Visitor Attractions - new directions* (pp. 165–180). Elsevier Butterworth-Heinemann.
- Gê Azevedo. (2017). *mineiros na estrada*. Visita à Mina Du Veloso, Em Ouro Preto: Uma Aula de História Com o Guia Dudu. <http://www.mineirosnaestrada.com.br/mina-du-veloso-ouro-preto/>
- Grant M. (1994). Visitor Managements. *Insights*, A-41-A46.
- Gursoy, D., & Rutherford, D. (2004). Host attitudes toward tourism: An Improved Structural Model. *Annals of Tourism Research*, 495–516.
- Hall, C. M., & McArthur, S. (1998). *Integrated Heritage Management: Principles and Practice*. (The Stationery Office (ed.)).
- Hammit, W. E., & Cole, D. N. (1987). *Wildland recreation: ecology and management*. New York : Wiley.
- Hanai, F., & Espíndola, L. (2011). Programa de Sensibilização Sustentável do Turismo:

uma proposta para envolvimento e participação de comunidades locais. *Revista Turismo En Análise*, 4–23.

Hibbert, C. (1987). *The Grand Tour*. Thames Methuen.

ICOMOS. (1999). *International Cultural Tourism Charter – Managing Tourism at Places of Heritage Significance*. https://www.icomos.org/charters/tourism_e.pdf

Jelen, J. (2018). Mining Heritage and Mining Tourism. *Czech Journal of Tourism*, 7(1), 93–105. <https://doi.org/10.1515/cjot-2018-0005>

Julião, L. (2013). *cidade, cultura e património o impacto turístico em guimarães, capital europeia da cultura 2012*. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Kastenholz, E. (2004). “Management of demand” as a tool in sustainable tourist destination development. *Journal of Sustainable Tourism*, 12.

Kastenholz, E., Carneiro, M., & Carvalho, M. (2019). Co-creating appealing, distinctive and memorable Cultural Heritage Experiences. In *E-CUL-TOURS: Enhancing Networks in Heritage Tourism* (pp. 171–187).

Kastenholz, E., Lima, J., & Sousa, A. (2012). *A metodologia qualitativa no estudo da experiência turística em contexto rural: o caso do Projeto ORTE (1/2012)*.

Kastenholz, Elisabeth, Carneiro, M. J., & Carvalho, M. (2019). Co-creating appealing, distinctive and memorable Cultural Heritage Experiences. In W. Gronau, R. Bonadai, E. Kastenholz, & A. Pashkevich (Eds.), *E-CUL-TOURS: Enhancing Networks in Heritage Tourism* (pp. 171–187).

Kastenholz, Elisabeth, Carneiro, M. J., Marques, C. P., & Loureiro, S. M. C. (2018). The dimensions of rural tourism experience: impacts on arousal, memory, and satisfaction. *Journal of Travel and Tourism Marketing*, 35(2), 189–201. <https://doi.org/10.1080/10548408.2017.1350617>

Kohler, A. (2019, July). Turismo Cultural: Principais tipos segundo a motivação dos turistas. *Revista Atelier Do Turismo*, 8–30.

kopalnia. (2020). *The “Wieliczka” Salt Mine*. <https://www.wieliczka-saltmine.com/>

Kuo, L. (2002). The effectiveness of environmental interpretation at resource-sensitive tourism destinations. *International Journal of Tourism Research*, 87–101.

Machado, P. (2016a). *Complexo Mineiro de Trêsminas/Jales*.

Machado, P. (2016b). Valorização turística do território mineiro romano de Tresminas. *2º Congresso Mineração Romana e Espeleologia*, 1–5.

Marujo, N. (2015). O Estudo Académico Do Turismo Cultural. *TuryDes - Revista Turismo y Desarrollo Local*, 8(18), 1–19.

- McGregor, G. (1999). Editorial. *International Journal of Climatology*, 40(14).
- Mendes, J. M. A. (1991). A arqueologia industrial: uma nova vertente da conservação do património cultural. *Revista Portuguesa de História*, 26, 111–124. https://doi.org/10.14195/0870-4147_26_4
- Milos Museum. (2020). *No Title*. Milos Minins Museum. <https://www.milosminingmuseum.com/en/contact-information/>
- Miranda, J. (1998). *Guia Prática para la interpretation del Patrimonio* (Junta de Andalucía (ed.)).
- Moscardo, G., & Ballantyne, R. (2014). Interpretation and Attractions. In *Journal of Sustainable Tourism* (Vol. 22, Issue 8, pp. 238–258). <https://doi.org/10.1080/09669582.2014.918134>
- Município de Castelo de Paiva. (2020a). *O Município*. <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/municipio>
- Município de Castelo de Paiva. (2020b). *Trilho do Mineiro*. <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/trilho-n-2-trilho-do-mineiro>
- Município Vila Pouca de Aguiar. (2020a). *No Title*. <https://cm-vpaguiar.pt/>
- Município Vila Pouca de Aguiar. (2020b). *Serviços de Informação Geográfica do Município de Vila Pouca de Aguiar*.
- Mustafa, M., & Sultan, T. (2011). The Impacts of Tourism Development on the Archaeological Site of Petra and Local Communities in Surrounding Villages. *Asian Social Science*, 7(8), 88–96.
- National Coal Mining Museum for England Trust Ltd. (2020). *National Coal Mine Museum*. <https://www.ncm.org.uk/#>
- Otgaard, A. (2010). *Industrial Tourism: Where the Public meets the Private*. Rotterdam.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação* (Areal (ed.)).
- Pashkevich, A. (2017). Processes of Reinterpretation of Mining Heritage: the Case of Bergslagen, Sweden. *Almatourism*, 8(7), 107–123. <https://almatourism.unibo.it/article/view/6758>
- QREN. (2019). A avaliação do desenvolvimento socioeconómico. In *Manual Técnico II: Métodos e Técnicas - a recolha de dados - estudos de caso*. www.observatorio.pt
- Richards, G. (2018a). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36(October), 12–21. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>
- Richards, G. (2018b). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal*

- of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12–21.
<https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>
- Richards, G. (2018c). Cultural Tourists: Profiles, Motivations and Activities. *Third Cultural Heritage Seminar: Confluences*.
- Richards, G., & Crispin Raymond. (2000). *Creative Tourism* (No. 23).
- Robertshaw, F. (2006). Live Interpretation. In A. Hems & M. Blockley (Eds.), *Heritage Interpretation*. Routledge.
- Rocha, I. (1997). *O carvão numa economia nacional - o caso das minas do Pejão*. Universidade do Porto.
- Rózycki, P., & Dryglas, D. (2017). Mining tourism, sacral and other forms of tourism practiced in antique mines - Analysis of the results. In *Acta montanistica Slovaca* (22nd ed., pp. 58–66).
- Sacks, J. (2018). *A day trip from Ostrava to Opava, Czech Republic*. Everybody Hates a Tourist. <https://everybodyhatesatourist.net/travel-guides/europe/czech-republic/ostrava/>
- Sharma, B., & Dyer, P. (2012). A longitudinal study of the residents' perceptions of tourism impacts using data from the sunshine coast Australia. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 10(2), 37–46.
<https://doi.org/10.25145/j.pasos.2012.10.025>
- Soares, A. (2016). *A sedimentação como processo interpretativo das mutações da paisagem do Couto Mineiro do Pejão*. Universidade do Minho.
- Sovereign Hill. (2020). *No Title*. <https://sovereignhill.com.au/>
- Spradley, J. (1980). *Participant Observatio*. Macalester College.
- Teixeira, A. L. (2015). *Viagens e Rotas*. O Que Fazer Em 3 Dias Em Ouro Preto (Minas Gerais). <http://www.viagenserotas.com.br/2015/07/o-que-visitar-em-ouro-preto-mg/>
- Tilden, F. (1977). *Interpreting our heritage*. University North Caroline Press.
- Timothy, D. (2011). *Cultural Heritage and Tourism: An Introduction*. Channel View.
- UNESCO. (2003). *No Title*. Convenção Para a Salvaguarda Do Património Cultural e Imaterial. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>
- UNESCO. (n.d.). <https://whc.unesco.org/>. Retrieved October 17, 2020, from <https://whc.unesco.org/en/list/1027/>
- UNESCO. (2020a). *Mining Area of the Great Copper Mountain in Falun*. <https://whc.unesco.org/en/list/1027/>

- UNESCO. (2020b). *World Heritage List*.
<http://whc.unesco.org/en/list/?search=&order=country>
- UNESCO World Heritage Committee. (2003). *Convenção Para a Salvaguarda Do. Convenção Para a Slvaguarda Do Patrimonio Cutural Imaterial*, 17.
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>
- UNET, & UNWTO. (2005). *Making Tourism More Sustainable - A Guide for Policy Makers (English version)*. *Making Tourism More Sustainable - A Guide for Policy Makers (English Version)*. <https://doi.org/10.18111/9789284408214>
- UNWTO. (2018). *Report on Tourism and Culture Synergies*.
- UNWTO. (2020). *Tourism – an economic and social phenomenon*.
<https://www.unwto.org/why-tourism>
- Visit Dalarna. (2020). *Welcome to Dalarna*. <https://www.visitdalarna.se/en/iceskating>
- Visit Wales. (2020). *Welsh Mining Experience - Rhondda Heritage Park*.
<https://www.visitwales.com/attraction/historic-site/welsh-mining-experience-rhondda-heritage-park-1156710>

Apêndices

Apêndice 1 - Entrevista traduzida à gestora de Falu Gruva

Tradução do guião da entrevista

Notepad 1- Partnership design and formation

- 1) Which indicators led to the possibility of conducting a tourism project linked to the mines?
- 2) How was justified the feasibility of the project execution?
- 3) What **state of conservation** was the mining legacy in before the project started?
- 4) How was the **security** of the mining complex guaranteed to receive visitors?
- 5) What is the typology of the entity managing tourist attraction?
- 6) Which **partners were invited** to conduct the project?
 - a. Why?
 - b. What was the partners' role in the project?
- 7) How was the project **financed**?
- 8) What were the **environmental and heritage conservation interventions** conducted in the project?
- 9) What are the main **difficulties felt to conduct the project**?
 - a. What are the reasons?

Notepad 2- Planning, management, and operation

- 10) Was there an understanding on the part of the partners and the attraction management organs for the choice of what would be dynamized and what would not be? If the answer is yes, how were these decisions made?
 - a. How was determined the **number of technicians** that would be needed to implement the project?
 - b. How many technicians are assigned to the tourist attraction?
 - c. What areas are technicians assigned to?
- 11) The attraction has a **marketing plan**?
 - a. Who is the **target**?
 - b. What strategies were adopted to attract different **target audiences**?
 - c. In what way **are positioned** so that this attraction is distinguished from similar attractions

- d. What is the **image** of this attraction that you intend to create in the market?
- 12) **Market studies** are made, there are any attention to the trends of the public of this type of cultural attractions?
- a. If the answer is yes, what are the **interpretation strategies** chosen to meet market research?

13) Is the attraction part of a tourist route or project?

Notepad 3- Interpretation technics and community involvement

- 14) Have you implemented techniques aimed at one or more target audiences?
- 15) Do you take guided tours?
- a. Who plays the role of guide?
- b. At what times do you have visits?
- c. Is there a maximum or minimum number of people per visit? Why?
- d. In what languages?
- 16) Are there interpretive panels at the attraction? With what kind information?
- 17) Is there a visitor center? With what information and equipment?
- 18) Do you have **special events** such as re-creating historical events or others (e.g. parties, events on commemorative days)? Addressed to whom? What do you do these days?
- 19) What other interpretation techniques for presenting and providing information about mines, do they use?

Give examples as:

- Printed information (e.g. leaflets, brochures);
- Seminars or workshops;
- Techniques using technologies (e.g. virtual reality, augmented reality, mobile applications, computer terminals, audio guides, films);
- Multisensory experiences;
- Demonstrations of tasks/ activities made by the staff;
- Encourage the active participation of visitors in activities related to mines.

Then ask them to briefly describe the techniques they implement to understand how they are implemented.

- 20) How were the choices of interpretation techniques to be used in the attraction made?
- How did you participate in the design of the project?
 - How do you actively participate in the project?
 - What is the community's feedback about the attraction?
 - What is the feedback on the participation of the local community in this project?
- 21) How were the choices of interpretation techniques to be used in the attraction made? Regarding your personal experience, what do you have to say about:
- How did you participate in the design of the project?
 - How do you actively participate in the project?
 - What is the community's feedback about the attraction?
 - What is the feedback on the participation of the local community in this project?
- 22) Do they promote moments of interaction between visitors and the community?
- 23) Is there a **souvenir shop** related to the attraction? With what kind of products?

Bloco 1 - Projeto e constituição de parcerias

1) Quais os indicadores que levaram à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às minas?

Em Falun essa questão não se coloca uma vez que a transformação da mina em projeto turístico foi acontecendo de forma natural pois já se realizavam visitas à mina no século XVII, quando ainda nem se punha a questão de ser turístico ou não. No início do século XX a empresa que era concessionária da mina foi colecionando e guardando objetos que pertenciam à história da mina, esta preocupação com a história e com a história da tecnologia foi sempre uma preocupação da empresa detentora da mina. A partir dos anos 60 do século passado houve a preocupação na construção de um museu ligado à mina e em 1992 aquando do fecho das minas iniciou-se logo a candidatura a Património Mundial.

2) Como justificou a viabilidade da execução do projeto?

Esta questão não se coloca uma vez que o projeto estava em andamento.

- 3) Em que **estado de conservação** se encontrava o legado mineiro antes de iniciar o projeto)

A mina estava em bom estado de conservação

- 4) De que forma foi assegurada a **segurança** do complexo mineiro de forma a receber visitantes?

Como as visitas ao interior da mina foram sempre regulares a inspeção também o era e assim foram-na mantendo segura.

- 5) Qual a tipologia da entidade que gere a atração turística?

A entidade que gere a mina é uma Fundação privada.

- 6) Quais os **parceiros convidados** para a realização do projeto?

c) Porquê?

d) Qual a função/ envolvimento dos parceiros no projeto?

A gestão diária do complexo e a candidatura a Património Mundial foram efetuados pela fundação que gere a mina. Houve um apoio do Município local para a reabilitação dos edifícios ligados pertencentes à mina, pode-se dizer que é esta a parceria mais significativa.

- 7) De que forma o projeto foi **financiado**?

O financiamento é todo através dos fundos privados da fundação, resulta das receitas que esta consegue através da bilheteira e também do arrendamento das casas que pertencem à fundação, estas casas estão dentro da área da mina,

- 8) Quais foram as **intervenções ambientais e de conservação patrimonial** realizadas no projeto?

As intervenções a nível patrimonial foram essencialmente o restauro e reabilitação de edifícios ligados à extração do cobre, assim como das casas que pertenciam aos mineiros.

- 9) Quais as principais **dificuldades sentidas para a realização do projeto**?

As principais dificuldades são económicas.

i. Quais as razões?

As razões destas dificuldades estão relacionadas com o facto de ser tudo gerido pela fundação e pelas receitas que esta consegue, e com esta receita tem que manter a mina segura e também pagar toda a gestão e funcionamento do complexo.

Bloco 2 - Planeamento, gestão e funcionamento

10) Houve um entendimento por parte dos parceiros e dos órgãos de gestão da atração para a escolha do que seria dinamizado e do que não seria? Se sim, como foram tomadas estas decisões?

Esta questão não se coloca, pois, todas estas decisões foram tomadas pela fundação.

a. Como determinaram o **número de técnicos** que seriam necessários para a implementação do projeto?

Existem 10 técnicos afetos ao complexo durante todo o ano, no Verão contratamos funcionários locais que por vezes chegam aos 40.

b. Quantos técnicos estão afetos à atração turística?

c. A que áreas os técnicos estão afetos?

Os funcionários que trabalham aqui são essencialmente da área do património e também temos um funcionário ligado ao marketing.

11) A atração possui **plano de marketing**?

sim

a. Quais são os **públicos-alvo**?

Trabalhamos essencialmente para o público familiar, o nosso grande público-alvo é a família.

b. **Que estratégias adotam para atrair** os diversos públicos-alvo?

A estratégia que pretendemos passar é de que aqui podem se divertir, é uma estratégia de aventura dentro da história da Suécia.

c. De que forma se **posicionam** para que esta atração se distinga de atrações semelhantes.

d. Qual a **imagem** desta atração que pretendem criar no mercado?

A imagem que pretendemos passar é a de que as minas de Falun são singulares na história da Suécia.

12) São realizados **estudos de mercado**, há alguma atenção às tendências dos públicos deste tipo de atrações culturais?

Sim, contratamos empresas que fazem esses estudos assim como temos uma pessoa na nossa equipa que se dedica a essa função.

a) Se sim, quais as **estratégias de interpretação** escolhidas para irem de encontro aos estudos de mercado?

As estratégias vão de encontro ao que os estudos de mercado nos indicam.

13) A atração insere-se em alguma rota ou projeto turístico?

Sim, faz parte da lista de Património Mundial e também é um dos pontos da Rota Cultural de Dalarna.

Bloco 3 - Técnicas de interpretação e envolvimento da comunidade

14) Implementaram as técnicas direcionadas a um ou vários públicos-alvo?

Sim, mais direcionadas ao público infantil para atingir o target família.

15) Fazem visitas guiadas?

Sim

a) Quem desempenha o papel de guia?

Os técnicos afetos ao complexo e no Verão os técnicos locais contratados.

b) Em que horários têm visitas?

No Inverno existe apenas uma visita guiada por dia, no Verão existem visitas de 50 em 50 minutos, desde a abertura às 10h até ao encerramento às 16h.

c) Há um número máximo ou mínimo de pessoas por visita? Porquê?

O número máximo é de 30 visitantes não existe número mínimo.

d) Em que línguas?

As visitas são feitas em sueco e inglês, também se possa conseguir fazer visitas em outras línguas faladas pelos colaboradores que estão a trabalhar no momento, por exemplo em alemão, francês e espanhol.

- e) Que conteúdos privilegiam e porquê? Como é que os guias se relacionam com os públicos? Recebem formação para esse fim?

Os conteúdos que privilegiamos são os históricos.

- 16) Existem painéis interpretativos na atração? Com que tipo de informação?

Sim, temos vários painéis ao longo da área da mina.

- 17) Existe centro de visitantes? Com que informação e equipamento?

Temos um museu com bastantes experiências interativas que foram feitas propositadamente para provocar sensações e emoções, temos muitos equipamentos multissensoriais direcionados mais para crianças.

- 18) Realizam **eventos especiais** tais como recriação de eventos históricos ou outros eventos (ex. festas, eventos em dias comemorativos)? Dirigidas a quem? O que fazem nesses dias?

Sim, temos uma celebração em dezembro dirigida a toda a comunidade local.

- 19) Que outras técnicas de interpretação, ou seja, técnicas para apresentar e fornecer informação sobre as minas utilizam?

Dar como exemplos:

- Informação impressa (ex. folhetos, brochuras);
- Seminários ou *workshops*;
- Técnicas utilizando tecnologias (ex. realidade virtual, realidade aumentada, aplicações móveis, terminais de computador, audioguias, filmes);
- Experiências multisensoriais;
- Demonstrações de tarefas/atividades feitas pelo *staff*;

- Fomentar a participação ativa dos visitantes em atividades relacionadas com as minas.

Depois pedir que descrevam resumidamente as técnicas que implementam para perceber como elas são implementadas.

21) De que forma foram feitas as escolhas das técnicas de interpretação a usar na atração.

- a) De que forma participou na conceção do projeto?
- b) De que forma participa ativamente no projeto?

Participo neste projeto como gestora de toda a atração.

- a) Qual o *feedback* da comunidade sobre a atração?
- b) Qual o *feedback* da participação da comunidade local neste projeto?

O feedback é positivo em relação às vistas à mina e também em relação ao museu

20) Promovem momentos de interação entre os visitantes e a comunidade?

Sim. O evento que falei anteriormente, que realizamos em dezembro é feito em colaboração com a comunidade local. Os locais não têm por hábito envolverem-se com as atividades da fundação usam apenas a mina para passear como território que lhes pertencem.

23) Existe uma **loja de recordações** relativas à atração? Com que tipo de produtos?

Existe uma loja junto ao museu onde vendemos produtos locais e também produtos da região de Dalarna. Temos peças em cobre, artesanato entre outros produtos relacionados com a região

Apêndice 2 - Entrevista gestora de Trêsminas

Bloco 1 - Projeto e constituição de parcerias

- 1) Quais os indicadores que levaram à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às minas?

Bem, no nosso caso por um lado, a necessidade de pegar num marco distinto, portanto acaba por funcionar um bocadinho... as minas resultam, se calhar, pela ausência de outro tipo de segmentos de património mais notórios. Acabou por ser uma feliz oportunidade de termos minas e não termos no território grandes monumentos ou outro tipo de elementos patrimoniais, porque o município de Vila Pouca de Aguiar tinha definido como alicerces, em termos sobretudo de turismo, a natureza, por um lado e a história por outro, e dentro dos elementos históricos TrêsMinas é aquele mais distinto e também aquele que já era conhecido e estudado internacionalmente há mais tempo, sempre por iniciativa externa, nunca iniciativa interna.

- 2) Como justificou a viabilidade da execução do projeto?

Aí já é um bocadinho o discurso inverso. Não existia na região na época nenhum tipo de elemento patrimonial concorrente. Aí vencia a originalidade do local, dentro do que era o panorama da região. Por outro lado, o grau de preservação da própria área mineira dava algumas garantias de que era viável torná-lo visitável. Portanto, acolher grupos, não em todos os locais, mas definir um percurso que fosse representativo do complexo com segurança, e depois o que se veria a verificar mais tarde, o alicerce natureza que a camara municipal tinha, acabava por também poder ser respondido pelo mesmo projeto, portanto aliaram-se esforços nos sentido de compor o discurso com a geologia, com o recurso geológico inerente ao território, a história que ele contém e atualmente a parte paisagística, acabou por ser vários inputs de outras áreas que também não tinham nenhum tipo de valência na região, no concelho de Vila Pouca muito que fosse alternativo e que acabou por se congregarem alguns esforços por quem estava a trabalhar noutras áreas não estava a encontrar correspondência noutros sítios,

- 3) Em que **estado de conservação** se encontrava o legado mineiro antes de iniciar o projeto?

As minas estavam com bom estado de conservação

- 4) De que forma foi assegurada a **segurança** do complexo mineiro de forma a receber visitantes?

Isso foi feito em várias fases, a primeira fase foi, antes da identificação de todos os locais, em 2005 fecharam-se todas as entradas de galerias e poços, tudo o que fossem aberturas que pudessem decorrer em perigo para o visitante foram tapados com grelhas metálicas, de seguida foram definidos os percursos um bocadinho para condicionar a circulação de pessoas em áreas controladas e relativamente seguras, até mais para desviar das zonas que n foram consideradas como ou muito interessantes ou seguras e agora mais recentemente o que se tem feito é dentro desta logica trabalhar a geotecnia, fazer os estudos geotécnico das galerias subterrâneas, e ir melhorando os acessos no exterior sem desvirtuar o aspeto daquela zona mas sempre com intenção que as pessoas percebam que estão numa floresta, num âmbito de montanha, há locais que lhes merecem particular atenção e cuidado e que estão definidos, ou pelos miradouros, portanto por barreiras físicas, ou por galerias e poços que estão marcados também pelas próprias portas ou grelhas metálicas.

- 5) Qual a tipologia da entidade que gere a atração turística?

É a Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar.

- 6) Quais os **parceiros convidados** para a realização do projeto?

Sim, em termos de gestão, em boa verdade, deveria ser a Direção Regional de Cultura do Norte, porque o elemento estava classificado desde 1997 como imóvel de interesse publico, e acabe que, a primeira parceria que é aquela que é quase obrigatória, entre a direção regional de cultura do Norte e a Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar, a quem é encarregue a gestão, mais recentemente, desde 2015 e com a abertura do Centro Interpretativo de Três Minas, entra uma outra entidade na gestão, que é a Aouro, a Aouro era um associação de desenvolvimento local que já existia, e que acaba por trazer para este projeto, os técnicos no local, e a gestão coordenada entre o centro interpretativo e a própria área mineira

- a. Porquê?

b. Qual a função/ envolvimento dos parceiros no projeto?

A associação tem como função a gestão diária, ainda que o gestor, em teoria, seja sempre a Câmara Municipal porque é património publico.

7) De que forma o projeto foi **financiado**?

Ora bem, ao longo dos primeiros, salvo erro, 10 anos, sobretudo com fundos comunitários de programas leader, feder, portanto, candidaturas a fundos comunitários sempre no sentido de melhorar a área exterior, portanto, parques de estacionamento, as próprias galerias, em 2015 a junção de várias candidaturas permitiu a recuperação do centro interpretativo e só mais recentemente é que entra em termos de financiamento, promotor também de alguns projetos a Iberdrola na sequencia de contra partidas na barragem Do Alto Tâmega, da cascata do Alto Tâmega,

8) Quais foram as **intervenções ambientais e de conservação patrimonial** realizadas no projeto?

Atendendo à natureza do projeto sim, foi sempre necessária, até porque o principal condicionalismo que a direção regional de cultura impunha era qualquer alteração que se fizesse não alterasse de sobremaneira o aspeto físico de uma zona que nunca tinha sido trabalhada em termos contemporâneos, não havendo elemento ali à volta para além das minas cumpria que tudo o que se colocasse em termos de projeto, de valorização, que não ciasse contraste com o próprio aspeto das minas porque é um monumento negativo.

9) Quais as principais **dificuldades sentidas para a realização do projeto**?

A falta de uma categoria especifica para minas abandonadas e essa ainda é uma dificuldade que subsiste hoje, isto porque o objeto é muito eclético, o próprio sitio é muito eclético, alia sitio arqueológico tradicional, monumento ao ar livre e depois tudo o que é subterrâneo, e é difícil conseguir chegar a uma equipa a um gabinete governamental onde se consiga resolver todas as questões que aqui estão presentes, e essa é a principal dificuldade, portanto ainda hoje há essa dificuldade, é uma mina, não deixa de ser uma mina mas a direção regional de cultura no Norte não supervisiona minas. No caso do Pejão deduzo que seja mais fácil, pois há toda uma história ligada à mina, mas no nosso caso não, aqueles tuneis não foram desenhados tendo em vista um determinado objetivo e cartografados. Portanto, o que nós temos é um trabalho feito há séculos.

a) Quais as razões?

Bloco 2 - Planeamento, gestão e funcionamento

10) Houve um entendimento por parte dos parceiros e dos órgãos de gestão da atração para a escolha do que seria dinamizado e do que não seria? Se sim, como foram tomadas estas decisões?

Houve um entendimento, e para este entendimento contribuíram sobretudo as parcerias que se constituíram de fora ou seja, o *know-how* foi procurar noutros projetos, quer a nível internacional, por acaso foi coincidente no mesmo ano estabelecer-se uma parceria a nível internacional para procurar a categoria de museu ao ar livre e em simultâneo em Portugal, a adesão ou neste caso a constituição do roteiro de minas e pontos de interesse geológicos de Portugal e de facto aí, a partilha com outros locais e também um bocadinho a análise que se fez do tipo de gestão que se estava a fazer noutros locais e se estava a funcionar ou não, também nos permitiu rapidamente com os atores locais, portanto desde a Direção regional de Cultura como responsável, a Camara municipal como encarregada pela gestão e bastante mais tarde a Aouro a operacionalizar, o entendimento foi relativamente simples sobretudo porque já se tinha feito este retrato de fora e basicamente se escolheu um modelo de gestão vertical mais condizente com um território onde já é tão complicado fazer determinados trabalhos, que se tínhamos um organigrama muito complicado, ou até horizontal, acabávamos por ter vários entraves depois na realização das atividades.

a. Como determinaram o **número de técnicos** que seriam necessários para a implementação do projeto?

Muito sinceramente pelo dinheiro que havia disponível para pagar aos técnicos.

b. Quantos técnicos estão afetos à atração turística?

Estão neste momento três pessoas a tempo inteiro

c. A que áreas os técnicos estão afetos?

Há uma pessoa que só faz atendimento que é da área administrativa, há um técnico guia de geologia e minas creditado pelo próprio roteiro de minas e pela UTAD e há um arqueólogo.

11) A atração possui **plano de marketing**?

Ainda não, tem umas linhas orientadoras de comunicação internas sobretudo, mas um plano estruturado de marketing não tem porque ainda estão em curso vários projetos que nos permitirão definir melhor qual é o público alvo do projeto, até porque nós estamos a todo o momento a realizar visitas e a concretizar projetos de melhoria no local.

a. Quais são **os públicos-alvo**?

Nós neste momento já trabalhamos para alguns públicos, e o objetivo dos projetos é ampliarmos estes públicos, neste momento o nosso público são sobretudo três tipos de visitantes, por um lado, a família, o contexto familiar e aí a componente natural é fundamental, até mais que o enquadramento histórico, muito no âmbito das atividades de aventura e no contacto com a natureza, depois há um grupo mais especializado, adulto, e aí é a componente histórica ou geológica, portanto a componente técnica é de facto aquilo que atrai este grupo, e depois há em última instância, e aquele que demorou mais a definir, agora já temos estabilizados que são os grupos escolares, elaboramos um plano no âmbito do roteiro de minas, portanto elaboramos um plano de serviço educativos tendo em conta os currículos escolares ao longo dos anos, e a comunicação que fazemos às escolas já direcionada para, por exemplo: História 7º ano, 10º ano geologia, 12º ano geografia, este repto lançado de fora, nós já fizemos e essa parte nós já conseguimos comunicar melhor dentro deste grupo de trabalho, os outros dois grupos vêm pelas comunicações que vamos fazendo, nós os investigadores que trabalham no local, ou puro e simplesmente por curiosidade ou através de reportagens televisivas que vamos tentando promover e basicamente não sendo um plano estruturado de marketing, já temos três linhas de comunicação que têm tido um retorno imediato.

b. **Que estratégias adotam para atrair** os diversos públicos-alvo?

A principal é que o centro interpretativo está aberto sete dias por semana, funciona como uma estrutura de índole privada, a estrutura operacional é privada, isto significa que qualquer pessoa em qualquer altura do ano, e em qualquer dia da semana pode agendar

uma visita, essa é a principal diferença, a total disponibilidade para executar este projeto, diferencia muito da maior parte dos parceiros que têm este tipo de projetos, porque normalmente estes projetos estão alocados a municípios e os técnicos têm que se desdobrar em outras funções, neste caso a grande diferença é o tempo dedicado por uma equipa a um determinado local,

- c. De que forma se **posicionam** para que esta atração se distinga de atrações semelhantes.

Sobretudo a autenticidade, é uma mina exclusivamente romana por um lado, por outro lado, ainda que não esteja desviado desta linha, uma mina autentica e conservada mas ao ponto de ser segura, aqui a ideia autenticidade e segurança é de facto a imagem que pretendemos passar e é nessa imagem que todos os eixos de atuação estão a ser direcionados, por um lado a segurança, os projetos estão a ser mais ocultos, aqueles que a partida as pessoas não se vão apercebendo que vão decorrendo, por outro lado a autenticidade, através sobretudo das publicações científicas, porque o local ainda está a ser alvo de estudo, porque há zonas que tão pouco foram estudadas, não foram trabalhadas em termos científicos.

- d. Qual a **imagem** desta atração que pretendem criar no mercado?

(está mencionado na resposta anterior)

- 12) São realizados **estudos de mercado**, há alguma atenção às tendências dos públicos deste tipo de atrações culturais?

Nós não, acabamos por ir recendo sempre dados, quer a nível municipal, quer a nível intermunicipal, em termos turísticos, quer do concelho de Vila Pouca, quer da comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega, e vamos nos posicionando um bocadinho em função disso, não contratamos estudos de mercado, de facto aqueles que vamos recebendo são os que as próprias entidades locais já vão promovendo.

- b) Se sim, quais as **estratégias de interpretação** escolhidas para irem de encontro aos estudos de mercado?

Até à data não fizemos, o que acontece é que em termos de visitas escolares tivemos que fazer um percurso completamente autónomo, fora mercados de trabalho, em relação a famílias, esses já era o foco de praticamente toda a região e portanto e aqui entramos um bocadinho na lógica da variedade da oferta dentro da região, não estamos desfasados e em termos científicos, tem muito a ver com aquilo que se vai produzindo em relação ao local.

13) A atração insere-se em alguma rota ou projeto turístico?

Três. A nível nacional no Roteiro de minas e pontos de interesse geológico e mineiro, em termos internacionais numa ligação direta a Três Minas – Las Medulas, é um projeto M3M, e no caso internacional ainda, faz parte da esarc, rede europeia de museus ao ar livre que também tem uma plataforma própria e as pessoas também conseguem perfeitamente definir uma viagem entre sítios com estas características.

Bloco 3 - Técnicas de interpretação e envolvimento da comunidade

14) Implementaram as técnicas direcionadas a um ou vários públicos-alvo?

A vários.

15) Fazem visitas guiadas?

Sim

a) Quem desempenha o papel de guia?

Os técnicos mencionados anteriormente, o seja no caso de visitas de geologia pela técnica de geologia e minas, e no caso de arqueologia, pela arqueóloga.

b) Em que horários têm visitas?

De uma maneira geral o horário é definido em articulação com o grupo, há sempre essa permeabilidade, habitualmente o centro interpretativo que é o único que tem horário rígido de abertura ao público, está aberto de segunda a domingo das 10h às 18h, no verão, de meados de julho a meados de setembro, isto quer dizer que as visitas à mina decorrem desde as 9h da manhã e a partir das 5 da tarde, porque o horário da visita é dilatado

relativamente ao horário de abertura ao público do centro interpretativo. É a única altura em que não coincidem, as visitas à mina funcionam um bocadinho no regime espanhol, nós não trabalhamos durante o início da tarde, atendendo às características do local, mas o centro interpretativo continua aberto neste período, o horário sobrepõe-se quase sempre, à exceção do horário do Verão, em que o horário de visita à mina inicia uma hora mais cedo e termina uma hora mais tarde.

c) Há um número máximo ou mínimo de pessoas por visita? Porquê?

O número mínimo é uma pessoa e o número máximo, embora não havendo, a visita à galeria subterrânea está limitada a 20 pessoas, embora este número resulta sobretudo do aconselhamento que solicitamos de outros parceiros, de engenheiros geotécnicos sobretudo no sentido de haver algum conforto no subterrâneo, ainda que eles sejam ventilados, tem a ver com isso e não com limitação de material, tem a ver com a consulta que fizemos a várias entidades, inclusive com minas em funcionamento, como acontece com os colegas alentejanos, que nos dizem que tipos de sensações como alguma ansiedade podem ser disputadas no interior da galeria, no túnel, assim chegamos ao número 20, mas o ideal seria 10 que é o que estamos neste momento a fazer com o covid.

d) Em que línguas?

A visita guiada é feita em Português, Espanhol e Inglês. No que diz respeito ao francês, não se pode dizer que seja visita guiada são informações facultadas em francês, não é uma visita guiada fluente com duração de 2 horas como acontece com as outras línguas. Há aqui dois patamares, uma é visita guiada de início ao fim em línguas maternas, português e espanhol, porque temos essa facilidade, depois temos em inglês, sobretudo porque temos muito público da zona central europeia, sobretudo por causa das publicações que são lá editadas e depois em francês, que não é um público que recebamos muito mas que já nos leva a ter um conjunto de informações que é dada em francês e permite à pessoa perceber o que se está a comunicar, mas visitas guiadas em francês não.

e) Que conteúdos privilegiam e porquê? Como é que os guias se relacionam com os públicos? Recebem formação para esse fim?

Houve formação, sobretudo no caso da pessoa que está creditada pelo roteiro de minas, nós temos um guia que até acaba que depois internamente facultar essa informação, nós

temos um guia oficial de geologia e minas, que eram as áreas mais abstrata p a maior parte do publico, aí tem a ver com a parte académica para simplificar o discurso ainda que a maior parte das pessoas exige mais no enquadramento paisagístico e aí focamo-nos mais na paisagem, na transformação da paisagem ao longo do tempo e também na componente histórica, mais com o ouro, os conteúdos basicamente é, mineração de ouro e a componente paisagística que é transversal a praticamente todos, quer académicos quer famílias.

16) Existem painéis interpretativos na atração? Com que tipo de informação?

Sim. Oito painéis interpretativos, basicamente com a leitura da paisagem daquele local, seja nos miradouros em pontos de visibilidade sobre algum aspeto do território, ou à entrada das galerias, e estão em português e inglês porque a ideia é que nos serviam de alternativa ao uma visita guiada, porque o sítio é de acesso publico e pode ser visitado por pessoas em autonomia.

17) Existe centro de visitantes? Com que informação e equipamento?

Sim. Todo o conteúdo que se expõe mais é sobre TrêsMinas, mais virado para as técnicas e materiais no local, porque no local é mais difícil explicar como se processa por exemplo, retirar a rocha até obter o ouro, portanto a parte mecânica é um fator que costuma interessar bastante aos visitantes, teve que ser colocado no centro interpretativo, nós não temos moinhos no local, colocamos no centro interpretativo. Tem também alguma informação à cerca da história, a componente social, detetamos desde o principio o que eram um fator de interesse para as pessoas, de modo a aproximar da realidade das pessoas que faziam aquele trabalho, e uma sala está dedicada a esse aspeto, há uma sala mais vaga sobre a agua, mais para que se entenda que isto não passa de uma grande estratégia para o território todo e não só para aquele espaço pequeno, depois em termos de equipamento para além da sala de exposição, nós temos os painéis físicos, réplicas manuseáveis, equipamentos multitoque, sobretudo para as questões mais abstratas que permitam a pessoa ir aprendendo ao seu ritmo determinados temas como os aquedutos e alguns objetos originais.

18) Realizam **eventos especiais** tais como recriação de eventos históricos ou outros eventos (ex. festas, eventos em dias comemorativos)? Dirigidas a quem? O que fazem nesses dias?

Não, porque não existia à época, não há tradição. As minas contemporâneas já têm essa possibilidade. Marcamos sempre efeméride, mas é uma comunicação pontual. O elemento que tínhamos em que o Município estava a estruturar durante o projeto era o festival do ouro romano que deixou de se efetuar a partir do momento em que três minas passou a ter uma oferta turística a tempo inteiro e daí foi atraindo pessoas, mas era pontual, a partir do momento em que o centro interpretativo abre portas todo o ano deixa de ser preciso, abrir um fim de semana, preparar a mina para receber visitas, porque ela está preparada para todo o ano.

19) Que outras técnicas de interpretação, ou seja, técnicas para apresentar e fornecer informação sobre as minas utilizam?

Dar como exemplos:

- Informação impressa (ex. folhetos, brochuras);
- Seminários ou *workshops*;
- Técnicas utilizando tecnologias (ex. realidade virtual, realidade aumentada, aplicações móveis, terminais de computador, audioguias, filmes);
- Experiências multisensoriais;
- Demonstrações de tarefas/atividades feitas pelo staff;
- Fomentar a participação ativa dos visitantes em atividades relacionadas com as minas.

Depois pedir que descrevam resumidamente as técnicas que implementam para perceber como elas são implementadas.

Sim. A estratégia que utilizamos com folhetos para o público em geral, para as famílias, folhetos para próprio Ouro, no sentido mais técnico do que é preciso para fazer uma visita, e um folheto mais institucional do município de Vila Pouca de Aguiar, por estratégia do município, há uma coleção de folhetos que saem de um folheto principal, e TrêsMinas vem de um folheto principal, até a um folheto mais técnico. Existe uma pequena pagela, um folheto próprio e depois a Ouro também tem um folheto mais

direcionado a marcação de visitas e horários, em relação aos seminários já é uma estratégia para manter um público mais científico realizamos em 2014 um espécie de congresso sobre o que se sabia sobre TrêsMinas até aquela data e também sobre o projeto, em 2017 fizemos nova edição e 2016, também tínhamos feito uma iniciativa mais perto de um sítio arqueológico dentro do complexo mineiro, vamos fomentando este tipo de iniciativas, que ocorrem quando há trabalhos para apresentar. Em relação à tecnologia é um documentário que se criou para o centro interpretativo, com imagens tridimensionais e com sequências de animação que dentro do discurso da apresentação facilita bastante a compreensão. Não temos nenhuma aplicação para telemóvel e os equipamentos multitoque que estão no centro interpretativo remetem também para o que está neste documentário, portanto em paralelo com o discurso físico do centro interpretativo, há este documentário em que sem se fazer grande distinção entre realidade aumentada ou fotografia ou vídeo que se narra a história do local.

Existe na área exterior do centro interpretativo dois moinhos à escala, um moinho de marcha lenta e um moinho de pilões, que estão em funcionamento, as pessoas podem experimentar triturar rocha e moela, porque o objetivo dos equipamentos é simplificar e perceber melhor o trabalho que era feito.

21) De que forma foram feitas as escolhas das técnicas de interpretação a usar na atração.

c) De que forma participou na conceção do projeto?

Quando entrei no projeto, o projeto já existia. O projeto nasce de uma vontade bem definida do executivo municipal, que não é o executivo atual, quando entrei para o projeto o ponto de situação era basicamente, a existência de grelhas nas galerias, já estava, fechadas essa parte, tinha-se constituído um museu e pretendia-se de alguma forma valorizar TrêsMinas e a minha entrada no projeto é precisamente por aí, dentro da história local encontrar um espaço para TrêsMinas, daí em diante a minha participação foi a busca por parcerias, o acompanhamento dessas parcerias, no desenvolvimento de projetos até ao centro interpretativo, com o centro interpretativo, exclusividade com o projeto e todo o tipo de tarefas relacionadas, até 2015 o alicerce era o museu municipal e TrêsMinas um dos pontos, a partir da abertura do centro interpretativo, e não sendo como em outros concelhos em que os técnicos do município têm que se desdobrar em várias tarefas, o meu trabalho desde 2015 até esta data é exclusivo, é aquele sítio que é o centro do projeto.

d) De que forma participa ativamente no projeto?

Eu sou coordenadora do Centro Interpretativo e responsável pela operacionalização das atividades do complexo mineiro de TrêsMinas.

a. Qual o *feedback* da comunidade sobre a atração?

Uma das dificuldades era a comunidade local. A comunidade local sempre foi muito racionaria em relação ao projeto, quando o projeto tinha cabeça em Vila Pouca de Aguiar, ou seja, quando eles não tinham qualquer tipo de retorno, nenhum tipo de contacto com as pessoas que iam visitar os seus lagos, que é a forma como eles se referem as minas e a partir do momento em que abrimos o centro interpretativo com esta dinâmica de todo o ano, sete dias por semana a comunidade tem aderido muito bem, utiliza o centro interpretativo nos seus encontros sociais, portanto já adotou o equipamento como seu, como parte da freguesia como parte das dinâmicas locais. Já existia um negocia desde que se tinham fechado as galerias, começando a definir alguns trilhos que era uma taberna regional, neste momento existe um alojamento local que já decorre do facto dos turistas se deslocarem à localidade, visitarem as minas, passearem pela localidade, fomenta um bocadinho a iniciativa privada.

b. Qual o *feedback* da participação da comunidade local neste projeto?

O feedback é positivo em relação ao centro de interpretação em relação ao resto, em boa verdade, como não há tradições, não há relação do quotidiano desta população e a zona superior da montanha, onde para eles, só existiam lagos, o seu projeto é o Centro Interpretativo.

22) Promovem momentos de interação entre os visitantes e a comunidade?

Sim, ainda que a promoção seja por estarmos no centro da localidade, tem mais a ver com isso, até porque a intenção não é dispersar a população pela localidade, uma vez que o centro interpretativo está no centro da aldeia essa interação é mais fácil, há este contacto permanente, também sensibilizamos a população no início para as indicações, sabem os horários, e todas as indicações que devem dar a um turista para chegar ao Centro Interpretativo, chama-los a participar nesse aspeto, ajudar-nos a trazer as pessoas para um local que é bastante isolado, isso funcionou bem.

22) Existe uma **loja de recordações** relativas à atração? Com que tipo de produtos?

Existe. Uma loja e uma cafetaria têm sobretudo como objetivo o turista. Portanto o que nós temos são produtos locais, ou seja, trabalhos de artesão locais, esteve em curso um

atelier na localidade e também na localidade de Jales, relacionados com a mina, em Jales as pessoas fazem mais esta exigência porque têm uma ligação muito mais forte com a mina, uma vez que a viram no ativo, é uma ligação real. Existe na loja estas coleções de bijuteria relacionada com a mina, temos licores de produtores locais, e uma gama de materiais relacionados exclusivamente a Trêsminas, desde ímanes, *T-Shirts*, bombons, marcadores de páginas, cadernos, nós vamos também variando e acrescentado a uma gama inicial que era muito reduzida outros elementos, criando-se uns e tirando outros quando não tinham tanta saída, temas réplicas de peças arqueológicas para os que vêm mais focados na arqueologia.

Apêndice 3 - Respostas à entrevista dos vereadores do município de Castelo de Paiva

Vereadora do Turismo

1) Para o município de Castelo de Paiva, qual a importância do legado das Minas do Pejão, enquanto elemento identitário cultural?

O legado patrimonial resultante da exploração mineira do Pejão é de facto um elemento singular e identitário do concelho de Castelo de Paiva. Este resulta de quase um século de exploração mineira onde grande parte da população concelhia trabalhou. Aliás, não só a população concelhia de Castelo de Paiva, como a dos concelhos limítrofes.

Por ter causado um impacto tão característico quer na paisagem quer na comunidade, que como referi, não é só a do concelho de Castelo de Paiva, as Minas do Pejão, são de uma importância inegável para toda uma região e uma comunidade e, obviamente, para o município onde estão localizadas.

2) Qual a principal dificuldade, ou motivo, para, ao fim de 25 anos após o fecho das minas, não existir nenhum projeto ligado a este legado?

A principal dificuldade é, sem dúvida, a financeira, embora além desta dificuldade, tenham existido outros fatores que foram contribuindo para que poucas iniciativas tenham sido realizadas, sendo uma delas a venda de uma grande parte do património edificado a

um privado e, logo aí, a perda é grande, pois o município fica impossibilitado de ter qualquer tipo de iniciativa nesse local. Também só mais recentemente se começa a falar na vertente turística ligada às minas, mais concretamente, às comunidades, por isso, só muito recentemente se têm elaborado projetos e atividades para o que outrora foram as Minas do Pejão.

3) Como pretendem, neste momento, ultrapassar as dificuldades financeiras sentidas para que a proteção deste património seja efetiva?

Neste momento, temos alguns pequenos projetos ligados à temática mineira, por exemplo, a reabilitação do Poço do Fojo, um edifício de importância singular no contexto das Minas do Pejão. Temos a ambição de podermos ir complementando estes pequenos projetos com novas atividades, de forma progressiva. Há vários projetos pensados e alguns em implementação. Um deles, o Núcleo de Experiências Turísticas das Minas do Pejão que se baseia numa estrutura panorâmica implementada junto à foz do Rio Arda num território marcado pela vivência mineira. Este é um espaço pensado para reviver as memórias da extração do carvão com recurso às novas tecnologias revisitando o Cavalete do Fojo e as galerias mineiras através da realidade virtual e de um vídeo didática que explica a história de toda a atividade mineira no concelho de Castelo de Paiva. Ainda neste espaço estarão patentes várias peças do espólio mineiro bem como fotografias da época. Este espaço lúdico alusivo às Minas do Pejão foi financiado pelo Norte 2020 através de um Sistema de Apoio às Ações Coletivas.

4) Existem projetos para este legado patrimonial?

a) Se sim, quais?

Como referi anteriormente, a reabilitação do Cavalete do Fojo é umas das nossas grandes apostas, assim como a criação do núcleo de experiências mineiras onde é possível fazer visitas. Este contém uma sala expositora com artefactos ligados à vida na mina e será também possível, através de tecnologia 3D, fazer em modo virtual uma visita ao interior da mina. Este núcleo será localizado junto à ponte centenária de Pedorido, também ligada à exploração do carvão e que está a ser, atualmente, alvo de restauro. Existem também percursos como o trilho do mineiro que vai sendo sempre atualizado e complementado.

5) Pretendem envolver a comunidade local nestes projetos?

a. Se sim, de que forma?

A comunidade local é por si só património, contem as memórias de uma parte substancial da história do concelho e, por isso, é imprescindível a sua colaboração nos projetos que serão implementados, aliás, todos os projetos que neste momento temos em desenvolvimento têm a participação ativa da comunidade, seja na cedência de material para o núcleo de experiências, seja na contribuição de todo o seu know-how. Trabalhamos em estreita parceria com associações ligadas à defesa do património mineiro e assim pretendemos continuar, pois é na constituição de parcerias que se enriquecem os projetos.

6) Já existiu a possibilidade de efetuar um projeto turístico ligado ao património mineiro?

a. Se sim, de que forma?

Como referi anteriormente, este pensar o legado mineiro como potencial turístico vem sendo acentuado ao longo dos anos, mas não é ainda algo muito comum, pelo menos, em Portugal, embora tenha conhecimento de alguns projetos desta natureza por cá. Além de todos os fatores que referi anteriormente, a mina, a comunidade, o património material e imaterial são pertença de um território deslumbrante no que toca ao património natural. O Douro dispensa adjetivos e as serras são ricas em fósseis, formados conjuntamente com o carvão que mais tarde foi explorado. Quero com isto dizer que estão aqui reunidos variadíssimos fatores que são para nós aliciantes. Para já, e devido a toda as dificuldades que o município sente, vamos implementando os projetos que referi anteriormente.

7) Quais os indicadores (se existirem) que levam à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às Minas do Pejão?

Os indicadores são ótimos como acabei de enumerar na resposta anterior, ou seja, devido às características do território, há aqui a possibilidade de um desmembramento em múltiplas ofertas turísticas que podem atingir várias tipologias de visitantes, podemos dar o exemplo do turismo de natureza, o *slow-tourism*, o turismo gastronómico, que aliadas ao turismo de minas podem criar um pacote muito interessante.

8) Entendem ser importante o envolvimento da comunidade local na dinamização de um produto turístico ligado às minas?

a. Se sim, de que forma?

Mais do que importante é essencial, pois é esta comunidade que faz com que a oferta turística ganhe vida, ou seja, aqui a oferta que se pode apresentar não é estática, este é um território vivo onde as atividades turísticas têm nomes, rostos e histórias, permitindo a quem nos visita uma experiência mais imersiva e, conseqüentemente, mais rica. Só com a comunidade local isto se torna possível.

9) Qual considera ser o potencial de um projeto turístico associado às Minas do Pejão para o concelho de Castelo de Paiva?

Considero que um projeto turístico ligado às minas seria muito benéfico para o concelho. Contribuiria para um maior número de visitantes e, conseqüentemente, a possibilidade de potenciar a criação de novos negócios e emprego. Implicaria mais atividade e movimento, mas de maneira equilibrada, pois para um concelho de natureza como o nosso, o turismo tem de ser sustentável. Além de que, esta seria a forma de preservar e poder vivenciar uma parte que tanto marcou a história do concelho de Castelo de Paiva.

Vereador da Cultura

1) Para o município de Castelo de Paiva, qual a importância do legado das Minas do Pejão, enquanto elemento identitário cultural?

O Couto Mineiro do Pejão foi um dos maiores complexos de extração mineira do país, e é uma marca inquestionável da história recente do concelho de Castelo de Paiva. Após o encerramento daquela exploração mineira, em 1994, o património edificado mantém-se

como testemunho desse magnífico legado e representa, ainda hoje, para muitas famílias mineiras a única âncora e o elo cultural, por excelência.

A exploração em Castelo de Paiva decorreu durante cerca de 150 anos, entre a década de 50 do século XIX até finais do século XX. Durante esse largo período, as Minas do Pejão marcaram profundamente a vivência no nosso concelho, não só pela criação de emprego, mas também pela relação sócio cultural que se estabeleceu. São muitas as marcas deixadas ao nível das atividades culturais, sociais e desportivas.

Esse legado, corresponde a uma parte significativa da história recente do concelho, razão pela qual se reveste de especial importância.

2) Qual a principal dificuldade, ou motivo, para, ao fim de 25 anos após o fecho das minas, não existir nenhum projeto ligado a este legado?

Existem já diversos projetos ligados a este legado. Apesar disso, a sua implementação foi atrasada durante muito tempo, essencialmente pela incapacidade financeira em desenvolver as atividades e obras necessárias. Um dos maiores inconvenientes para o desenvolvimento de uma estratégia de salvaguarda coletiva do legado das Minas ficou a dever-se à alienação de uma grande parte do património mineiro a um particular no início do século XXI. Contudo, destaco aqui a estratégia que foi desenvolvida nos últimos anos com vista à proteção daquele legado e ao desenvolvimento de projetos e ações que visam preservar a memória e tornar o território do Couto Mineiro do Pejão mais atrativo do ponto de vista turístico, nomeadamente:

-Lançamento de diversas edições de livros sobre o tema, com destaque para o registo fotográfico da coleção de Adriano Miranda;

-Exposição temática desenvolvida no Poço de Germunde I;

- Criação do Núcleo de Experiências Turísticas do Pejão, com uma estrutura de visita no parque do Choupal, em Pedorido;

-Criação de filme pedagógico sobre as Minas do Pejão, com toda a sua história;

-Criação de uma aplicação que permite em realidade virtual fazer a visita ao cavalete do fojo e às galerias que aí existiram;

-Apresentação da candidatura, que se prevê possa ser executada ainda este ano, para a requalificação do Cavalete do Fojo, tornando-o num centro de visita e interpretação da história das Minas;

3) Como pretendem, neste momento, ultrapassar as dificuldades sentidas para que a proteção deste património seja efetiva?

A proteção deste legado, face às dificuldades financeiras existentes, passa pelo desenvolvimento de projetos de menor dimensão, que paulatinamente permitam complementar-se.

4) Existem projetos em curso para este legado patrimonial?

b. Se sim, quais? – Já foi respondido na pergunta 2

5) Pretendem envolver a comunidade local nestes projetos?

a. Se sim, de que forma?

A comunidade local faz parte da estratégia que está a ser desenvolvida. Para o efeito e no âmbito dos projetos em curso foram estabelecidas parcerias com:

-A união de freguesias de Raiva, Pedorido e Paraíso;

-A Banda de Música dos Mineiros do Pejão;

-ARCAF – Associação recreativa e cultural e ambiental de Folgoso;

-Grupo de Dinamização de Pedorido

-ADEP – Associação de defesa e estudo do Património

6) Já existiu/ existe a possibilidade de efetuar um projeto turístico ligado ao património mineiro? Se sim, de que tipo e qual o nível de realização respetivo?

O projeto de intervenção como projeto turístico começou a ser trabalhado com base na monografia apresentada pelo prof Jorge Custódio. Mais recentemente, foi trabalhado uma

estratégia de promoção turística com base em percursos pedestres e de turismo de natureza. Destaca-se o Percurso viver o douro, já em Obra, o PRII das Minas, já implementado e o projeto de um percurso das Minas do Pejão (complementar ao PRII)

7) Quais os indicadores (se existirem) que levam à possibilidade de realização de um projeto turístico ligado às Minas do Pejão?

O turismo temático tem indicadores de procura relevantes. A estratégia que está a ser implementada permitirá associar o turismo temático ligado às Minas, mas também de base cultural e de turismo de natureza.

8) Entendem ser importante o envolvimento da comunidade local na dinamização de um produto turístico ligado às minas?

a. Se sim, de que forma?

Já respondido na pergunta 5

9) Qual considera ser o potencial de um projeto turístico associado às Minas do Pejão para o concelho de Castelo de Paiva?

Um projeto turístico associado às Minas do Pejão potenciará por um lado a atratividade de novos mercados turísticos e por outro lado a promoção de atividades pedagógicas que atrairão públicos diferenciados de todo o território. Acresce que a localização privilegiada que o nosso território tem, por força da sua proximidade ao Porto e ao Rio Douro, potencia a atração de muitos turistas que, com base no Porto, estão cada vez mais a explorar o Douro. (Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)(Spradley, 1980)

Apêndice 4 - Respostas à entrevista a elementos da comunidade local e potenciais parceiros na dinamização turística do território mineiro

Entrevistado 1

- 1) O que representam para si, as Minas do Pejão e o seu legado enquanto património e cultura da sua região?

Desde pequeno, senti-me envolvido por um mundo imaginário resultante das inúmeras histórias que eram contadas sobre as Minas do Pejão. Agora, em adulto, continuo a sentir e, também, a constatar, em toda a comunidade de Castelo de Paiva, uma enorme influência diária do antigo património material e imaterial das Minas, bem como, uma enorme curiosidade pessoal por tudo o que está relacionado com elas.

- 2) Entende que seja importante para a comunidade local a preservação e dinamização do património ligado às Minas do Pejão?

Mais do que importante, considero imperativo e urgente pois, o mesmo representa uma das mais importantes bases culturais desta comunidade e, também, pelo facto desse património estar em risco de desaparecer.

- 3) No seu entender, o legado das Minas do Pejão tem potencial turístico?

Sem dúvida. Por várias razões. Entre elas, por exemplo, a riquíssima história das mesmas existente ainda na tradição oral, em registos escritos (jornal “O Pejão”) e em inúmeras e antigas estruturas de exploração de carvão distribuídas por três enormes áreas separadas espacialmente nesta comunidade Choupelo-Fojo-Germunde (existindo também edifícios no Porto), o de ter sido uma grande empresa a nível nacional ao longo de mais de 100 anos, incluindo as guerras mundiais, a proximidade do Rio Douro e a proximidade das cidades do Porto, Aveiro e Penafiel.

- 4) Entende que o turismo possa ser essencial na proteção, preservação e dinamização do legado mineiro? Se sim, de que forma?

Sim, principalmente, pelo facto de atualmente não existir, na região, um movimento vigoroso e concertado com o intuito de preservar o seu passado histórico. A aposta no turismo, além de permitir a recuperação e conservação do passado histórico iria, também, criar e reforçar os laços identitários, sociais e económicos da atual comunidade.

5) Do seu ponto de vista, que experiências turísticas entende serem possíveis de realizar no território mineiro?

Proponho alguns exemplos:

- Dinamização de um percurso, através do caminho das antigas linhas de comboio, para um comboio turístico (poderia ser um veículo a simular um comboio, como se vê na generalidade das cidades turísticas), desde Germunde até ao Choupelo;
- Criação de um Museu sobre as Minas do Pejão;
- Organização de Caminhas/Visitas aos diversos pólos de exploração das Minas;
- Organização de visitas ao interior das minas (Galerias de Germunde);
- Elaboração de mapas, esquemas e painéis gráficos históricos sobre as Minas do Pejão.
- Elaboração de simulações 3D históricas sobre as Minas do Pejão.

6) Entende que a participação da comunidade local na dinamização de experiências turísticas seria interessante? Se sim, que experiências turísticas pensa que a comunidade local possa desenvolver relativamente a este legado mineiro?

Sim. Proponho alguns exemplos:

- Adaptação dos complexos hoteleiros e de restauração à temática das Minas;
- Dinamização da produção e distribuição de artesanato relacionado com a temática das minas.
- Constituição de uma equipa que promovesse a dinamização de representações históricas teatrais / musicais em espaços e horários pré-definidos com o intuito de divulgar a história da região através das artes cénicas.

7) Estaria disposto a participar enquanto parceiro na dinamização turística de um projeto mineiro ligado às Minas do Pejão?

Sim.

a. Se sim, de que forma poderia ser?

- No meu caso pessoal, poderia contribuir com a elaboração de mapas, esquemas e painéis gráficos históricos que poderiam ser utilizados num futuro museu sobre as Minas do Pejão, ou colocados junto dos principais edifícios das antigas minas.

8) Do seu ponto de vista, que impacto teria na comunidade local e na região, a dinamização turística do legado das Minas do Pejão?

Teria um impacto extremamente positivo, quer em termos da recuperação e conservação do património material e imaterial das Minas do Pejão, quer em termos humanos, na elevação do orgulho da população e no fortalecimento da economia local.

9) De que forma perceciona, na atualidade, as Minas do Pejão e quais os seus desejos futuros, para este legado, tendo em conta o que outrora foram essas minas?

Atualmente, as Minas do Pejão estão voltadas ao abandono, quer fisicamente, quer culturalmente. Tendo em conta o contributo que estas minas forneceram a esta comunidade no passado, o que está a acontecer atualmente poderá, quase, ser considerado um “crime lesa-pátria”.

No mínimo desejaria que fosse erigido um museu sobre as Minas do Pejão. Ficaria extremamente contente, se para além da edificação desse desejável museu fossem também dinamizadas diversas atividades turísticas que envolvessem todas as zonas da Minas e a Comunidade local.

Entrevistado 2

1) O que representam para si, as Minas do Pejão e o seu legado enquanto património e cultura da sua região?

As Minas do Pejão foram a única empresa em que trabalhei durante a minha vida. Foram 45 anos dedicados a esta empresa e a minha vida resume-se, por isso, em grande parte, à mesma. A empresa desenvolveu uma parte social bastante sólida que aproximava a população da empresa. Nesta parte social estava, aliás, incluída a construção de bairros para os seus trabalhadores, num dos quais vivi com a minha família e onde me foi oferecido tudo aquilo que necessitava.

Durante o seu funcionamento, esta deu vida ao concelho de Castelo de Paiva, através das suas muitas atividades, como por exemplo, a criação de uma banda de música, da qual fiz parte. Conclui-se, assim, que as minas foram, de facto, um autêntico oásis durante a sua existência para comunidade local e que transformaram, por completo, o concelho de Castelo de Paiva e possuem por isso, ainda, atualmente, uma grande importância na região.

- 2) Entende que seja importante para a comunidade local a preservação e dinamização do património ligado às Minas do Pejão?

Sim. Foi um marco tão importante na região que merece algum investimento.

- 3) No seu entender, o legado das Minas do Pejão tem potencial turístico?

Sim. Tem boas instalações para serem utilizadas. As suas instalações principais estão localizadas numa das margens do Rio Douro, o que pode acabar por ser bastante atrativo para turismo.

- 4) Entende que o turismo possa ser essencial na proteção, preservação e dinamização do legado mineiro? Se sim, de que forma?

Sim, penso que sim. Aliás, como é possível observar pelas cidades portuguesas, o turismo atrai bastante investimento, o que é essencial para a preservação de certos edifícios e, principalmente, das memórias destes.

- 5) Do seu ponto de vista, que experiências turísticas entende serem possíveis de realizar no território mineiro?

A criação de um museu, através do qual se exibia o modo de vida da altura da comunidade local. Através deste museu podiam ser realizadas visitas de estudo pelos vários locais antes pertencentes ao território mineiro.

- 6) Entende que a participação da comunidade local na dinamização de experiências turísticas seria interessante? Se sim, que experiências turísticas pensa que a comunidade local possa desenvolver relativamente a este legado mineiro?

Penso que a participação da comunidade local seria interessante, devido ao seu conhecimento e experiência.

- 7) Estaria disposto a participar enquanto parceiro na dinamização turística de um projeto mineiro ligado às Minas do Pejão?

Obviamente.

- b. Se sim, de que forma poderia ser?

Trabalhei durante 45 anos na empresa e, por isso, poderia partilhar o conhecimento que adquiri sobre a mesma e sobre o seu funcionamento, da melhor forma que pudesse.

- 8) Do seu ponto de vista, que impacto teria na comunidade local e na região, a dinamização turística do legado das Minas do Pejão?

A dinamização turística seria um excelente para região em geral, que acabou por ficar um bocadinho esquecida e ao abandono com o fecho das minas. Seria uma ótima forma de despertar o mundo para a beleza desta região.

- 9) De que forma perceciona, na atualidade, as Minas do Pejão e quais os seus desejos futuros, para este legado, tendo em conta o que outrora foram essas minas?

Trabalhei 45 anos na empresa e, entretanto, já passaram quase mais 40 anos e considero que, até hoje, nada se fez para aproveitar o legado material e imaterial que estas deixaram. É de lamentar. Desejo que algo seja feito para aproveitar este legado, principalmente, por tudo o que este nos deu enquanto comunidade. Tenho recordações da minha vivência durante o tempo que trabalhei nas instalações da mina que nunca mais esquecerei e desejo, por isso, que estas sejam recordadas para futuras gerações.

Entrevistado 3

- 1) O que representam para si, as Minas do Pejão e o seu legado enquanto patrimônio e cultura da sua região?

Representa a memória viva duma população, que ao longo de centenas de anos solidificou uma identidade ligada à sua vivência, tanto no trabalho das minas, como no meio envolvente e que nos diferenciam dos demais.

- 2) Entende que seja importante para a comunidade local a preservação e dinamização do patrimônio ligado às Minas do Pejão?

Sim, é fundamental. Continua a existir, 26 anos após o seu encerramento, uma forte convivência e camaradagem na comunidade mineira, que se reflete no carinho com que abordam os problemas que vão afetando tudo o que se relaciona com a história dos seus familiares atualmente vivos e falecidos. Quando na comunidade escolar se efetuam exposições sobre a mina, é impressionante as referências que os jovens fazem às histórias que os seus pais e avós lhes contaram sobre a sua vida de trabalho. É manifesto o legado que foi deixado às gerações futuras através de um processo simbólico de legitimidade social e cultural através de várias referências físicas e mentais e de objetos existentes que conferem a esta comunidade um sentimento coletivo de identidade.

- 3) No seu entender, o legado das Minas do Pejão tem potencial turístico?

Sim. Ainda existe todo um conjunto de referências património / históricas / culturais que potenciam a atração de visitantes, uma vez que estas minas são as únicas conhecidas com locais, ainda disponíveis, para visitas de estudo e conhecimento.

- 4) Entende que o turismo possa ser essencial na proteção, preservação e dinamização do legado mineiro? Se sim, de que forma?

Sim. Envolvendo a população no sentido de se dinamizarem projetos que criem postos de trabalho assim como fixação de pessoas originando e gerando ainda a autossustentação financeira das iniciativas. É fundamental que se preserve, pois assim as populações identificam-no como “seu” este pedaço do passado sobre a forma de símbolo passando assim a ter uma vinculação direta.

- 5) Do seu ponto de vista, que experiências turísticas entende serem possíveis de realizar no território mineiro?

Visitas guiadas/temáticas a locais ainda existentes e preservados; roteiros, geologia, estudo e extração de fósseis, viagens ao interior numa galeria, visita às instalações e estruturas existentes, conhecer um barco de transporte de carvão/Rabão carvoeiro.

Conhecer a rica e notável história da Banda dos Mineiros com programação de concertos assim como as escolas de música que a banda dinamiza, etc.

Recriação da Casa do Mineiro (Casa da Malta); e espaço de recolha de elementos imateriais, com a instalação de um Centro de Documentação através da dinamização do seu acervo documental e principalmente do conhecimento e memória disponíveis entre os elementos que compõem o pessoal existente mineiro. A Casa do Mineiro existiria como uma exposição permanente que ilustrasse a vivência das populações mineiras, expondo os objetos, as memórias, os símbolos e as carências que constituíam o dia-a-dia destas famílias.

- 6) Entende que a participação da comunidade local na dinamização de experiências turísticas seria interessante? Se sim, que experiências turísticas pensa que a comunidade local possa desenvolver relativamente a este legado mineiro?

Sim. Mineiros a guiarem e explicarem a sua vivência assim como contadores de histórias; conhecer o património musical, banda dos mineiros, pois é composta ainda por descendentes de mineiros; venda de artefactos mineiros, gasómetro, baú, pico, etc.

- 7) Estaria disposto a participar enquanto parceiro na dinamização turística de um projeto mineiro ligado às Minas do Pejão?
- a. Se sim, de que forma poderia ser?

Sim. Dando a minha experiência de trabalho na ECD durante 21 anos e vivência pessoal pois nasci e vivi no bairro mineiro de Germunde. Colaboração como participante no movimento associativo muito ligado á questão mineira.

- 8) Do seu ponto de vista, que impacto teria na comunidade local e na região, a dinamização turística do legado das Minas do Pejão?

Dinamizaria o turismo cultural, gastronómico, paisagístico, tradições, desporto de montanha e aquático e o conseqüente retorno económico/financeiro. Realçava e alertava para a necessidade de melhores acessibilidades dos grandes meios urbanos para esta região assim, como de outras infraestruturas.

- 9) De que forma perceciona, na atualidade, as Minas do Pejão e quais os seus desejos futuros, para este legado, tendo em conta o que outrora foram essas minas?

Reativação dos valores materiais e imateriais ainda existentes, tendo em conta de que são na atualidade, as únicas minas de carvão com possibilidade de mostrar ao público nacional e internacional, a sua grandiosidade de outrora.

Entrevistado 4

- 1) O que representam para si, as Minas do Pejão e o seu legado enquanto património e cultura da sua região?

O Couto Mineiro do Pejão pode considerar-se como sendo o maior legado histórico-cultural do século XX no concelho de Castelo de Paiva, não tanto pela atividade industrial desenvolvida na extração e comercialização do carvão mineral, mas, mais, pela ação social prestada a todos os seus trabalhadores e respetivas famílias, pela última empresa concessionária, a Empresa Carbonífera do Douro, Lda, (ECD, Lda).

Esta foi, ao tempo, uma empresa ímpar e exemplar no país. Daí que, quanto a mim, mereça ser reconhecida como tal, e por isso, entenda que deve ser preservado o que resta do seu património físico, cultural e social, que semeou em toda a população mineira do concelho de Castelo e Paiva e várias regiões de concelhos limítrofes.

- 2) Entende que seja importante para a comunidade local a preservação e dinamização do património ligado às Minas do Pejão?

Pelo que antes referi, entendo ser importante, quer para a comunidade local, quer para o concelho e até para a região envolvente, a preservação e dinamização do que resta do património constituído em todas as zonas do Couto Mineiro do Pejão, desde o Choupelo (Pejão) até Germunde e Póvoa.

- 3) No seu entender, o legado das Minas do Pejão tem potencial turístico?

Como descrito no meu livro Minas do Pejão – Memórias, o legado do Couto Mineiro do Pejão tem potencial turístico bastante para ser potencializado e sobreviver a qualquer crise, se adequadamente constituído e moldado na memória

do que foram as minas, procurando implementar-se algumas atividades que transmitam aos visitantes, o quotidiano das suas vivências.

- 4) Entende que o turismo possa ser essencial na proteção, preservação e dinamização do legado mineiro? Se sim, de que forma?

É evidente que recriar novas formas de vida e atividades novas nos territórios antes usados pelas empresas concessionárias, trará substancial acréscimo de valor, atendendo às circunstâncias atuais, em que o seu estado degradado e esquecido, a ninguém aproveita. Pelo que será altamente positivo tratar da proteção, preservação e dinamização desse legado mineiro.

Pergunta-me de que forma? Bastará que se criem condições para visitas guiadas aos locais mais emblemáticos do Choupelo, Pejão, Fojo, Estação, Pedorido, Germunde e Póvoa, para falarmos apenas do legado deixado em Castelo de Paiva. São necessárias reparações de caminhos e acessos a diversos locais, onde possam ser instalados expositores contando em texto e imagem, um pouco da história de cada local. Escusado será dizer que é imprescindível a manutenção e limpeza de caminhos e acessos a esses mesmos locais, em contínuo ao longo do tempo, para que não morram ou fiquem adormecidos, como acontece agora.

- 5) Do seu ponto de vista, que experiências turísticas entende serem possíveis de realizar no território mineiro?

Do ponto de vista de criação de infra-estruturas turísticas, mas não só, em algumas zonas estratégicas, seriam em primeiro lugar, e para arranque, o que referi na resposta anterior. Em seguida, poderia ser implementado um comboio turístico, no circuito da ex-linha férrea entre a Estação e Pedorido, por baixo da igreja, até à lingueta, depois de atravessar a ponte ro-ferroviária, do século XIX. Em Pedorido, na margem do Douro, junto à igreja, seria de adaptar um cais acostável para barcos turísticos. Os passageiros dos futuros barcos acostados seriam, só por si, os alimentadores do circuito do comboio e ainda os utilizadores de grande parte das infra-estruturas que se viessem a recriar-se em Germunde. A par do caminho-de-ferro poderia ser criado um outro circuito pedestre, de manutenção física, para

desportistas, e amantes da natureza e de caminhadas. Numa fase posterior, poder-se-ia implementar em Germunde um complexo turístico com hotel, restaurante, salas de conferência, cinema, teatro, piscinas, parque de lazer, etc. O Hotel teria de ser tipicamente mineiro, em que as antigas residências de engenheiros e técnicos seriam transformadas em apartamentos de pernoita. Ainda em Pedorido, seria de recriar uma passagem fluvial entre Pedorido e Rio Mau, para captar pessoas da margem direita do Douro.

- 6) Entende que a participação da comunidade local na dinamização de experiências turísticas seria interessante? Se sim, que experiências turísticas pensa que a comunidade local possa desenvolver relativamente a este legado mineiro?

Em relação a essa pergunta, estou certo de que a Comunidade local participaria, de peito aberto, na dinamização recriada no Couto Mineiro, em qualquer uma das zonas mencionadas, sem que para isso haja necessidade, por agora, de especificar o modo como aderiria a essas experiências.

- 7) Estaria disposto a participar enquanto parceiro na dinamização turística de um projeto mineiro ligado às Minas do Pejão?

A minha participação, ainda que modesta, como parceiro na dinamização de um projeto mineiro, para essa região, já começou com o lançamento do livro Minas do Pejão – Memórias. Esta obra constitui, só por si, um mini-museu, ambulante e pessoal, para quem a possa adquirir. É já uma memória futura, que muitos terão oportunidade de disfrutar. E com os meus quase 83 anos, talvez ainda pudesse dar uma pequena colaboração na dinamização que viesse a ser projetada para a região, pelo menos como par conselheiro!

- 8) Do seu ponto de vista, que impacto teria na comunidade local e na região, a dinamização turística do legado das Minas do Pejão?

O impacto da dinamização turística no concelho e na região não é mensurável no momento, dada a inexistência de qualquer ante-projecto, todavia adivinha-se que

será, certamente, de grande alcance, caso se venha a concretizar. Assim o creio e espero.

- 9) De que forma percebe, na atualidade, as Minas do Pejão e quais os seus desejos futuros, para este legado, tendo em conta o que outrora foram essas minas?

Se as entidades locais e regionais puderem e quiserem juntar esforços para lançar mãos à obra, toda a região sairá beneficiada. O meu desejo é que o futuro dessa dinamização não tarde, porque se tardar, poderá ser tarde demais. Bem hajam os que se aventurarem nesta tarefa.

Apêndice 5 – Hino dos Mineiros do Pejão

Somos mineiros valentes

e desportistas leais,

Nossas almas são ferventes

Têm anseios iguais

Só uma fé nos anima

Temos um só ideal

Enriquecendo a mina

Engradecer Portugal

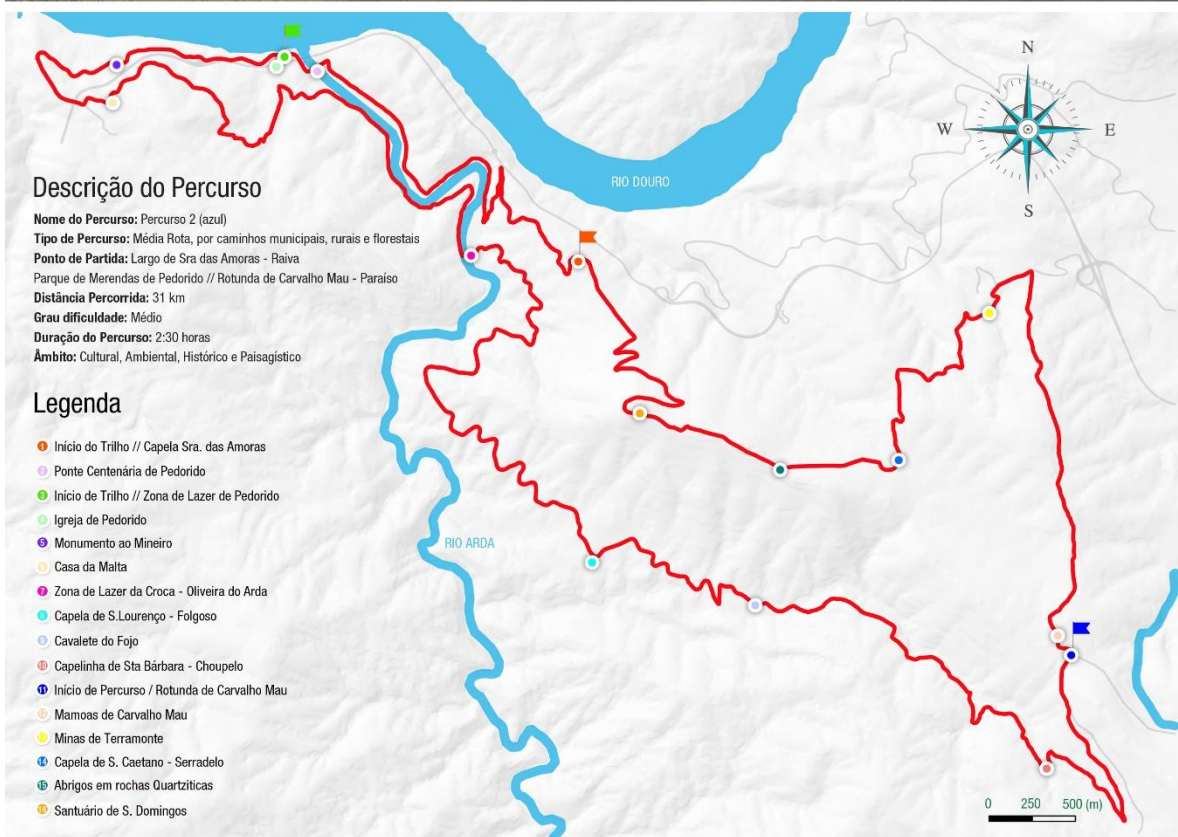
Cantemos, pois, com firmeza

Do fundo do coração

Guarde Deus a nossa empresa

Viva a família Pejão

Apêndice 6 - Trilho do Mineiro



Regras de conduta

- Circule apenas em trilhos abertos
- Não deixe vestígios da sua passagem
- Tenha controlo sobre a sua bicicleta
- Ceda sempre a prioridade
- Utilize sempre capacete
- Nunca assuste os animais
- Não danificar a flora
- Planeie antecipadamente o seu passeio
- Tenha atenção à possibilidade de cruzamento com veículos motorizados nos caminhos públicos sinalizados
- Respeite a sinalização específica de condicionamento de utilização dos trilhos por razões ambientais ou de manutenção
- Circule sempre acompanhado

Sinalética Existente



Perfil do Percurso

O Percurso é circular, definindo-se apenas num único sentido devidamente sinalizado a cada mudança de direcção.

